

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**A gênese do *Caderno 11* de
Carolina Maria de Jesus**

Leticia Guimarães Martins

Dissertação de mestrado orientada pelo Prof. Doutor João
Dionísio, especialmente elaborada para a obtenção do grau de
Mestre em Crítica Textual

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**A gênese do *Caderno 11* de
Carolina Maria de Jesus**

Leticia Guimarães Martins

Dissertação
Mestrado em Crítica Textual

2017

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor João Dionísio, pela generosidade, confiança, orientação, paciência e por despertar meu interesse pela crítica genética.

À Prof^ª. Doutora Esperança Carneira, pelo incentivo e contribuição.

Ao Prof. Doutor Ivo Castro e à Prof^ª. Doutora Cristina Sobral, pelos conhecimentos e pela receptividade.

Às Prof^ªs. Doutoras Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho, pelos ensinamentos.

À minha mãe, Flavia Guimarães, pelo apoio incondicional, pelas leituras, por ser meu modelo de mulher guerreira e, principalmente, por tornar meu sonho realidade.

Ao meu pai, Ari Elcio Martins, pela proteção e carinho.

Aos meus irmãos, Breno de Oliveira e Rafael Pissurno, por sempre acreditarem em mim.

À Yana Kaufmann, por toda a ajuda, diálogo e confiança no projeto.

Às minhas colegas Marta Cruz e Helena Sardinha, por terem recebido uma brasileira de braços abertos, sempre com muito amor, compreensão e apoio.

Às minhas amigas Alice Gonçalves, Bianca Vianna, Clara Menezes, Giulia Aquino, Luiza Menezes e Nathalia Linhares, por nunca desistirem de mim.

Ao Lucas Lombardi e à Nathaly Combochi, pelo carinho sempre presente e colaboração.

Aos meus amigos do “timê”, por caminharem sempre ao meu lado. Em especial ao Zé Jepka, por me enviar todo material que encontrava relacionado ao meu tema e Mariana Camurça, pela força.

Aos meus amigos brasileiros em Portugal, essenciais na reta final. Em especial à Marina Ferraz, por não me deixar desistir, e Juliana Espanhol, pelo companheirismo diário.

Por fim, a todos que fizeram parte deste processo indiretamente.

RESUMO

Em 1960, a autora brasileira Carolina Maria de Jesus ganhou reconhecimento ao redor do mundo após a publicação do seu primeiro livro *Quarto de Despejo*, que denunciava a pobreza vivida nas favelas – realidade pouco conhecida na altura. O livro reproduzia diários escritos pela autora em dois períodos: em 1955 e de 1958 a 1960. O responsável pelo tratamento dos diários para publicação foi o jornalista Audálio Dantas, conhecido como o descobridor da escritora enquanto ela ainda morava na favela do Canindé, localizada em São Paulo. A seguinte dissertação pretende analisar o processo editorial desta obra a fim de justificar a necessidade de uma transcrição com normas conservadoras. A proposta final é apresentar uma edição genética de um dos manuscritos que compõem o livro de estreia da autora, o *Caderno 11*, localizado na Biblioteca Nacional do Brasil (47, GAV1, 07), com o objetivo de delinear a criação textual da autora, refletindo sobre a real dimensão da influência do editor no original.

Palavras-chave:

Edição genética; Carolina Maria de Jesus; Caderno 11; diário; *Quarto de Despejo*

ABSTRACT

In 1960, the Brazilian author Carolina Maria de Jesus gained worldwide recognition after publishing her first book *Child of the Dark*, which denounced the poor living conditions in the "favelas" – a reality little known at the time. The book reproduced journals written by the author in two separate periods: 1955 and between 1958 and 1960. The journal's editor was Audalio Dantas, known as the writer's discoverer while she was still living in the Canindé slums, located in São Paulo. The following dissertation aims to analyze the editorial process of the work in order to justify the need for a conservative transcription protocol. Its ultimate goal is to present a genetic edition of one of the manuscripts of the book, the Caderno 11, located in the Brazilian National Library (47, GAV1, 07), and to trace the author's writing process, reflecting upon the real dimension of the publisher's influence on the original.

Keywords:

Genetic Edition; Carolina Maria de Jesus; Caderno 11; journal; *Child of the Dark*

Lista de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1. Reportagem <i>Carolina Maria, poetiza preta</i> , publicada em 25/02/1940 no <i>Folha da Manhã</i> | 21 |
| Figura 2. Carolina de Jesus na favela do Canindé. Imagem do acervo <i>Vida por escrito</i> | 22 |
| Figura 3. Reportagem <i>Carolina, vítima ou louca?</i> publicada em 01/12/1976 na <i>Folha de S. Paulo</i> | 29 |
| Figura 4. Audálio Dantas e Carolina de Jesus | 47 |
| Figura 5. Campanha autoral de revisão presente na página 10 do <i>Caderno 11</i> | 52 |
| Figura 6a. Palavra <i>robustos</i> com traçado da letra <i>u</i> reforçado. (<i>ms</i> p. 66) | 53 |
| Figura 6b. Palavra <i>apuro</i> com traçado da letra <i>p</i> reforçado (<i>ms</i> p. 10) | 53 |
| Figura 7a. Data de 5 de Dezembro (<i>ms</i> . p. 3) | 56 |
| Figura 7b. Data de 7 de Dezembro (<i>ms</i> . p. 11) | 56 |
| Figura 8a. Capa do caderno | 57 |
| Figura 8b. Contracapa do caderno | 57 |
| Figura 9. Digitalização do registro de 5 de Dezembro de 1958, página 3 do Caderno 11 | 59 |
| Figura 10. Cota do manuscrito e numeração sequencial de páginas | 59 |
| Figura 11a. “os filhós” (<i>ms</i> . p. 5) | 60 |
| Figura 11b. “as outras” (<i>ms</i> . p. 6) | 60 |
| Figura 12a – Exemplo do <i> sem ponto em posição inicial: “indisposta” (<i>ms</i> . p. 24) | 61 |
| Figura 12b. Exemplo do <i> sem ponto em posição intermediária: “varias” (<i>ms</i> . p. 1) | 61 |
| Figura 12c. Exemplo do <i> sem ponto em posição final: “esquentei” (<i>ms</i> . p. 40) | 61 |

Lista de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro I: Comparação entre a edição de 1960 de <i>Quarto de Desejo</i> , com a transcrição do manuscrito <i>Caderno 11</i> (ms. p. 43) | 36 |
| Quadro II: Comparação entre manchas no suporte | 58 |
| Quadro III: Letras de Carolina de Jesus | 63 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Introdução | 13 |
| Parte I. Os caminhos para o <i>Quarto de Despejo</i> | 17 |
| 1. <i>Literatura e fome: uma breve biografia de Carolina Maria de Jesus</i> | 19 |
| 1.1. “Eu não trago uma reportagem, mas uma revolução” | 22 |
| 1.2. Repercussão no Brasil e no Exterior | 24 |
| 1.3. Esquecimento | 26 |
| 1.4. Memória | 30 |
| 2. <i>Editando a “voz da favela”</i> | 31 |
| 2.1. Edição e Reimpressões | 32 |
| 2.2. A mão do editor | 38 |
| 2.3. Particularidades linguísticas do <i>Caderno 11</i> | 39 |
| 3. <i>Dantas para além da edição</i> | 47 |
| 4. <i>Análise do manuscrito</i> | 55 |
| 4.1. Nota descritiva | 56 |
| 4.2. Datação | 56 |
| 4.3. Suporte material | 57 |
| 4.4. Composição | 58 |
| 4.5. Organização da página | 59 |
| 4.6. Caligrafia da autora | 60 |
| Parte II. Edição Genética | 65 |
| 1. <i>Apresentação da edição</i> | 67 |
| 2. <i>Edição Genética</i> | 69 |
| 3. <i>Índice de pessoas</i> | 103 |
| Conclusão | 106 |
| Bibliografia | 109 |

INTRODUÇÃO

Negra, migrante mineira, semianalfabeta, mãe solteira, personalidade tempestuosa. De todas as peculiaridades de Carolina Maria de Jesus, uma expressão certamente ganharia destaque na mídia brasileira no início dos anos 1960: a escritora favelada. Em face à elite intelectual e atitudes contraditórias na visão da imprensa, a queda da carreira da autora seria tão brusca quanto sua ascensão: foi de catadora de lixo a escritora de *best-seller*; de porta voz da favela ao completo esquecimento.

O lado de escritora, poetisa, diarista, dramaturga, cronista e compositora¹ de Carolina de Jesus foi descoberto por um jovem jornalista chamado Audálio Dantas em 1958. Foi ao cobrir uma reportagem na favela do Canindé, em São Paulo, que Dantas desvendou diários autógrafos da autora e fez uma promessa: “Tudo isto que você escreveu sairá num livro”. O jornalista trabalhou no tratamento dos diários para publicação e usou a mídia para divulgar a obra *Quarto de Despejo* como um retrato fiel do cotidiano das favelas, que se tornaria um sucesso absoluto de vendas em 1960.

Em 2017, quando se assinalam quarenta anos de sua morte, a autora foi lembrada de forma singela pela mídia. Uma homenagem organizada pela Academia Carioca de Letras, em maio, ganhou destaque nos jornais brasileiros por levantar questões que cercaram de forma constante a recepção do *Quarto de Despejo*. Foi levantando um exemplar da obra que um professor presente no evento afirmou: “O livro ‘Quarto de despejo’ não é literatura. Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”².

A frase retomou críticas feitas ao livro na altura da publicação por críticos literários em relação ao gênero diarístico, à escrita da autora e, em grande parte, à autenticidade do relato, que diziam “ser obra de um espertalhão” (DANTAS, 1993). Entusiastas, por outro lado, defendem as características literárias da escritora e classificam a obra como um documento expressivo acerca de problemas sociais

¹ Carolina de Jesus retrata as mazelas da vida pobre em suas composições, denunciando injustiças e preconceitos (Lavorati, 2014, p. 170). O produto final do seu lado de compositora e intérprete é o disco *Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições*, lançado em 1961 pela gravadora RCA Records.

² Frase tirada no blog *Gente Boa*, do Jornal *O Globo*, publicada em 22/04/2017. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

brasileiros. No entanto, o que une admiradores e críticos é a crença equivocada de que *Quarto de Despejo* é uma obra representativa da escrita da autora.

Desde os anos 1990, trabalhos acadêmicos questionam o tratamento dado ao livro, que excluiu da publicação a complexidade da criação de Carolina de Jesus, transformando a obra em um produto de consumo fácil e rápido sobre a realidade das favelas, pouco conhecida até então.

O professor norte-americano Robert M. Levine e o historiador brasileiro José Carlos Bom Meihy foram pioneiros no estudo dos manuscritos da autora. A parceria deu origem a dois livros póstumos publicados em 1996, *Meu Estranho Diário*, que reúne trechos inéditos encontrados no acervo de Carolina de Jesus, e *Antologia Pessoal*, dedicado à sua poesia.

É também neste período que a pesquisadora Elzira Perpétua, hoje referência no assunto, deu início a seus estudos sobre a autora. Em 2000, defendeu sua tese de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*. O objetivo principal da pesquisa era identificar as diferenças entre os manuscritos e o diário publicado, a fim de relacionar as motivações lógicas, ideológicas e metodológicas que determinaram o processo de editoração e inferir a dimensão do papel de Audálio Dantas no texto final. Apesar do acervo teórico do trabalho contar com subsídios da Crítica Textual e Genética, a pesquisadora optou por não se aprofundar no labor geneticista, “dadas as condições em que o livro foi elaborado – escrito por um, sob a influência do outro e editado por esse outro – e pelo fato de seu manuscrito se apresentar sob a forma do fluxo do discurso oral, que não permite retorno ao texto nem rasura” (PERPÉTUA, 2014, p. 32).

Concordamos que o texto do diário analisado nesta dissertação – o *Caderno 11*, presente na divisão de manuscritos da Biblioteca Nacional do Brasil (47, GAV1, 07) – apresenta raros elementos de gênese. No entanto, acreditamos que é justamente um olhar mais atento aos detalhes genéticos que podem indicar, de forma mais precisa, a real dimensão da influência de Audálio Dantas. Como o diário foi escrito após o encontro com o jornalista, levantamos a hipótese de que a gênese do texto possa revelar aspectos contaminantes no original, influenciados pela autoridade do editor antes mesmo da fixação do texto para publicação.

Consideramos de forma prévia a necessidade de uma transcrição mais fiel dos cadernos da escritora. De acordo com Castro e Ramos (1986, p. 112), “só é boa a

estratégia [da transcrição] que decorre da interpretação correcta do campo bibliográfico do texto”. Em outras palavras, é preciso levar em consideração o conjunto estruturado de unidades bibliográficas a fim de determinar estrategicamente o plano geral da edição. O texto fixado por Dantas (o único disponível atualmente no mercado³) teve como objetivo oferecer uma leitura de fruição para o público em geral. A partir desta análise do campo bibliográfico, identificamos lacunas no que diz respeito ao público especializado. Notamos a necessidade de uma edição destinada a especialistas devido ao crescente interesse pela autora no meio acadêmico brasileiro, principalmente após os anos 1990. Como uma das propostas da seguinte dissertação é apresentar um material que possa ser explorado como um documento linguístico e literário, optamos por normas de transcrição conservadoras (CASTRO, RAMOS, 1986, p. 113).

Com o propósito de delinear o percurso de criação do texto, propor uma edição de normas conservadoras e adentrar os limites da influência de Dantas, o objetivo final deste trabalho é apresentar uma edição genética do *Caderno 11* de Carolina de Jesus.

Na organização final, subdividimos o estudo em duas partes. Na primeira, “Os caminhos para o *Quarto de Despejo*”, levantamos aspectos teóricos sobre a vida e a obra da autora. No capítulo 1, “Literatura e fome”, apresentamos uma breve biografia da escritora e analisamos as condições do surgimento e repercussão do *Quarto de Despejo*. Dando continuidade ao assunto, o capítulo 2 “Editando a ‘voz da favela’” se aprofunda no tratamento dado ao livro por Audálio Dantas. A seção tem como base teórica os fundamentos de Perpétua (2014), que analisaram supressões, acréscimos e substituições feitas pelo editor no preparo para a publicação. De seguida, no capítulo 3, “Dantas para além da edição”, nos aprofundamos na relação da escritora com o jornalista e buscamos reflexos da influência do editor no original. Na seção 4, “Análise do manuscrito”, propomos uma nota descritiva do *Caderno 11* e analisamos aspectos como a datação, o suporte material, a composição e a organização da página do original, com base no modelo de ficha de catálogo analítico apresentado por Armando Petrucci (1984, p. 68).

³ Apesar do livro *Quarto de Despejo* ter sido publicado por quatro editoras (Francisco Alves, Ediouro, Círculo do Livro e Ática), o texto fixado por Dantas foi conservado até a última edição do livro, publicada em 2014 e reimpressa em 2015 pela editora Ática (sobre este assunto, cf. a seção “Edição e Reimpressões”).

Na segunda parte, apresentamos a proposta de edição genética do *Caderno 11*. Em “apresentação da edição”, indicamos um quadro com a chave dos símbolos, que compreende as marcações autorais, respeitando a localização e a cronologia das intervenções autógrafas.

PARTE I

OS CAMINHOS PARA O *QUARTO DE DESPEJO*

“Quando eu não tinha nada o que comer em vez de xingar eu escrevia”

Carolina de Jesus

(JESUS, 2015, p. 195)

1. LITERATURA E FOME: UMA BREVE BIOGRAFIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 em Sacramento, cidade do interior de Minas Gerais, no sudeste do Brasil. Era descendente de escravos, provavelmente levados para a importante região mineira após o declínio da economia do açúcar no norte do país (LEVINE, 1994, p. 56). Foi fruto de uma relação extraconjugal entre um boêmio⁴ e uma lavadeira.

No ano de 1921⁵, foi matriculada na escola Allan Kardec, considerada a primeira instituição de ensino brasileira baseada em fundamentos da religião espírita. A alfabetização foi subsidiada pela patroa de sua mãe, cujas intenções foram narradas pela própria autora, no livro *Diário de Bitita*:

– Eu sou francesa. Não tenho culpa da Odisséia de vocês; mas eu sou muito rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser do tipo sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão. (JESUS, 1986, p. 123).

Na Allan Kardec, completou apenas dois anos letivos, tempo que representa a única educação formal da sua história. (BARACAT, 2006, p. 74).

Em 1923, mudou-se junto à família para uma fazenda em Lajeado, também em Minas Gerais, onde sua mãe conseguiu um trabalho como lavradora. No campo, não deu continuidade aos estudos pela falta de disponibilidade de escolas. Moraram na região até Carolina de Jesus completar treze anos, quando se mudaram para a cidade de Franca, no interior de São Paulo. Nesta altura, a jovem trabalhava como lavradora em uma fazenda e empregada doméstica, na cidade, para garantir seu sustento (BARCELLOS, 2006, p. 25).

A família decidiu depois voltar ao município natal da escritora, Sacramento, no ano seguinte. Passada quase uma década, em 1933, Carolina de Jesus foi presa, junto com sua mãe, pois lia a obra *Os Lusíadas*, de Camões, com o auxílio do *Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil*, publicado no Porto no final do século XIX pelos autores Antônio José de Carvalho e

⁴ A autora deu poucas informações sobre seu pai, que foram registradas na seguinte passagem do livro *Diário de Bitita* (JESUS, 1986, p. 69-70): “Com ampla liberdade, a minha mãe dançava e passeava as noites com os amigos, e foi ficando inebriada com as carícias dos seus amigos de banguê. Foi nestes bailes inzeletos que ela conheceu meu pai. Dizem que era um preto bonito. Tocava violão e compunha versos de improviso. Era conhecido como o poeta boêmio”.

⁵ Dados cronológicos deste capítulo foram retirados da obra *Vida por Escrito: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*, publicada em 2005, organizada pelo pesquisador Sergio Barcellos. O livro faz parte do projeto de mesmo nome que visava mapear, classificar e organizar o acervo da escritora.

João de Deus⁶. Diante do dicionário, moradores da região começaram a difundir a ideia de que a autora estava lendo, conforme seu relato, um exemplar do livro de *São Cipriano*, que ficou conhecido por abranger rituais de ocultismo e exorcismo. A denúncia foi levada ao sargento da região, que ordenou a prisão de Carolina de Jesus pela prática de feitiçaria e sua mãe, por tentar defender a filha sobre as calúnias (JESUS, 1986 *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 290).

Depois do ocorrido, torna-se andarilha até que em 1937, seguindo um fluxo habitual de migração de brasileiras de baixa renda, Carolina de Jesus decidiu se mudar para a capital paulista, São Paulo (LEVINE, 1994, p. 56).

Os primeiros momentos na metrópole foram de extrema dificuldade. Aos vinte e três anos, Carolina de Jesus chegou a dormir em pontes e no portão de imóveis. Para sobreviver na grande cidade, exerceu diversas profissões como empregada doméstica, camareira, auxiliar de enfermagem, vendedora de cerveja e até ingressou em um circo (FORTUNA, 2015, p. 301).

Não se sabe ao certo em qual período a autora começou a escrever, mas deu o primeiro passo em busca de reconhecimento enquanto escritora em fevereiro de 1940. A autora conta que foi na redação dos jornais *Folha*⁷ e mostrou seus escritos para o jornalista e escritor Willy Aureli. Pela primeira vez, foi chamada de poetisa⁸ e ganhou uma reportagem no *Folha da Manhã*. Sua foto ao lado de Aureli e um poema de sua autoria foram publicados no mesmo mês.

⁶ A 4ª edição do *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*, de 1890, foi digitalizada pela Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://purl.pt/13932>> . Acesso em: 10 mai. 2017.

⁷ Trata-se do grupo *Folha*, que será citado ao longo deste trabalho. É composto pelo jornal *Folha de Noite*, criado em 1921, sua edição matutina *Folha da Manhã*, fundada no mesmo ano, e a *Folha da Tarde*, lançada 24 anos depois. Em 1960, os três jornais se fundiram e surgiu o jornal *Folha de S. Paulo*.

⁸ Carolina de Jesus narra este encontro: “Falei com o distinto jornalista Vili Aureli. Mostrei-lhe os meus escritos e perguntei o que era aquilo que eu escrevia. Ele olhou-me minuciosamente, sorriu e respondeu-me: – Carolina, você é poetisa! – levei um susto, mas não demonstrei. [...] No fundo do coração eu agradeço o saudoso e ilustre Vili Aureli, por dizer-me que sou poetisa, porque, com dois anos de grupo escolar eu não ia perceber” (JESUS *apud* MIRANDA, 2013, p. 101).



Fig. 1 – Reportagem *Carolina Maria, poetiza preta*, publicada em 25/02/1940 no *Folha da Manhã*

Na reportagem, o jornalista a descreveu como um “bello espécime de mulher negra” e narrou parte do diálogo que teve com Carolina de Jesus.

- Faço versos... Ninguém porém me leva a sério!
- Como assim?
- Ando pelas redacções, e quando sabem que sou preta, mandam dizer que não estão...
- [...]
- São uns ingratos...
- O sr. quer ver alguma poesia de minha lavra?
- Conceda-nos essa honra...

Exibe uns papeis, um caderno, uns recortes de revistas. Lê e declama. Com naturalidade e graça, optima dicção, tudo de mistura com o sorriso que é um raio de luz em tamanhas trevas... (AURELI, 1940: p. 3⁹)

Fora das páginas do jornal, no entanto, a realidade cotidiana permanecia impiedosa. Carolina de Jesus chegou a ter seis empregos consecutivos como empregada doméstica, mas foi despedida de todos. Foi expulsa da última casa em que trabalhava na mesma função, em 1948, por ter engravidado de um marinheiro português que a abandonou.

Sem alternativa, encontrou refúgio na favela do Canindé, atualmente extinta. Foi com suas próprias mãos que construiu o barraco às margens do rio Tietê, usando tábuas retiradas da construção de uma igreja a poucos quarteirões de distância. A escolha pela comunidade teve como base a localização estratégica, pois era situada próxima a um ferro velho. Para sobreviver, Carolina da Jesus começou a trabalhar como catadora de materiais recicláveis, recebendo um cruzeiro por cerca de 450 gramas de papel, latas, ferro ou garrafas usadas (LEVINE, 1994, p. 57).

⁹ Texto da reportagem “Carolina Maria, poetiza preta”, retirada do *Acervo Folha*, disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 22 mar. 2017.



Fig. 2 – Carolina de Jesus na favela do Canindé. Imagem do acervo *Vida por escrito*¹⁰

Dois anos depois, após o relacionamento com um espanhol, Carolina de Jesus deu à luz seu segundo filho: José Carlos de Jesus. Ainda em 1950, um poema seu em louvor ao ex-presidente Getúlio Vargas foi publicado no jornal *O Defensor* no dia 17 de junho¹¹. Sua terceira filha, Vera Eunice de Jesus, nascida em 1953, foi fruto de um relacionamento que a poetiza teve com um comerciante, cuja identidade nunca foi revelada pela autora (BARCELLOS, 2015, p. 26).

1.1. “Eu não trago uma reportagem, mas uma revolução”¹²

Embora Carolina de Jesus já estivesse acumulando seus escritos desde a década de 1940, um fato que mudaria a sua trajetória ocorreu em 1958: o jornalista Audálio Dantas cruzou seu caminho¹³. Em abril, durante uma campanha de eleições municipais, o repórter e

¹⁰ Acervo disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/fotos-de-carolina-maria-de-jesus?lightbox=image_14wd>. Acesso em: 25 mai. 2017.

¹¹ Dizia o poema: “Getúlio, heróico e potente / Grande alma nacional, / Deveria ser presidente / Desde os tempos de Cabral. / O Getúlio é competente / Para guiar a nação / Foi um grande presidente / Deixou uma boa impressão. / Nas minhas orações peço / Ao bom Deus justo e clemente / Para ter breve regresso / O Getúlio á Presidência”. O poema foi publicado a 17/06/1950 no *O Defensor*, no interior de uma reportagem que foi digitalizada e faz parte da coleção da filha da escritora, Vera Eunice de Jesus, no site do projeto Vida por Escrito. Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/coleo-vera-eunice-de-jesus-lima>> . Acesso em 27 jan. 2017.

¹² Frase de Audálio Dantas citada em reportagem de Carlos Rangel na *Folha de S. Paulo*, publicada em 29/06/1975. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 15 mai. 2017.

¹³ Audálio Dantas é considerado um repórter social e concentrou sua carreira jornalística em temas relacionados à pobreza. Em 1981, recebeu das Nações Unidas (ONU) um prêmio de defesa dos direitos humanos. Seu nome está entre a lista dos “50 + admirados jornalistas brasileiros” em 2015, organizada pela Jornalistas&Cia e Maxpress.

fotógrafo do jornal *Folha da Noite*, então com vinte e quatro anos, foi designado a cobrir a inauguração de uma praça próxima à favela do Canindé.

Ao chegar no local, Dantas testemunhou homens invadirem o parquinho e expulsarem crianças da comunidade de balanços e escorregas. Neste momento, ouviu uma mulher negra dizer “estou escrevendo um livro e vou colocar vocês todos nele”¹⁴ (LEVINE, 1994, p. 59).

Segundo relato do jornalista, foi esta a primeira frase que ouviu de Carolina de Jesus:

Cheguei lá, repórter, para ver o que disseram uns da favela sobre umas balanças-brinquedo-de-menino que a Prefeitura mandou botar na favela. O que disseram uns da favela era verdade: Os brinquedos dos meninos, os grandes tomaram. (...) Carolina estava perto da balança dos meninos que os grandes tomaram. E protestava, aonde já se viu uma coisa dessas, uns homens grandes tomando brinquedo de criança! Carolina, negra alta, voz forte, protestava. Os homens continuavam no bembom do balanço e ela advertiu: – **deixe estar que eu vou botar vocês todos no meu livro!** Aí eu perguntei: – que livro? Então ela me respondeu: – O livro que eu estou escrevendo as coisas da favela. (Destaque do original, Dantas, 1960)

Curioso, o jovem jornalista perguntou sobre o conteúdo do livro. Foi então que a autora levou Dantas a seu barraco de nº 9, localizado na rua A do Canindé, e lhe apresentou as anotações que fazia sobre o cotidiano amargo da favela. No dia 9 de maio do mesmo ano, trechos do diário de Carolina de Jesus foram publicados em uma reportagem do jornal *Folha da Noite*¹⁵, assinada por Audálio Dantas.

É apanhadora de papel, passa fome com os filhos pequenos, mora num barracão infecto, mas sabe “ver” além da lama do terreiro e do zinco da favela – a miséria desperta o espírito – Cadernos cheios de “poesias”, “contos” e “romances” – Peregrinação (inutil) pelas editoras – A narrativa da vida na favela, num impressionante “diário” – Reporteres das FOLHAS editarão Carolina. (DANTAS, 1958, p. 15)

A promessa sobre a publicação dos cadernos de Carolina foi cumprida em agosto de 1960. A primeira edição do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* foi lançada pela Livraria Francisco Alves. A primeira edição da obra esgotou-se na própria semana de lançamento. Apenas na noite de autógrafos, 600 livros foram comprados. A reportagem da *Folha de S. Paulo* “Quarto de Despejo: recorde”, publicada em 20 de agosto de 1960, relata que “foram batidos todos os recordes de vendas de livros em tardes de autógrafos da festa de lançamento”.

¹⁴ Audálio Dantas fala assim sobre esta frase em 1976: “Depois de tanto tempo, eu vejo que ela começou a gritar aquilo justamente porque eu cheguei lá. Descobri que ela estava tentando publicar o seu livro desde 1948” (RANGEL, 1975, p. 25).

¹⁵ Trechos publicados correspondem aos textos escritos do dia 15 a 29 de julho de 1955.

Pela primeira vez uma livraria foi invadida pelo povo, que se comprimia em todo recinto, disputando lugares e esticando o braço na fila para obter um autógrafo de Carolina. A escritora, que estreou ontem (com dez mil exemplares na primeira edição) autografou mais livros (com letra arredondada, firme e rápida) do que os três recordistas anteriores: bateu sucessivamente Alzira Vargas, Carlos Lacerda e Jorge Amado: seiscentos livros. (Folha de S. Paulo, 20 de agosto de 1960: p.1, 2º caderno¹⁶)

O principal jornal do Rio de Janeiro, *O Globo*, também noticiou a repercussão da noite de autógrafos e adiantou: “*Quarto de Despejo* deverá ter um enorme êxito no Rio”¹⁷. A primeira tiragem, de 30 mil exemplares, foi esgotada em três dias, somente em São Paulo (MIRANDA, 2013, p. 27). No mesmo ano, *Quarto de Despejo* teve sete reimpressões, que atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares vendidos¹⁸. A marca foi considerada um estrondoso sucesso¹⁹ e a consagrou como uma das escritoras brasileiras mais célebres na época.

1.2. Repercussão no Brasil e no Exterior

Analisar o grande êxito do *Quarto de Despejo* não seria possível sem fazer um paralelo com o contexto histórico vivido no Brasil no final dos anos 1950 e 1960. O país passava por uma época de fortes transformações culturais e políticas. O então presidente Juscelino Kubitschek²⁰, movido pelo slogan “50 anos em 5”, adotou um plano de metas que visavam a substituição de importações, estratégia que trouxe o estabelecimento de várias multinacionais no país. O crescimento econômico acelerado levou a um efervescente processo de êxodo rural. Camponeses, movidos pelo ideal das grandes cidades, criavam um contingente cada vez mais amplo de indigentes em ambientes urbanos. Apesar da política de desenvolvimento ter sido bem recebida nas grandes cidades, “camuflava-se na periferia

¹⁶ Texto da reportagem “O drama da favela escrito por uma favelada”, retirada do *Acervo Folha*, disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br>> Acesso em: 01 mar. 2017.

¹⁷ Texto da reportagem “O livro da favelada”, do jornal *O Globo*, disponível em: <https://media.wix.com/ugd/92f547_4ca4085ce3d24eafb5ac11f1abbc9a5e.pdf> Acesso em: 01 mar. 2017.

¹⁸ Informação retirada do prefácio da 10ª edição do *Quarto de Despejo*, de 2015, escrito por Audálio Dantas em 1992.

¹⁹ Segundo Machado (2006: 106) uma tiragem bem sucedida, na época retratada, era de aproximadamente 4 mil exemplares e “nenhum outro autor no Brasil chegara perto desse sucesso de venda”. Na lista de livros mais vendidos publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 25 de setembro de 1960, *Quarto de Despejo* aparece em primeiro lugar, seguido de *Furação sobre Cuba*, de Jean Paul Sartre. Na lista de 18 de dezembro do mesmo ano, o livro de Carolina de Jesus continua em primeiro lugar, superando a obra *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado.

²⁰ Juscelino Kubitschek ocupou o cargo de presidente do Brasil de 1956 a 1961. O grande marco de sua gestão foi a criação da atual capital do país, Brasília (DF).

urbana o custo social do projeto com o crescimento das favelas” (PERPÉTUA, 2014, p. 42). O texto de Carolina de Jesus surge em meio ao clamor das reivindicações das minorias e revela um ambiente pouco conhecido até então: a favela.

Trinta anos atrás S. Paulo não tinha tantas favelas como hoje, quando se fala em milhões de favelados, que andam por aí nessas periferias. Era uma aqui, outra ali, o que tinha mais era cortiço. [...] O problema da favela era conhecido, mas era abordado de uma forma romântica²¹, como nos sambas Ave Maria no morro, Barracão de Zinco. Com o diário, pela primeira vez, o problema veio com força, verdadeiro, pois veio lá de dentro. O fedor, fedor que eu digo no meu prefácio, apareceu todo, inteiro, naquele momento (Texto de Audálio Dantas em Levine & Meihy, 1994, p. 160).

O imaginário comum das favelas e o repertório romântico que era dado ao tema não correspondiam em referenciais concretos (MIRANDA, 2013, p. 84). Ao expor a realidade miserável da comunidade, Carolina de Jesus transformou-se em personalidade nacional – a voz da favela. O imaginário brasileiro estava ávido por mudanças, pela busca de soluções para problemas sociais. Carolina de Jesus passou a ser convidada para festas ilustres, eventos filantrópicos, programas de televisão, rádio, palestras, debates com políticos²², universitários, militantes, artistas. Era constantemente alvo de questões políticas como “em quem você vai votar?”, “se a senhora fosse governadora, o que faria?”, “o que você acha de determinado governo?”.

No mesmo ano em que lançou o livro, ainda em 1960, ganhou uma homenagem pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Carolina de Jesus narra sobre a premiação no livro *Casa de Alvenaria*:

O senhor Valdir presidente da Academia de Letras da Faculdade apresentou-me ao publico e disse que eu ia receber o diploma de membro honorário da Academia da Faculdade de Direito. Que aquele diploma estava reservado ao escritor Jean Paul Sartre. Mas, devido o escritor francez ter muitos compromissos, não lhe foi possível comparecer e eles resolveram oferecer-me. E disse:
– A França tem Sartre, nós temos a Carolina! (Jesus, 1961, p. 55)

Carolina de Jesus tornou-se tema de manchetes na imprensa escrita e televisionada não só no Brasil, como em diversos países. O jornal nova-iorquino *The Herald Tribune* classificou a obra como “uma assombrosa crônica da fome [...] um dramático documento sobre os despossuídos que ao mesmo tempo choca e comove os leitores” (LEVINE, MEIHY,

²¹ Dantas cita como exemplo o samba “Ave Maria no morro”, do compositor Herivelto Martins, gravado pela primeira vez em 1942, que consagrou a visão romântica da favela na música. Diziam parte dos versos: “Barracão de zinco sem telhado e sem pintura / Lá no morro Barracão é bangalô / Lá não existe felicidade de arranha-céu / Pois quem mora lá no morro / Já vive pertinho do céu”.

²² Entre eles, o ex-presidente Jânio Quadros e o vice-governador de São Paulo, Porfírio da Paz.

2015, p. 36). Os norte-americanos desejavam se aprofundar no conhecimento das minorias, em tempos de lutas por direitos civis, então, “desde que Carolina Maria de Jesus fosse negra, pobre, e de um país ‘complicado’, estavam dados os elementos para aceitação imediata” (LEVINE, MEIHY, 1994, p. 18 *apud* Miranda, 2013, p. 28).

Quarto de Despejo foi traduzido para treze línguas e publicado em mais de quarenta países, incluindo França, Alemanha, Estados Unidos, União Soviética, Japão e Cuba (MIRANDA, 2013, p. 28).

1.3. Esquecimento

Apesar da rápida fama conquistada por Carolina de Jesus, seus próximos trabalhos não agradaram a opinião pública. Em 1961, a autora lançou o livro *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. A obra segue o formato diarístico anterior, cujas entradas narram sua história da ascensão social e econômica: desde a assinatura do contrato do *Quarto de Despejo*, até a saída da favela, passando pelas angústias e deslumbres da nova posição (MACHADO, 2006, p. 107). As passagens a seguir refletem estes sentimentos contraditórios da autora no auge da popularidade:

Vou na Livraria receber o dinheiro do livro. Fiquei pensando nos pobres. Mas não estou alegre, porque sei que é duro passar fome. (JESUS, 1961, p. 29)

Fomos almoçar. Que comida gostosa. Que carne deliciosa. Sentada no restaurante chique, eu pensava nos infelizes que catam os restos de feira para comer. Tenho impressão que os infelizes que passam fome são meus filhos. Eu saí da favela. Tenho impressão que saí do mar e deixei meus irmãos afogando-se. (JESUS, 1961, p. 86).

Audálio Dantas ficou mais uma vez responsável pela edição do livro que, em suas palavras, deveria ser o último trabalho da carreira da escritora. A sugestão foi registrada de forma clara pelo próprio jornalista no prefácio de *Casa de Alvenaria*:

Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, **com o qual você pode dar por encerrada a sua missão**. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas ‘poesias’, aqueles ‘contos’ e aqueles ‘romances’ que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui. (Ênfase minha. DANTAS, 1961).

Mesmo que Audálio Dantas tenha caracterizado o novo diário como um “depoimento tão importante quanto *Quarto de Despejo*” (DANTAS, 1961), foram vendidas apenas 3 mil cópias de uma tiragem de 10 mil exemplares (LEVINE, 1994, p. 69). Em 1963, a autora financiou o lançamento de dois outros livros de sua autoria: o romance *Pedaços da Fome*, pela editora Águila, e uma compilação de pensamentos, intitulada *Provérbios*, pela editora Luzes (BARCELLOS, 2015, p. 31).

Em “The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus”, Levine²³ defende que políticos e jornalistas se voltaram contra a autora, pois apesar de parecer dócil nos diários, ela se expressava agressivamente em público (1994, p. 56). Audálio Dantas descreve o temperamento peculiar da escritora em sua entrevista com a pesquisadora Elzira Perpétua, em abril de 1995.

Carolina era uma personalidade muito difícil, ela tinha momentos de altos e baixos, de alegria ou de depressão muito grandes. Evidentemente ela tinha um problema de natureza psicológica que eu não posso precisar, não sou um profissional dessa área. Ela tinha momentos de grande raiva, de grande ira, e de grande ternura também. Isso podia mudar de uma hora para outra. E em relação a mim também foi assim, desde o começo.

Na passagem a seguir, transcrita do *Casa de Alvenaria*, a própria autora reconhece a complexa relação que mantinha com seu editor, fragilizada pelo seu humor instável.

O reporter sorriu e aproximou-se. Baixei o olhar. Hoje eu estou de mal com êle. Sem motivo. Êle continua auxiliando-me em tudo. Interessando-se pelos meus negócios. Graças a Deus a minha vida melhorou por intermedio deste homem notavel. Êle tolera os meus caprichos com paciência de Jó. Tem dia que sou insolente com êle. Não é minha culpa (JESUS, 1961, p. 157).

Anos mais tarde, a autora relembra o auge do fama como um período em que tinha um gênio “violento”.

Alguns dizem que eu fiquei boba por causa do sucesso. Eu era vista em toda a parte, até na TV. Briguei com o Lacerda... Eu tinha um gênio violento. Briguei com o governador Abreu Sodré e muitos outros políticos. Coisas da política. Briguei com o Governo. (RANGEL, 1975, p. 25²⁴)

A difícil personalidade criou, de forma progressiva, um desentendimento coletivo

²³ Robert Levine foi um ávido pesquisador de Carolina Maria de Jesus. O professor norte-americano passou a incluir a tradução do *Quarto de Despejo* (*Child of the dark*) na lista de leitura obrigatórias do seu seminário Introdução à História da América Latina desde 1966. Escreveu o artigo biográfico “The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus”, em 1995. No mesmo ano, foi coautor do livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, escrito junto com o historiador Brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy. A obra traça a história da autora baseada em depoimentos biográficos. (PERPÉTUA, 2015, p. 22).

²⁴ Trecho retirado da reportagem *Após a glória, solidão e felicidade*, publicada em 29 jun. 1975. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br>> . Acesso em: 15 mai. 2017.

acerca de Carolina de Jesus. A autora passou a ser conhecida por declarações incoerentes. Por exemplo, em 1969, no auge da ditadura militar²⁵, ela declarou que pretendia escrever uma carta ao então presidente, o General Garrastazu Médici, pedindo fundos para que os favelados pudessem voltar para suas casas. Em outra ocasião, aclamou o ditador que o sucedeu, Ernesto Geisel, dizendo que ele era um bom homem (LEVINE, 1994, p. 63). Ao mesmo tempo venerava o líder cubano revolucionário Fidel Castro (JESUS, 1961, p. 37).

Carolina de Jesus não chegou a encontrar seu lugar na elite paulistana²⁶, por ser vista sempre como a ex-favelada, foi renegada por intelectuais de letras, que não consideravam seus escritos como literatura, e não foi bem recebida entre grupos militantes da época, que julgavam suas opiniões incoerentes (MIRANDA, 2013, p. 82). De acordo com Levine, a elite e a classe média brasileiras se voltaram contra a autora, por acharem que ela não se comportava da forma que era esperada de uma manifestante vinda da favela (1994, p. 81). Passou a ser vista não como aquela que lideraria a mudança social, mas sim como a autora que queria, simplesmente, sair da miséria.

Quinze anos após o sucesso repentino de Carolina de Jesus, a autora havia caído em completo esquecimento do público e da mídia. Nesta altura, o relançamento do *Quarto de Despejo* pela Edibolso²⁷ trouxe alguma visibilidade para a autora novamente nos jornais. “Pensam que eu morri”, disse em entrevista para a *Folha de S. Paulo* (RANGEL, 1975). No entanto, seu temperamento difícil não foi esquecido. Na reportagem “Carolina, vítima ou louca?”, publicada no mesmo jornal em dezembro de 1976, a legenda da foto resume as características que ficaram marcadas pela sua figura: “As idéias, as queixas, a cabeça delirante continuam quase as mesmas”.

²⁵ As edições de *Quarto de Despejo* não foram vendidas durante os primeiros anos da ditadura militar brasileira, período compreendido entre 1964 e 1985. A obra não chegou a sofrer censura, mas foram evitadas pelos próprios editores, com receio de possíveis prejuízos, pois seu conteúdo era contrário aos ideais da propaganda governamental, que divulgavam um país focado no “progresso” (LEVINE, MEIHY, 1994, p. 35). Segundo Meihy, “o padrão estável pretendido pelo regime no lugar de insatisfeitos, propugnava modelos de disciplinados, coerentes com supostos de um “país que vai pra frente” (MEIHY, 2015, p. 523),

²⁶ Carolina estabelece uma visão simbólica para a capital paulista: “Eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a **sala de visita**. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (Grifo meu. Jesus, 1960: 33). Sobre o não pertencimento na sala de visita, atribuída à elite paulista, mesmo após a publicação do diário: “Eu ainda não habituei com este **povo da sala de visita** – uma sala que estou procurando lugar para sentar” (Grifo meu. JESUS, 1961, p. 66).

²⁷ O assunto é desenvolvido no capítulo “Editando Carolina”.



Fig. 3 – Reportagem *Carolina, vítima ou louca?* publicada em 01/12/1976 na *Folha de S. Paulo*²⁸

Quarto de Despejo trouxe algum retorno financeiro para Carolina de Jesus, o suficiente para deixar a favela do Canindé, mas não para se ver livre da pobreza. Em 1969, mudou-se junto aos três filhos para um pequeno sítio em Parelheiros, na periferia de São Paulo.

Acredita-se que a comercialização da sua obra tenha rendido para a autora cerca de 6 milhões de cruzeiros no começo de 1961 e 20 mil cruzeiros no fim do mesmo ano²⁹. Carolina de Jesus afirmava que apesar da mídia reportar o enorme montante recebido com o lançamento da obra, ela dizia ter recebido muito pouco. Segundo Levine, ninguém sabe ao certo como a autora gastou o dinheiro que ganhou como escritora. Quando faleceu, aos 63 anos, no dia 13 de fevereiro de 1977, vítima de uma crise de asma, seus filhos disseram que não tinham dinheiro nem para enterrá-la (LEVINE, 1994, p. 78).

Sua morte, no entanto, não marcou o ponto final da escritora. Postumamente, em 1982, a autobiografia *Journal de Bitita* foi lançada na França, obra que reúne textos manuscritos de seu último livro, entregues para as jornalistas francesas Clélia Pisa e Maryvonne Lapouge em meados dos anos 1970. Na altura, ambas trabalhavam no projeto “Brasileiras: voix, écrits du Brésil”, colentando depoimentos de mulheres envolvidas em variadas manifestações culturais. As jornalistas trabalharam na edição do livro, que foi publicado pela editora francesa Métailié (MIRANDA, 2013, p. 136). Apenas em 1986 a

²⁸ Digitalização do Acervo Folha, disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

²⁹ O equivalente a US\$ 31.579 no primeiro montante e mais US\$ 19.544 no final (MEIHY, 2014, p. 44).

editora Nova Fronteira traduziu a obra para português, com o título *Diário de Bitita*. Os originais permaneceram na França.

1.4. Memória

Após o silencioso intervalo de quase três décadas, Carolina de Jesus passou a ser lembrada no meio acadêmico a partir dos anos 1990. A primeira pesquisa substancial ocorreu em 1995, por meio da parceria entre o professor norte-americano Robert M. Levine e o historiador brasileiro José Carlos Bom Meihy, que resultou no livro de depoimentos biográficos *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. A pesquisa também deu origem a dois títulos póstumos da autora, lançados em 1996: *Meu estranho diário*, elaborado por ambos, e *Antologia pessoal*, organizado por Meihy. A primeira obra foi constituída por meio de fragmentos dos manuscritos do acervo de Carolina de Jesus e a segunda reúne poemas inéditos da autora.

Ainda no início da década, mais precisamente em 1993, Elzira Divina Perpétua, hoje considerada referência para o estudo de Carolina de Jesus, defendia sua dissertação de mestrado *Solos e litorais da escrita: uma leitura de memórias marginais*. No estudo, faz uma análise comparativa de *Quarto de Despejo* com duas outras obras: *Ai de vós! Diário de uma doméstica*, de Francisca Souza da Silva, publicado em 1983, e *Cícera, um destino de mulher: autobiografia duma imigrante nordestina*, de Cícera Fernandes de Oliveira e Danda Prado, lançado em 1981. Em meados dos anos 2000, a pesquisadora dedicou sua tese de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais à autora, sob o título *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*. Mais tarde, o estudo resultaria no livro *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*, publicado em 2014, em Belo Horizonte.

Em 2005, foi inaugurada a “Biblioteca Carolina Maria de Jesus” no Museu Afro-Brasil, localizado em São Paulo. A coleção, especializada em artigos sobre escravidão, abriga cerca de 10 mil itens relacionados ao tema, desde livros a material multimídia, passando por teses, posters e periódicos³⁰.

Entre novembro de 2013 e março de 2014, uma equipe liderada por Sergio da Silva Barcellos trabalhou no projeto “Vida por Escrito - Organização, classificação e preparação do inventário da obra de Carolina Maria de Jesus”, contemplado pelo Edital Prêmio Funarte de

³⁰ Informação disponível no site da instituição: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/biblioteca-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

Arte Negra³¹, em 2013. O objetivo central do projeto era mapear e descrever o acervo da escritora, distribuído em cinco instituições brasileiras diferentes³². A pesquisa deu origem a dois importantes meios de suporte para coleta de dados técnicos sobre Carolina de Jesus: o livro *Vida por escrito*, publicado em 2015, e o *Portal Bibliográfico Vida por escrito*, que está aberto para a contribuições de outros pesquisadores relacionados ao tema (vidaporescrito.com).

Atualmente, o levantamento bibliográfico disponibilizado pelo projeto reúne dezenas de materiais entre reportagens de jornais e revistas, artigos acadêmicos, teses e dissertações sobre sua obra.³³ Demonstrando, assim, que mesmo que desconhecido de grande parte dos brasileiros, principalmente os jovens, o testemunho de Carolina de Jesus tem sido, cada vez mais, fortalecido por estudos de gênero, das escritas de si e movimentos sociais.

2. EDITANDO A “VOZ DA FAVELA”

A primeira reportagem de Audálio Dantas, publicada em maio de 1958 no jornal *Folha da Noite*, despertou um interesse repentino por Carolina de Jesus. O *Quarto de Despejo* começou a surgir para o público sob o título “O Drama da Favela Escrito por uma Favelada: Carolina de Jesus faz um retrato sem retoque do Mundo Sórdido onde vive”. Os segmentos dos diários publicados no artigo jornalístico preparavam os leitores para a acolhida da autora e divulgavam um documento de caráter inquestionável – isto é, sem elaboração artística ou interferências editoriais – construído sob um ponto de vista de quem está inserido na favela.

Por acreditar na força da história que tinha em mãos, Dantas iniciou a transcrição dos diários logo após a publicação da matéria na *Folha da Noite*, processo que durou cerca de um ano³⁴. A segunda reportagem sobre os diários de Carolina de Jesus foi divulgada na revista semanal *O Cruzeiro* no dia 6 de maio de 1959. Foi nesta altura que a editora vinculada à revista cogitou a publicação do livro, mas a ideia foi abandonada por conta de uma mudança na diretoria do grupo. Em seguida, o mentor de Carolina disse ter procurado um amigo, Paulo

³¹ Trata-se do edital lançado pela Fundação Nacional de Artes (Funarte) em 2012 que contemplou 33 projetos de desenvolvimento artísticos voltados para a conservação de elementos de cultura africana, ou experiência social e política da população negra dentro e fora do Brasil.

³² Cf. capítulo “Análise do Manuscrito”.

³³ O projeto “Vida por Escrito” reuniu o levantamento – que segue em atualização – no site: <<http://www.vidaporescrito.com/bibliografia-sobre-carolina-cwl>>. Acesso: 15 jan. 2017.

³⁴ Em entrevista concedida por Audálio Dantas à pesquisadora Elzira Perpétua, o editor afirma ter terminado a transcrição dos diários em 1960.

Dantas, que dirigia a parte editorial do grupo Francisco Alves³⁵. Após um acordo com o editor Lélío de Castro, o projeto da publicação dos diários começou a ganhar corpo. A negociação garantia 10% no valor da venda de cada exemplar para Carolina de Jesus, com um adicional de 5% para Audálio Dantas (LEVINE, 1994, p. 61).

Exatamente um ano depois, no dia 6 maio de 1960, a notícia sobre a assinatura do contrato entre Carolina de Jesus e a editora Francisco Alves foi revelada pelos jornais paulistanos. A reportagem da *Folha de S. Paulo* estampou uma foto da autora com seus três filhos, Audálio Dantas e Lélío de Castro, com o título “Do papel catado no lixo para as páginas de um livro; vai ser editado o ‘diário’ da favelada”. Na legenda da imagem, o nome da obra é mencionado, pela primeira vez, como *Quarto de Despejo*³⁶. De acordo com Elzira Perpétua, a constante presença de Carolina de Jesus em textos jornalísticos foi usada como uma estratégia de *marketing* que precedeu a recepção da primeira edição da obra.

2.1. Edição e Reimpressões

No primeiro encontro com Dantas, Carolina de Jesus entregou dois cadernos ao jornalista, correspondentes ao ano de 1955. Mesmo sabendo que a autora havia escrito romances, contos, poesias e provérbios, Dantas sugeriu que a autora focasse na narrativa do cotidiano que, segundo ele, era onde se destacava³⁷. A partir desta indicação, Carolina de Jesus passou a numerar a escrita do dia a dia: o primeiro registro após o encontro com Dantas foi feito no dia 2 de maio de 1958, em um caderno nomeado por ela mesma como “primeiro Diário”³⁸.

O conteúdo da primeira edição de *Quarto de Despejo* compreende as entradas de diários do dia 15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960. Consta no prefácio que a obra foi

³⁵ Informações tiradas da mesma entrevista.

³⁶ No prefácio “Nossa Irmã Carolina”, escrito por Audálio Dantas, publicado nas edições de *Quarto de Despejo* anteriores ao ano de 1993, o jornalista diz que o título foi sugerido, a partir de uma criação metafórica de Carolina de Jesus, que relaciona o quarto de despejo de uma casa, onde juntamos móveis e objetos indesejáveis, com a favela, onde se jogam os “homens e lixos” que devem ser escondidos da cidade. Nas palavras da autora: “a favela é o quarto de despejo da cidade, porque lá jogam homens e lixo, que lá se confundem, coisas imprestáveis que a cidade deixa de lado”.

³⁷ Em entrevista para a pesquisadora Elzira Perpétua, Dantas diz: “Depois que eu retomei o contato com ela [Carolina], eu lhe disse o seguinte: ‘Olha, a coisa boa que você faz é isso.’ Eu não sei se ela tinha outros diários, mas ela nunca me deu outros diários de épocas anteriores. Certamente ela tinha esse hábito de registrar, mas ela não me entregou e eu até perguntei. Mas ela retomou a narrativa do dia-a-dia em 1958 em função do que eu tinha dito a ela” (PERPÉTUA, 2014, p. 335).

³⁸ Abordaremos as alterações no manuscrito que ocorreram após o encontro com Audálio Dantas no capítulo “Dantas para além da edição”.

transcrita de 20 cadernos, no entanto, o guia do acervo da autora menciona que o livro foi baseado somente em 15 (BARCELLOS, 2015, p. 12). Como descrevemos anteriormente, na biografia da autora, o sucesso do livro foi estrondoso logo na primeira noite de autógrafos e confirmou o êxito da divulgação prévia nos noticiários nacionais.

A editora Francisco Alves ficou responsável pelas sete primeiras reimpressões, todas publicadas em 1960. É importante ressaltar que há aqui uma confusão em questões de nomenclatura utilizada pela editora. Embora tenham recebido numeração sequencial de edições, trata-se, na verdade, de reimpressões, pois os livros mantêm as características integrais da primeira edição, tanto em termos de conteúdo, quanto de disposição do texto, de estilo e ilustrações. O livro foi reimpresso pela Francisco Alves, uma vez mais, em 1963.

Em dezembro de 1976, a editora Ediouro comprou os direitos da Francisco Alves, que passava por dificuldades financeiras na altura (LEVINE, 1994, p. 75). No mesmo ano, foram impressas duas edições de bolso de *Quarto de Despejo*, cujas diferenças em relação às edições anteriores se limitavam ao suporte gráfico (PERPÉTUA, 2014, p. 21). Uma 10ª reimpressão foi feita mais uma vez mais pela Francisco Alves em 1983. Em 1990, *Quarto de Despejo* foi publicado no Rio de Janeiro pela editora Círculo do Livro.

Desde 1993, os direitos da obra passaram a ser da Editora Ática, que produziu até agora dez edições, a última das quais publicada em 2014, sendo reimpressa em 2015. As alterações, no entanto, se restringem a suportes editoriais e ilustrações. O texto, conforme comparado às edições da Francisco Alves, respeitam de maneira integral os cortes, substituições e alterações de Audálio Dantas, cujas características serão exploradas a seguir.

2.2. A mão do editor

Não é possível analisar a recepção do *Quarto de Despejo* sem antes observar o processo de editoração da obra. No prefácio que acompanhou as edições do livro até a mudança para a editora Ática, em 1993, Dantas diz aos leitores que selecionou trechos dos cadernos, “sem alterar uma palavra”. Em seguida, fornece uma breve explicação para os cortes.

Explico: Carolina conta o seu dia inteiro, com todos os incidentes, fiel até ao ato de mexer o feijão na panela. A repetição seria inútil. Daí, a necessidade de cortar,

selecionar as histórias mais interessantes. (Dantas, 1960. Prefácio das edições de *Quarto de Despejo* anteriores a 1993)³⁹

Embora o gênero diário não seja restrito a características formais e rígidas, Philippe Lejeune aponta alguns traços recorrentes neste tipo de narrativa, sendo a redundância fruto ou da incapacidade em isolar/resumir um determinado evento, ou um reflexo da vida, em que o diarista recorre a repetição para reencenar a experiência vivida (LEJEUNE *apud* BARCELLOS, 2006, p. 3). Segundo Barcellos, é na procura por um eixo narrativo lógico nos diários que o exercício da eliminação de repetições torna-se uma prática habitual de editores na preparação de diários para publicação (2006, p. 4).

A repetição é marca constante na obra de Carolina de Jesus, que narrava quase diariamente a hora em que despertou, o valor que recebeu pelos materiais recolhidos, a briga pela torneira de água. A imposição de lacunas em momentos de repetições foi justificada por Dantas mediante ao grande volume do material escrito pela autora. Em suas palavras, não cortar o texto deixaria seu conteúdo “exaustivo” ao público. No entanto, o critério para os cortes não foi completamente exposto aos leitores. A única informação fornecida no prefácio da obra quanto a marcação das lacunas criadas pelo editor é indicada pelo uso de parênteses e reticências.

De meu, no livro, há ainda uns pontinhos que aparecem assim (...) e indicam supressão de frases. Quando os pontinhos estão sôzinhos, sem (), nos parágrafos, querem dizer que foi suprimido um trecho ou mais de um trecho da narrativa original. Há também a dizer que há muitos dias sem registro, ou porque Carolina deixou de escrever, ou que fôram suprimidos na passagem para o livro. (*Ibid.*)

Há também cortes na narrativa, que não são indicados com parênteses e reticências no livro. Nos exemplos abaixo, transcrevemos uma passagem do dia 19 de dezembro: a primeira sentença (cf. 1) foi tirada da transcrição do manuscrito, enquanto a passagem seguinte (cf. 2) reproduz o texto tal como foi fixado no *Quarto de Despejo*. Destacamos em negrito os segmentos que foram cortados, sem qualquer indicação na obra.

1. Amanheci com dôr de barriga e vomitando. **Eu disse para o João que eu não podia deixar o leito. para ele levantar-se e acender o fogo e fazer o café. – Que vida!** Doente. E sem **ter** nada para comer. **Mandeí o João comprar 10 de pão. Eles comêram pão com mantêiga.** Eu mandei o João ir no ferro velho vender um pouco de estôpa e uns ferrós. (ms. p. 92)

³⁹ No prefácio escrito por Audálio Dantas em 1993 para a editora Ática, e que permanece até a última edição, de 2015, o jornalista justifica os cortes com a seguinte frase: “a repetição da rotina da favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos”.

2. Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem nada para comer. Eu mandei o João no ferro velho vender um pouco de estopa e uns ferros. (JESUS, 1960, p. 138)

Vê-se, pois, que a amplitude dos cortes não está totalmente sinalizada através das convenções (parênteses e reticências) referidas por Dantas.

Ainda no prefácio, o jornalista confessa que interferiu na grafia de Carolina de Jesus: afirmou ter excluído a cedilha, por muitas vezes “desnecessária” e justificou o acrescento da letra <h> em *há*, pois a autora, com o intuito de usar a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *haver*, escrevia <a>.

Na única referência que faz quanto a pontuação, Dantas diz que “em alguns poucos trechos” acrescentou “uma ou outro vírgula para evitar interpretação dúbia de frases” (DANTAS, 1960). Nos casos em que notamos a omissão ou acrescento de vírgulas no processo de editoração, percebemos que as alterações estão muito mais relacionadas a uma adequação às normas ortográficas do que para evitar problemas no campo semântico. Transcrevemos a seguir uma passagem do dia 18 de dezembro, em que Carolina de Jesus adiciona uma vírgula antes de *pórqe* (cf. 3). Na edição, a pontuação neste local é omitida e uma vírgula é adicionada após o verbo *bater* (cf. 4), como marcação da troca do sujeito “Armir” para “você”.

3. Você esta aqui, pórqe n aquêle dia que o Armir brigou com você e começou bater-te você saiu córrendo nua para a rua. (ms. p. 81)
4. Você está aqui por que naquele dia que o Armir brigou com você e começou bater-te, você saiu correndo nua para a rua. (JESUS, 2015, p. 143)

Outra intervenção foi eliminar parte dos nomes próprios presentes no livro, que ficaram indicados pelas iniciais, por “razões compreensíveis”, segundo o editor⁴⁰, com a intenção de proteger a identidade de pessoas vivas à data da publicação do diário.

Quase no fim da apresentação, Dantas fornece uma última indicação sobre o processo de editoração dos manuscritos: “há pronomes mal colocados e verbos um tanto quanto tortos, no que contei sôbre a nossa irmã Carolina. Me resguardo: peço desculpas e agradeço por elas”. A frase reforça a intenção já presente em reportagens prévias em apresentar a edição de *Quarto de Despejo* como um retrato fiel e transparente dos cadernos de Carolina de Jesus.

⁴⁰ A edição de Audálio Dantas faz referência expressa aos nomes em grande parte da obra. Parece que as iniciais foram utilizadas quando inseridas em contextos moralmente condenáveis como, nas palavras do próprio editor, em “histórias como aquela do pai que fazia aquilo com a filha, coisas do Quarto de Despejo, mas muito infelizes” (DANTAS, 1960).

Dantas não só foi o responsável por datilografar e ordenar os manuscritos para publicação, como sua mão teve um papel crucial na fixação do texto. Suas interferências não se restringiram a pequenas correções, mas a acréscimos, substituições e supressões que modificaram o conteúdo original dos cadernos.

Pela leitura dos manuscritos, é possível verificar que os atos do editor tem objetivo e alcance maiores que a simples seleção das histórias mais interessantes e que o resultado é a omissão de traços formais e temáticos que modificam a imagem da personagem principal dos diários. (PERPÉTUA, 2014, p. 144)

O jornalista, no entanto, parece convencer o leitor e as editoras da transparência da sua edição. Em entrevista à pesquisadora Elzira Perpétua em 1995, Dantas revela que ninguém jamais o procurou para ver os manuscritos, até então em sua posse. Mesmo após doar os cadernos para a Biblioteca Nacional do Brasil e para o Museu Afro Brasil, em 2012, e, consequentemente, tornar público o acervo da autora, as edições mantêm o texto tal como Audálio Dantas o fixou. Conservando, inclusive, o uso de parênteses e reticências como indicação de lacunas propositais. As passagens que destacamos no m, a seguir, valem como exemplos das mudanças realizadas no texto de Carolina de Jesus, na passagem do manuscrito para o livro impresso.

| Quarto de Despejo, 1960, p. 137 | Ms, 1958, p. 43 |
|--|---|
| A nortista começou queixar-se que os seus filhos vão voltar para o interior porque não encontram serviço aqui em São Paulo. Vão colher algodão. Fiquei com dó da nortista. Eu já colhi algodão. Fiquei com dó da nortista. | A Nortista começou queixar-se que os seus filhos vão voltar para o interior porque não encontram cerviço aqui em São Paulo. Que são marreteiros. Mas quando saem a rua não podem revender o que comprou por causa dós fiscaes. Que vão colher algodão. – Fiquei com dó da nortista. Eu ja colhi algodão. Fiquei com dó da nórtista porque quem trabalha na lavoura não vê vantagem neste trabalho porque tem intermediário. |

Quadro I: Comparação entre a edição de 1960 de *Quarto de Desejo*, com a transcrição do manuscrito *Caderno 11* (ms. p. 43)

A interferência de Dantas no texto de Carolina de Jesus, de que este quadro é exemplo, foi amplamente estudada pela pesquisadora Elzira Perpétua. No livro *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*, fruto de sua tese de doutorado, a autora faz um extenso trabalho

sobre três aspectos de interferência do editor na passagem do manuscrito ao livro impresso: os acréscimos, as substituições e as supressões. Ao analisarmos o conteúdo do manuscrito a que tivemos acesso, intitulado por Carolina de Jesus como *Caderno 11*, foi possível observar estes três fenômenos.

Seguimos a linha do estudo de Perpétua, que sugere que as alterações do editor converteram a narradora em uma personagem que, além de atenta aos fatos da comunidade, fosse também submissa e sem capacidade de julgamento. As modificações na passagem do manuscrito para o livro teriam transformado Carolina de Jesus em *produto* e não *produtora* de um destino (2003, p. 66). Ao avaliarmos os pontos de interferência do editor nas próximas seções, procuramos ilustrar que grande parte do que foi alterado na editoração tem como base o processo de verosimilhança, isto é, “na adequação de uma imagem de Carolina à sua condição social”.

Acréscimos

Elzira Perpétua defende que parte dos acréscimos lexicais procura fornecer um esclarecimento semântico a determinado segmento. No exemplo encontrado no manuscrito, Dantas acrescenta a palavra “cruzeiros” ao lado do valor da conta de luz, omitida por Carolina. A frase “O Orlando ligou a luz. Agora tenho que paga-lo 75. pór mês” (ms 8), foi transcrita como “O Orlando ligou a luz. Agora tenho de pagar 75 cruzeiros por mês” (JESUS, 1960, p. 136).

Outros acréscimos estudados pela pesquisadora interferem no estilo da diarista, ocasionam a mudança de sentido e reforçam o discurso da pobreza. A seguir, transcrevemos o registro do dia 20 de maio de 1958, com o acréscimo do editor dentro dos sinais < >: “E o meu filho João José disse-me: pois é. A senhora disse-me que não ia comêr <mais> as coisas do lixo” (PERPÉTUA, 2014, p. 155). Neste caso, a inclusão do advérbio “mais” realiza uma alteração semântica, passando a significar que a autora já comia as coisas do lixo. Sem o acréscimo, o leitor perderia o sentido de recorrência e a autora estaria a referir-se pela primeira vez ao ato de comer alimentos retirados das lixeiras.

Substituições

De acordo com a pesquisadora, é no estudo das substituições que a intenção do editor de compor uma imagem de Carolina de Jesus diferente do que está no manuscrito fica evidente.

Neste tipo de interferência, nota-se que o editor elimina o que possa haver de suposta erudição ou mesmo de escorreito na linguagem de Carolina quando substitui suas supressões por termos mais populares. (PERPÉTUA, 2014, p. 155)

A seguir, destacamos exemplos encontrados por Perpétua em que se pode detectar a intenção de tornar mais popular a linguagem da escritora. Nos três casos, observamos que as palavras fixadas por Audálio Dantas representam usos da linguagem coloquial em lugar da expressão utilizada por Carolina de Jesus. Nos seguintes exemplos, reproduzimos os sinais utilizados pelo estudo da pesquisadora, sendo que o termo substituído está marcado entre os sinais [] e o substituto escolhido pelo editor entre < >.

5. José Carlos esta mais calmo depôis que [expeliu] <botou> os vermes, 21 vemes. (11 de junho de 1958)
6. Recordei imediatamente da Lêila porque eu [havia] <tinha> dito so para ela. (15 de junho de 1958)
7. Ao redór da tórneira, amanheçe chêio de [excrementos] <bosta>. (11 de julho de 1958).

Há também casos em que a substituição causa alterações semânticas no texto do manuscrito. É o exemplo da frase “o que eu ganho não dá para tratar os filhos como se devem” (ms: 32), que foi fixado por Dantas como “o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos” (JESUS, 1960, p. 137). Enquanto na frase de Carolina de Jesus entendemos que o dinheiro que ganha como catadora não dá para cuidar de filhos da forma que seria necessária, a alteração feita pelo editor dá a entender que seu salário não é suficiente para cuidar dos seus filhos, de todo.

Supressões

Segundo Perpétua, as supressões muitas vezes subtraem informações relevantes para a coerência do discurso de Carolina de Jesus. É o caso da passagem do dia 13 de dezembro de 1958, “Fiquei com dó da nortista. Eu já colhi algodão. Fiquei com dó da nortista.” (JESUS, 1960, p. 137). No manuscrito, Carolina de Jesus não apenas enfatiza o sentimento pela nortista com a repetição da frase, como também fornece uma explicação: “Fiquei com dó da nórtista **pórque quem trabalha na lavoura não vê vantagem nêste trabalho porque tem**

intermediário” (ms. p. 43). A justificativa foi excluída da edição de *Quarto de Despejo*, que acrescenta um ponto final logo após a repetição da palavra *nortista*⁴¹.

Ao subtrair parte do raciocínio lógico da autora, Dantas extirpa a relação de causa e consequência na sua narrativa. Neste exemplo, o motivo da sensação de pena sentida pela autora foi apagado do texto final, deixando ao leitor uma interpretação livre sobre sua opinião quanto ao trabalho no campo, que condiz com uma personagem sem capacidade de julgamentos.

2.3. Particularidades linguísticas do *Caderno 11*

Para além dos processos de interferência vistos acima, Dantas efetuou correções em diferentes componentes da língua patentes no texto do caderno. Uma passagem do dia 11 de dezembro revela uma adequação da concordância verbal feita pelo editor, pois enquanto no livro encontramos a frase “Nós já estamos predestinados a morrer de fome”, (JESUS, 1960, p. 137), Carolina de Jesus, na verdade, escreveu “Nos ja estamós predestinados a mórrermós de, fome!” (ms. p. 33). O jornalista também fez correções para adequar a escrita de acordo com as normas ortográficas estabelecidas pela gramática. Destacamos, a título de exemplo, a exclusão do <h> inicial de *hontem* para *ontem*, para que a grafia da palavra correspondesse à norma ortográfica vigente. As observações anteriores indicam que a edição de *Quarto de Despejo* excluiu algumas características linguísticas da autora. Nesta seção, procuramos fazer uma breve análise destas particularidades, que puderam ser observadas por meio do estudo do manuscrito.

No prefácio da edição de *Quarto de Despejo*, publicada pela editora Ática em 1993, Dantas mencionou que ilustres nomes da literatura brasileira escreveram sobre a obra, entre eles, o poeta Manuel Bandeira. Segundo Dantas, o artigo de Manuel Bandeira “colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução primária”. Em seguida, o editor afirmou: “O que não impediu que alguns torcessem o nariz para o livro e até lançassem dúvidas sobre a autenticidade do texto de Carolina. Aquilo, diziam, só podia ser obra de um espertalhão, um golpe publicitário” (DANTAS, 1993).

Em parte, o estranhamento dos leitores decorre da linguagem utilizada pela autora, que em muitos trechos não corresponde ao português considerado popular e iletrado. Um dos

⁴¹ Cf. Quadro I.

exemplos que sustentam a hipótese é a colocação dos pronomes clíticos. Sabe-se que o Português brasileiro falado é caracterizado pela generalização da próclise (CARNEIRO, GALVES, 2010, p. 9) e pelo uso de estratégias para evitar o emprego dos clíticos⁴² (BAKKEJORD, 2008, p. 2). Seguindo esta lógica, esperava-se que o texto de Carolina de Jesus, por ser marcado por traços de oralidade e pelo baixo nível de escolaridade da autora, não apresentasse tantas ocorrências de ênclise. No entanto, o texto não só apresenta colocações enclíticas frequentes, como estas seguem a norma padrão do português europeu, conforme é possível verificar em “Ela olhou-me com desprezo” (*ms*: 82), construção nada habitual no português brasileiro, que faz preferência pelo padrão proclítico, *ela me olhou com desprezo*.

A explicação para o uso de construções ênclíticas não refuta a hipótese de que características da oralidade manifestam-se na escrita do manuscrito, mas sim, corrobora com a ideia, pois a autora relata que usava estruturas consideradas formais para o Brasil no discurso falado do dia a dia. Perpétua lembra que Carolina de Jesus gostava de se referir à própria linguagem oral como o “português clássico” ou simplesmente “o clássico”⁴³ (PERPÉTUA, 2014, p. 232), reforçando a ideia de que sua linguagem destoava dos usos habituais brasileiros:

5 de junho de 1958:

Varias pessoas procura-me para falar-me. Diz que eu falo admiravelmente bem o português. Não erro no falar. (*Ibid.* p. 231).

Segundo a pesquisadora, o uso de aspectos considerados por brasileiros como próprios da linguagem formal pode ser uma das causas do estranhamento que Carolina de Jesus provoca nos leitores. “Isso ocorre em virtude de seus cuidados com a língua não condizerem com sua classe social, com seu aspecto miserável nem com seu grau de escolaridade” (*Ibid*: 231). Perpétua argumenta que a autora procurava aproximar a linguagem do dia-a-dia, tanto oral, quanto escrita, do que pode ser considerado não apenas um português “mais elevado” ao dos “favelados”, mas sim, a uma língua considerada por ela clássica.

⁴² Entre os mecanismos utilizados pelo Português Brasileiro para evitar a colocação de pronomes clíticos citados por Bakkejord estão as técnicas de omissão ou substituição de pronomes clíticos por pronomes fortes (2008, p. 14-15).

⁴³ Carolina de Jesus utiliza a expressão *clássico* em dois momentos do *Caderno 11*. “O dono do bar me olha e admira. o meu **português classico**.” e “Eu disse-lhe que quem escreve precisa conhecer **o classico**”, ambos na página 76 do manuscrito. O primeiro trecho evidencia que a autora, em sua visão, é uma pessoa que se diferencia dos demais. O segundo reforça a ostensiva necessidade de Carolina de traçar sua auto-imagem de poeta.

Ela distingue na linguagem cotidiana duas manifestações antagônicas e esterotipadas: a clássica e a pornográfica. A primeira, no seu entender, seria a dos poemas: a segunda, a do diário. Ao almejar expressar-se pela primeira, acaba por produzir um estereótipo do clássico, e até de si mesma, enquanto tece, na escrita do cotidiano, considerações metalinguísticas sobre sua produção (PERPÉTTUA, 2014, p. 232).

A seguir, procuramos relacionar aspectos habituais no português popular brasileiro com a escrita de Carolina de Jesus. O levantamento procura verificar de que forma os componentes da língua conferem ao texto um aspecto “híbrido”, em que ora faz preferência por um vocabulário raro e construções frásicas menos usuais ao português brasileiro, ora faz uso de vocabulário popular e aspectos morfossintáticos típicos do linguajar popular.

Grafia

Em sua dissertação, Mello defende que *Quarto de Despejo* é um documento importante para o “estudo do português popular escrito e de investigações de como a língua falada pode deixar marcas salientes no texto” (2015, p. 36). A insuficiência de escolaridade teria marcado a grafia, cuja não conformidade com a norma padrão representaria uma aproximação da pronúncia das palavras.

O “reflexo da fala” é atestado pelo pesquisador, por exemplo, nos rotacismos, com a substituição do fonema / l / pelo / r / alveolar, em *impricar* e *agromeração* (Mello, 2014: 37). Este tipo de uso, frequente no português popular brasileiro, não foi atestado no *Caderno 11*.

Outro uso assinalado pelo pesquisador como testemunho da oralidade é a substituição da vogal <e> pela vogal <i>, quando em vogal átona ou pretônica, jamais em sílaba tônica. Entre as ocorrências deste tipo de fenômeno no manuscrito, destacamos *firida* (ms. p. 20), *vistido* (ms. p. 41) e *pidiu* (ms. p. 78). Também observamos a substituição da vogal <o> por <u> em contextos pretônicos: *gurdura* (ms. p. 14), *ressulução* (ms. p. 27), *purtuguês* (ms. p. 76).

Nos demais casos em que a escrita de Carolina de Jesus se afasta da norma ortográfica vigente, não conseguimos fazer uma relação com a suposta representação da oralidade. Por exemplo, o uso de <x> em palavras como *extranhado*, *expolia* e *expancou* poderia indicar a representação da palatização, ocorrido no Português europeu e na variante do Rio de Janeiro, porém, tanto em Minas Gerais, onde nasceu, quanto em São Paulo, onde residia, o fenômeno não ocorreu.

A autora parece então seguir normas ortográficas parcialmente próprias, consequência provável do grau de escolaridade baixo. Pontuamos, a seguir, alguns fenômenos recorrentes na sua escrita:

- a. Substituição da semivogal <i> por <e> em ditongos decrescentes: *pae, demaes, metaes*.
- b. Desenvolvimento da semivogal epentética <i> após a vogal tônica, resultando em um ditongo oral decrescente: *puis, três*.
- c. O emprego do dígrafo <ss> como representação do fonema [z] em determinadas palavras: *dessordem, dessajustadós, ressidisse*.
- d. O uso da frequente da cedilha: *tolixe, aborreçe e carçere*.

É interessante notar que o trabalho pretendia encontrar registros no manuscrito que correspondessem a aspectos frequentes ao português popular brasileiro como, por exemplo, a omissão do <d> em verbos no gerúndio (“fazeno” por “fazendo”), ou a semivocalização de <l> (“Brasiu” por “Brasil”). Tirando as substituições de vogais, não foram encontradas discrepâncias gráficas sistemáticas que pudessem ser relacionadas a uma representação da oralidade, com base na variante regional em que a autora se encaixa.

No âmbito da pontuação, caracterizada por Perpétua como um fenômeno “caótico” (2014, p. 149), a pesquisadora destaca a carência de vírgulas, a falta de marcação dos diálogos e o uso de travessão como marca de parágrafo.

No manuscrito, o ponto final assinala não apenas uma pausa máxima, como assume a finalidade da vírgula. Destacamos nos exemplos a seguir, casos em que o ponto é usado em orações subordinadas (cf. 8 e 9) e antecedendo conjunções adversativas (10) e aditivas (11).

8. **Quando** o carro capela vem na favela, surge varios debates sobre a religião. (ms. p. 15)
9. – Ele é amasiado com a Dona Clara. **que** tem um filho. (ms. p. 7)
10. Estou muito nervosa por causa do tarado. **Mas** o dia que eu encontrar o vagabundo êle vae ver. (ms. p. 3)
11. Deixei o leito as 4 horas. **e** fui carregar agua. (ms. p. 14)

Há carência de vírgulas em muitos trechos do *Caderno 11*, em parte substituídas por pontos finais, como observado anteriormente. Em três passagens do manuscrito, notamos que Carolina de Jesus escreveu vírgulas seguidas de pontos, são elas:

12. O senhor Manoel surgiu e deu-me 50, . E deu dinheiro aos filhos. (ms. p. 10)
13. pensei: tudo que não presta é destinado as favelas parece que nos somos os globos brancos,, desligadós dos vermêlho (ms. p. 30)
14. Vamós voltar para a favela,, pórqe eu não quero molhar. (ms. p. 87)

A duplicidade de pontuação parece representar uma correção feita por Carolina de Jesus. Primeiro, porque os pontos finais são escritos sempre após a vírgula, sem qualquer indício que a vírgula tenha sido introduzida em um momento posterior. O fenômeno ocorreu em frases que se enquadram nos casos em que a autora costumava substituir as vírgulas por pontos finais, como analisado anteriormente (cf. 8 a 11). Logo, a autora fazia a correção no curso de escrita, sem a necessidade de rasura, seguindo os preceitos de pontuação que adotou como corretos.

Outros exemplos do emprego da vírgula que não se encaixam nas normas ortográficas encontram-se registradas a seguir.

15. Tem tantas roupas sujas, mas, não tenho sabão. (ms. p. 5)
16. Ela deu-me café carne, e papeis. (ms. p. 18)
17. o que eu acho hórrósó no nortista, é a violência, e atrabiliariedade. (ms. p. 54)

No primeiro caso, a conjunção adversativa *mas* está isolada por vírgulas, quando a pontuação deveria ser empregada apenas no começo da oração. O exemplo 16 aponta que a vírgula separa elementos de mesma função sintática unidos pela conjunção *e*. Assim como o exemplo anterior, o último segmento ilustra mais um caso em que a pausa é realizada entre termos essenciais e integrantes da oração.

Elzira Perpétua também cita o uso do travessão para marcar início de parágrafo como uma característica da escrita do diário (2014, 148), sem necessariamente ilustrar um discurso direto. No exemplo 18, a seguir, observamos como o parágrafo é iniciado com o uso de travessão para expressar uma opinião da narradora, não uma fala.

18. Mas as mulheres dizia que o padre disse-lhes que podem ter filhos e quando precisar de pão podem ir buscar na igrêja.

– para o senhor Vigario os filhos de pobres criam so com pão. (ms. p. 15)

O processo de transcrição possibilitou a análise de outra constante no uso do sinal de pontuação. A autora parece utilizá-lo para ressaltar marcas de subjetividade. Isto é, em trechos onde Carolina de Jesus deixa de assumir o papel de narradora e exprime uma opinião ou sentimento. Exemplos destes são transcritos a seguir:

19. Ouvi dizer que esmagou-lhe, o braço – **Fiquei com dó.** (ms. p. 4)
20. Ela deu-me carne, tomates pepinos e bolo e pão. e emprestou-me uma sacola para eu trazer o que ela deu-me – **Eu hoje estou triste!** (ms. p. 18)
21. As vitimas dos nossos nervos são os filhos, os espôsos, ou as sógras, ou alguém que criamós – **Crêio que o mundo seria um paraíso se soubesse nos dominar nossos impulsós as vêzes injustós.** (ms. p. 66)

Acentuação

De acordo com Perpétua, Carolina “entende os acentos agudo e circunflexo não como marcadores de tonicidade, mas de abertura e fechamento de vogais”. O uso explicaria a presença de dois ou até três acentos na mesma palavra, como *cabêlós* (ms. p. 53), *quêstâ* (ms. 64) ou *pórnógraficós* (ms. p. 82).

O comportamento não é, de todo, uma regra. Os mesmos vocábulos atestados com a multiplicidade de acentos, podem ser também encontrados com um só acento, ou sem qualquer um deles, é o exemplo da palavra “horrorizada”, atestada de três formas distintas: *horrorisada* (ms. p. 11), *horrórisada* (ms. p. 27) e *hórrórisada* (ms. p. 13).

A palavra *pessôas*, registrada com esta grafia nas páginas 12, 38 e 56 do manuscrito, servo como exemplo de usos em que a marcação do til não indica nasalização. No entanto, este acento é pouco utilizado, sendo constantemente omitido ou substituído pelo circunflexo.

Morfossintaxe

Para além dos pronomes clíticos, comentados no começo deste capítulo, a escrita de Carolina de Jesus retrata em certas passagens aspectos característicos da oralidade do português brasileiro falado.

Era de esperar que equívocos quanto a concordância nominal, porém, os exemplos são raros no manuscrito e não poderiam caracterizar um comportamento habitual da autora. Já no âmbito da concordância verbal, no que se refere à 3ª pessoa do plural, um estudo de Brandão & Vieira aponta que quanto maior o nível de escolaridade do indivíduo, menor é a

probabilidade de cancelamento da marca número no verbo (2012, p. 22). Como pode ser observado nos exemplos abaixo, o fenômeno é mais frequente em passagens do diário, cuja maior incidência foi atestada em sujeitos pospostos ao verbo (cf. 24 e 25).

- 22. e os *preços* **deixa** as pessoas excitadas (ms. p. 27)
- 23. O *generos alimenticios* **consome** a nossa verba (ms. p. 28)
- 24. Quando o carro capela vem na favela. **surge** varios *debates* sobre a religião. (ms. p. 15)
- 25. Quando tem briga na favela **começa** os *comentariós* das mulheres. (ms. p. 21)

Discurso direto

No discurso direto o narrador limita-se a reproduzir a fala tal como o locutor a teria efetivamente emitido. No plano formal, a aplicação desta narrativa é marcada pelo emprego de verbos *dicendi*, tais como dizer, afirmar, responder, acompanhado de dois pontos e travessão ou aspas (CUNHA, CINTRA, 2014, p. 793). Observamos que a forma convencional faz parte do manuscrito, como na passagem a seguir:

- 26. Eu mostrei a sandalia para uma senhóra que reside na rua Itaqui e ela **disse-me:**
 – Esta sandalia é da casa gouvêia. (ms. p. 39)

Com efeito, o uso de verbos declarativos seguido de dois pontos, com a omissão de travessão ou aspas, é frequente no manuscrito.

- 27. A Mêiri **respondeu-me:** comigo é uma coisa. (ms. p. 52)
- 28. Ela **disse-me:** mas, você não tem homem não podia ser abôrto (ms. p. 60)

Discurso indireto

A expressão do locutor é incorporada ao próprio falar do narrador no discurso indireto. O recurso contenta-se em transmitir ao leitor o conteúdo do que foi dito, sem respeitar a integridade e a forma do enunciado. Em geral, o emprego também é marcado por meio de verbos *dicendi*, com o acréscimo da fala dos personagens em oração subordinada substantiva (CUNHA, CINTRA, 2014, p. 795), tal como no segmento “**Disse-lhe que** acho horroroso o preço dos sabões” (ms. p. 59).

Na etapa de transcrição, foi possível observar o emprego não habitual do discurso indireto com o recurso gráfico dos dois pontos:

- 29. Ele **disse: que** quem devia ser presidente do Brasil é o doutor Adhemar de Barrós. (ms. p. 62)

30. E não podendo suportar o alito alcoolico da Fernanda levantei e encaminhei para o pórtão **dizendo-lhe: que** não suportava o cheiro do alcool. (ms. p. 83)
31. Lembrei de um artigo que eu li. Artigo de Hitler. que **disse: que** os latinós se diverte prejudicando os ótros (ms. p. 96)

Léxico

O vocabulário é outro componente que reforça o aspecto paradoxal da linguagem de Carolina de Jesus. É fácil encontrar no manuscrito termos que não fazem parte do linguajar popular brasileiro, como *indecorosa*, *miscível*, *atrabiliário* e *puerícia*⁴⁴. Ao mesmo tempo que seu acervo léxico parece bastante sofisticado em relação ao seu grau de escolaridade, a autora também recorre a palavras próprias do discurso oral e informal como, por exemplo, *sururú* e *sarrasse*.

Enquanto a autora tenta selecionar palavras que possam lhe garantir um *status* de escritora, é por meio do léxico popular que o texto parece ganhar maior dinamismo e expressividade (MELO, 2014, p. 7). Sua escrita é também caracterizada pela criação de termos a partir do étimo prefixal (PERPÉTUA, 2014: 149). No *Caderno 11* é possível observar este comportamento no termo *imprejudicaveis*.

É justamente a junção da agramaticalidade com a tentativa de imitar ideais de arte do século XIX, “com o passadismo beletrista dos românticos e dos parnasianos”, (FERNANDEZ, 2015, p. 317) que Carolina de Jesus cria uma representação híbrida. A expressividade da autora foi questionada por críticos literários desde o lançamento do *Quarto de Despejo* até meados dos anos 1990. Valem como destaque as resenhas do crítico literário Wilson Martins, sobretudo o artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 23 de outubro de 1993, sob o título “Mistificação literária – ‘Quarto de Despejo’, ‘best-seller’ de 1960, deve ser atribuído a Audálio Dantas”. Na crítica, publicada na altura da reedição da obra pela editora Ática, Wilson Martins descreveu o estilo de Carolina de Jesus com tom de ironia.

Mas é, estilisticamente, uma preciosa. De manhã, não se levanta, mas “deixa o leito”, ao abrir a janela, nota que o sol está “galgando”, enquanto os pardais se entregam à sua “sinfonia matinal”; o povo da favela é a “turba” e lavar o rosto é “abluir-se”; os vizinhos usam “palavras de baixo calão”; uma mulher grávida está “gestante”; a sua própria existência é uma vida “infausta”, e assim por diante. (MARTINS apud BARCELLOS, 2014, p. 17)

⁴⁴ Seguindo a grafia do manuscrito: *indecorósas*, *missível*, *atrabiliariós*, *puerícia*.

Na mesma resenha, Wilson Martins reivindica que a autoria do livro seja atribuída ao editor, Audálio Dantas, pois sua editoração foi “muito além da ‘excessiva presença’ que admite na preparação do texto”. Conforme vimos anteriormente, o editor fez correções em relação à pontuação, ortografia, vocabulário, bem como realizou supressões, acréscimos e substituições no corpo do texto. A seguir, buscamos nos aprofundar nos limites desta “excessiva presença”, ao levantarmos a hipótese de que a colaboração de Dantas teve influências diretas na narrativa do diário, antes mesmo da publicação.

3. DANTAS PARA ALÉM DA EDIÇÃO



Fig. 4 – Audálio Dantas e Carolina de Jesus⁴⁵

A mais recente edição publicada do *Quarto de Despejo*, em 2015, apresenta uma “nota dos editores”, transcrita a seguir:

Esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, o que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo.

Apesar de 57 anos terem se passado desde a primeira publicação da obra, a passagem reforça a ideia de que o livro é um retrato da realidade sórdida da favela “sem retoque”.

⁴⁵ Imagem do acervo da atriz Ruth de Souza.

Apresentações, prefácios e notas prévias procuram divulgar a veracidade da narrativa como uma perspectiva da pobreza apresentada de “forma crua” por quem vive na favela. A premissa levanta pontos questionáveis sobre a autenticidade da obra, visto que nos induz a pensar que o discurso presente no documento não é retocado, ou seja, que a narrativa não teria passado por alterações, filtros ou mediações.

De acordo com o que foi observado nas seções anteriores, Audálio Dantas levou para casa dois cadernos de 1955 após seu primeiro encontro com Carolina de Jesus. Mesmo sabendo que a autora escrevia poemas, contos, romances e provérbios havia pelo menos 15 anos, o editor indicou-lhe: “Olha, a coisa boa que você faz é isto”⁴⁶, fazendo referência ao gênero memorialístico. A recomendação fez com que a autora retomasse a escrita do dia a dia em 1958, ano em que foi produzido o manuscrito que analisamos neste trabalho.

A instrução é comprovada não apenas pelas próprias palavras de Dantas, como também é documentada no manuscrito. Transcrevemos a seguir um diálogo narrado na página 82 do *Caderno 11* entre Carolina de Jesus e uma vizinha, que mostra a falta de interesse da autora no relato da vida cotidiana. O trecho grifado abaixo descreve seu sentimento frente a escrita dos diários.

Vendo-me escrevendo. perguntou me: Dona Carolina, eu estou neste livro?

– Dêixa eu ver!

– Não. **Quem vae ler isto, e o senhór Audalio Dantas. Que vae publica-lo.**

[...]

– O que é, que a senhóra ganha com isto?

– Eles mandaram-me escrever. e eu disse-lhes que na favela não tem nada. que presta, para escrever. Que personagens de favela, são pórno-graficós e os seus atos não merecem destaque (ms. p. 82. Grifo meu)

Perpétua defende que embora Carolina de Jesus mencione diversas vezes a publicação do livro e o retorno financeiro prometido nos manuscritos, a autora não se refere ao diário propriamente dito. Segundo a pesquisadora, a falta de menção ao gênero memorialístico revela um desejo maior, “o de publicar seus poemas e contos e dramas e provérbios, ou seja, aquilo que ela compreende como a grande literatura que produz, da qual não faz parte o diário” (2003, p. 73).

Nas seções anteriores, analisamos como as alterações no tratamento do livro influenciaram diretamente o conteúdo original e a expressividade da autora, com o objetivo de adequar a imagem de Carolina de Jesus a um discurso que seria aguardado de uma mulher

⁴⁶ Frase dita pelo editor Audálio Dantas em entrevista para Elzira Perpétua em 1995.

negra, pobre, moradora de favela. Tais alterações modificaram as feições da diarista, pondo em xeque a noção de autoria do texto tal como foi fixado no livro. Neste capítulo, procuramos estudar se a obra poderia ter sido influenciada por Audálio Dantas antes mesmo da editoração – em outras palavras, queremos analisar aspectos narrativos e variantes presentes no manuscrito que possam testemunhar a autoridade direta do editor antes da publicação.

O enredo de *Quarto de Despejo* pode ser dividido em duas fases: uma anterior ao encontro com o jornalista, que corresponde às entradas de julho de 1955, e uma segunda, após o encontro com o jornalista, cuja narrativa inicia em maio de 1958 e termina em janeiro de 1960. Na primeira fase, a escrita se concentra, principalmente, sobre os problemas e dificuldades da narradora, centrados “na vontade de mudar da favela e no desejo de tornar-se escritora” (MIRANDA, 2013, p. 46), tal como pode ser observado na passagem abaixo:

Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 1960, p. 21).

A partir da segunda fase da narrativa, outros elementos ganham protagonismo como, por exemplo, relatos sobre a vida dos vizinhos ou problemas da comunidade. A primeira reportagem publicada por Dantas aponta vestígios sobre orientações que possam ter influenciado a mudança no viés narrativo do diário, que deixou de ser um espaço subjetivo e passou a focar na representação da coletividade favelada: “Ela é dotada de um agudo senso de observação e por isso retrata tão bem o meio que vive”⁴⁷. Em outro trecho da mesma matéria, o jornalista diz que “ela descreve a vida no seu barraco e, talvez sem o querer, faz uma autentica reportagem da favela”. De certa forma, as passagens evidenciam que seu mentor a classificava como uma cronista do cotidiano, valorizando a carga de veracidade e autenticidade do testemunho – considerados pontos primordiais na prática jornalística.

Ao observarmos aspectos narrativos do manuscrito, atestamos que certas passagens indicam, de forma direta, a voz de Dantas sobre a composição do diário. Um exemplo deste direcionamento explícito é registrado na continuação do diálogo travado com a vizinha,

⁴⁷ Texto da reportagem “O drama da favela escrito por uma favelada” de 1958, retirada do *Acervo Folha*, disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

transcrito abaixo. O trecho destacado revela que se não fosse pela indicação dos “repórteres das Folhas”, a autora não narraria o cotidiano dos moradores do Canindé.

- Eles não tem nada com a vida dos faveladós.
- Eu também penso assim. Mas **êles me mandaram escrever**. (ms. p. 82. Grifo meu)

Rosito (2015, p. 277) transcreve trechos manuscritos do diário de 1960 em que também mostra de forma direta como as sugestões do editor influenciaram a escrita da autora. O trecho grifado abaixo mostra a preocupação de Carolina de Jesus em seguir as indicações de Audálio Dantas quanto a inserção de nomes de personagens.

- O reporter despediu-se dizendo que tem hora para entregar o serviço.
- **O seu nome para o Diário? Sinão o Audálio repreende-me.**
- José Roberto Pena.
- O senhor esta estudando?
- parece médico! (FBN rolo 1, 15 de junho de 1960 *apud* Rosito, 2014: 277. Grifo meu)

Outro característica narrativa presente no manuscrito que poderia ter sido originada pela certeza de um público leitor e pela promessa de publicação é a sucessão de verbos sinonímicos⁴⁸. Grifamos nos exemplos abaixo a presença de verbos com interpretações semelhantes em duas passagens do *Caderno 11*.

- 32. Eu acho tolice **discutir brigar** por causa de agua. (ms. p. 2)
- 33. Depôis que a Mêiri **deu** na baiana **expancou** a baiana. preparou a mala e foi para o Rio de Janeiro. (ms. p. 23)

No geral, o processo de criação de Carolina de Jesus é caracterizado pela quase ausência de rasuras. No entanto, os dois casos parecem representar uma escolha pela melhor variante feita no próprio curso da escrita. O segundo exemplo parece ilustrar de forma mais clara a suposta adequação do discurso a um público, visto que o sentido de “dar” como uma agressão é usado de forma mais popular no português brasileiro.

A interferência de Dantas nos textos de Carolina de Jesus ultrapassa aspectos narrativos e ganha reflexos no próprio suporte e escrita da autora. No trabalho de

⁴⁸ Apesar de notarmos este fenômeno no manuscrito, não conseguimos dizer, com toda certeza, que ele não está presente nos diários anteriores a Dantas, visto que não tivemos acesso aos originais de 1955. Entretanto, gostaríamos de dar destaque a este tipo de ocorrência e levantar a hipótese para trabalhos posteriores.

inventariação, Barcellos classifica os manuscritos em duas fases distintas. O primeiro momento era marcado por um período em que a autora não dispunha de recursos financeiros para adquirir cadernos, portanto, escrevia em suportes encontrados no lixo e reutilizados, como folhas de jornal. Caracteriza-se, também, pela caligrafia compacta e pelo aproveitamento quase que integral dos cadernos, folhas e linhas. A segunda fase inicia-se em um período após o encontro com o editor, em que Carolina de Jesus parece ter mais cadernos ou recursos para adquiri-los (2015, p. 16). Segundo o pesquisador, a autora passa tanto a escrever com uma letra mais volumosa, quanto a deixar linhas em branco. É também a partir do encontro com Dantas que Carolina de Jesus passa a concentrar cadernos separados para gêneros distintos, distinguindo a escrita romanesca da escrita diáristica, por exemplo.

No geral, Fernandes descreve o processo de gênese da obra de Carolina de Jesus como “labiríntico”, pois a autora “começava a escrever num caderno, interrompe, para continuar em outro, retornando depois para o anterior, mesmo não numerando sequencialmente o local já escrito” (2015, p. 326). Segundo a pesquisadora, cabe ao geneticista reunir os fragmentos de textos desconexos como foi o caso, por exemplo, do romance *Dr. Silvio*⁴⁹, um texto inédito disperso em nove cadernos que fazem parte do acervo.

Um depoimento da assistente social da prefeitura de São Paulo, Maria Teresinha Godinho, revela que um processo semelhante de fragmentação textual era aplicado aos diários de 1955.

Eu cheguei a ler alguns fragmentos originais de *Quarto de Despejo*, que já fazia parte de seus projetos literários. Não era de um único gênero, porque a Carolina não era uma pessoa estável, então havia também textos com ideias moralizantes, misturados com romances e até poesias. Mas não dava para ler com clareza, pela caligrafia tortuosa e pela confusão dos manuscritos: uma parte no jornal, outra no papelão... Fragmentos dispersos por todo o barraco. (LEVINE, MEIHY, 2015, p. 135)

A redação de *Caderno 11* tem como características a letra arredondada, linhas deixadas em branco e páginas utilizadas exclusivamente para o registro memorialístico⁵⁰. Seguindo a teoria de Barcellos, incluímos o autógrafo na segunda fase de produção literária da autora e os relatos que citamos anteriormente reforçam a ideia de que a influência de

⁴⁹ Romance narrado em terceira pessoa, conta a história de Maria Alice e seu amado Silvio, protagonista que dá título ao romance (BARCELLOS, 2014, p. 225).

⁵⁰ Nota-se a presença de pequenos poemas, quadras, de criação própria, mas que estão inseridas nos contextos cotidianos narrados. Trabalharemos de forma mais aprofundada as características do manuscrito no capítulo seguinte.

Dantas foi um marco na mudança metodológica na criação da autora, incluindo o suporte e modo de trabalho.

Em *Diários Revisados – Sujeitos retocados*, Barcellos fala sobre processos de depuração do conteúdo original realizados pelos próprios diaristas, como a necessidade de aparar imperfeições e irregularidades de “um texto inicialmente sem forma e sem pretensão literária” (2006, p. 5). As campanhas de correção autorais presentes no manuscrito podem ter sido originadas pela consciência de um público leitor. Por meio da análise genética, observamos períodos em que a autora parece escrever com uma caneta de tinta azul, interrompe e começa a escrever com uma caneta preta. Nesta campanha de escrita, aproveita para revisar o registro anterior e realiza correções, como é possível observar na imagem abaixo, que reproduz a página 10 do manuscrito.

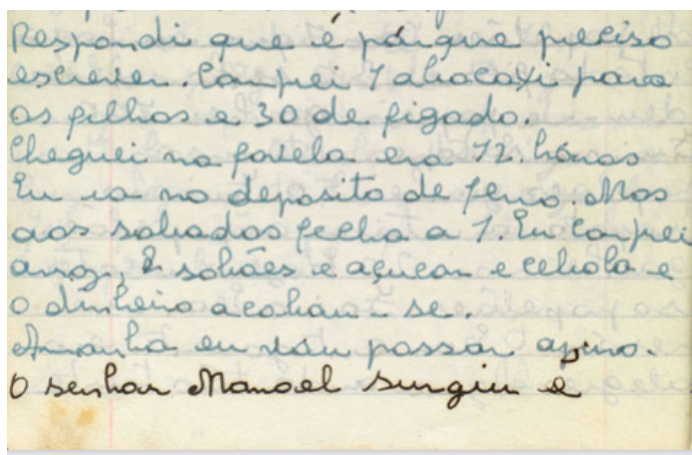


Fig. 5 – Campanha autoral de revisão presente na página 10 do *Caderno 11*

A figura 5 ilustra uma campanha de revisão da autora em uma passagem atribuída ao dia 6 de dezembro. Na primeira linha, observamos que os acentos agudos nos vocábulos “e” e “porque” foram acrescentados com uma tinta preta, bem como o reforço da letra <p> em “apuro”. Logo, acreditamos que, no processo de criação, a autora escreveu a campanha em tinta azul e, antes de prosseguir o relato com uma caneta de tinta diferente, voltou na leitura do texto e aplicou as correções.

O reforço de letras em si é outro exemplo de mediação revelado no detalhamento genético. É no traçado de letras pouco marcadas pela tinta ou pelo próprio curso da escrita que notamos “pequenos avisos” deixados pela autora para seus futuros leitores. Neste âmbito, observamos dois comportamentos: o reforço de letras para a legibilidade do traçado (cf. fig. 6a) e a sobreposição de tinta, com uma caneta de cor diferente, nos trechos em que a tinta

original desbotou ou falhou (cf. fig. 6b). Podemos observar na figura 6a que os traços da letra “u” em *robustos* foram alongados pela autora. No segundo caso, sabemos por meio do estudo das letras de Carolina que o traçado do “p” minúsculo é aberto. Logo, em *apuro*, a escritora completou o traçado em um momento posterior, com uma tinta diferente, para facilitar a leitura.

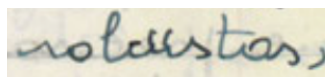


Fig. 6a – Palavra *robustos* com traçado da letra *u* reforçado. (ms p. 66)

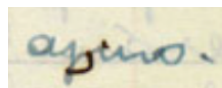


Fig. 6b – Palavra *apuro* com traçado da letra *p* reforçado (ms p. 10)

Em função das observações feitas acima sobre a gênese do diário e o papel desempenhado neste processo por Audálio Dantas, que excede o de responsável pela edição, é útil observar como a Crítica Textual recente se tem pronunciado sobre a relação entre editores e autores.

Enquanto para textos antigos, o objetivo primordial da Crítica Textual é a restituição da forma genuína dos textos, sujeitos a modificações ao longo do processo de transmissão (CAMBRAIA, 2005, p. 1), a disciplina vem sendo correntemente apresentada para textos modernos como o estudo responsável por apresentar um texto que chegue aos leitores conforme a intenção do autor. No entanto, o estudo das intenções finais pode se mostrar um campo escorregadio.

McGann problematiza a questão acerca da intenção final do autor ao refletir sobre diferentes versões de textos modernos no processo de cópia e revisão. De acordo com seu estudo, definir autenticidade autoral no período moderno⁵¹ seria uma falácia, visto que toda informação que passa por processos de mediação está sujeita a um processo de “contaminação” (1983, p. 102). Primeiramente, assim que os escritores redigem seu trabalho, mesmo que pela primeira vez, certo grau de mediação já interferiu no que pode ser

⁵¹ Para McGann, o período moderno é referente aos textos produzidos após o século XVII. (1983, p. 18)

considerado o texto “original” e “sem contaminações”. A mediação é depois acentuada na medida em que as obras literárias são projetos sociais que se adaptam a diferentes propósitos e se modificam conforme as circunstâncias⁵².

Editores, ainda que críticos textuais, exercem alguma autoridade nos textos sobre os quais se debruçam. Em certos casos, grande autoridade. A concepção do *Quarto de Despejo* revela a relação estreita entre a autora e o editor. Dantas se mostra não apenas como um caminho necessário para a publicação, mas também como colaborador indireto do processo de criação. Isto parece sintonizar-se bem com o pensamento de McGann, para quem a relação atual entre escritores e editoras a que estão filiados funciona de forma colaborativa, inserida em uma estrutura de acordos. No período moderno, a obra literária é concebida por meio de condições institucionais e esta relação não pode ser vista sempre como uma influência contaminante ou “alienígena”.

In such a (Romantic) view (...) mediation processes are regarded as structural contaminants on an original and autonomous authority, and their effects have to be removed. In the present view, these mediations are regarded as conditions of being rather than otherwise; limits, if you will, but limits only as the body is a “limit” of humanness. (McGANN, 1983, p. 103).

O papel de Dantas influenciou não apenas na recepção da obra, em que suas escolhas editoriais tiveram como base um processo de verossimilhança⁵³ e a adequação do texto para um público leitor, como também na própria construção da narrativa. Ao dizer “eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro” (DANTAS, 1960), o jornalista mudou a orientação do diário, quebrando a espontaneidade dos escritos, que foi trocada, sobretudo, por um desejo incessante de abandonar a favela.

Estudar os processo de gênese do *Caderno 11* até a fixação do texto no *Quarto de Despejo* revela que a autoridade estabelecida pelo editor ultrapassou o momento da transposição do original para o suporte do livro, pois envolveu igualmente um processo de interferência na produção autoral. Como buscar o “texto original” – no sentido de não apresentar qualquer mediação – é uma ideia utópica, nosso objetivo no campo da Crítica Textual é apresentar um texto que chegue mais próximo da intenção autoral.

⁵² McGann cita uma passagem do poeta inglês Percy Bysshe Shelley na obra “A Defense of Poetry” para ilustrar este processo de “mediação inicial”: “When composition begins, inspiration is already on the decline, and the most glorious poetry that has ever been communicated to the world is probably a feeble shadow of the original conception of the Poet. (1983, p. 103)

⁵³ Processo que culminou “na adequação de uma imagem de Carolina à sua condição social” (Perpétua: 2003: 64).

Como observamos neste capítulo, é difícil definir a intenção final visto que a escrita diarística foi, a partir de 1955, sugerida e influenciada diretamente por um “outro”. Outra dificuldade que encontramos foi tentar buscar a originalidade do relato, ignorando interferências narrativas e mecânicas causadas pela figura do editor, que estudamos neste capítulo. Ao nos depararmos com estas questões, seguimos a linha de McGann de que a influência não pode ser vista sempre como um fator contaminante e definimos a edição do *Caderno 11* não como a documentação da intenção final da autora, mas como um registro do que Carolina de Jesus escreveu sob a orientação direta de Audálio Dantas.

4. ANÁLISE DO MANUSCRITO

O catálogo *Vida Por Escrito*, que inventaria as atualizações recentes do espólio de Carolina de Jesus, aponta que seu acervo está distribuído por cinco instituições brasileiras: no Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik, no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), ambos localizados em Minas Gerais; o Museu Afro Brasil, em São Paulo; o Instituto Moreira Salles e a Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro.

O manuscrito que analisamos neste trabalho faz parte da Coleção Carolina Maria de Jesus, presente na Fundação Biblioteca Nacional (FBN). No ano de 1996, diários, recortes de jornais, documentos diversos e fotografias de Carolina Maria de Jesus foram microfilmados em convênio de cooperação cultural entre a FBN e a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, localizada em Washington, D.C.

Os microfilmes foram recolhidos, tratados e examinados por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e por uma equipe da Biblioteca Nacional, sob a direção de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. Além desta primeira aquisição feita pela Biblioteca Nacional, Audálio Dantas doou os originais de 14 diários que deram origem ao *Quarto de Despejo* em 2011.

Atualmente, a Coleção Carolina Maria de Jesus conta com 11 rolos de microfilme, 22 fotografias e 14 diários autógrafos. O diário autógrafo *Caderno 11*, que se encontra na Divisão de Manuscritos (47,GAV1,07) é o único disponível do acervo digital da Biblioteca Nacional, a BN Digital, que atua na preservação da memória cultural por meio da digitalização de manuscritos e impressos. Foi este recurso que possibilitou o estudo da obra a distância⁵⁴.

⁵⁴ Link do manuscrito na BN Digital: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1352132/mss1352132.pdf>.

4.1. Nota descritiva

Para esta pesquisa, ficamos restritos ao acesso da digitalização do *Caderno 11*, com todas dificuldades e riscos que o acesso indireto potencia. Sob este aspecto, foi preciso basear parte da análise das características materiais do manuscrito em descrições fornecidas pela Biblioteca Nacional do Brasil⁵⁵ e pelo guia do acervo *Vida Por Escrito*. Para a descrição codicológica, o trabalho procurou preencher parte dos requisitos do catálogo analítico fornecido da seção II da obra *La descrizione del manoscrito*, de Armando Petrucci (1984, p. 48-68), segmentados a seguir.

4.2. Datação

Por se tratar dos diários da autora, a datação do manuscrito é explícita. Segundo consta na descrição do acervo da Biblioteca Nacional, o *Caderno 11* contém memórias atribuídas a dezembro de 1958. A primeira entrada do diário encontra-se sem data e apresenta a continuação de uma narrativa anterior. Desta forma, julgamos que o registro seja do dia 2 de dezembro, última data inserida no caderno anterior (BARCELLOS, 2015: 127).

A primeira datação explícita, atribuída por Carolina de Jesus, é escrita na margem superior da página 2 do manuscrito (cf. fig. 7a). Ao longo do diário, as entradas feitas em páginas em branco são registradas de forma semelhante: na margem superior e, em sua maioria, centradas. Quando um novo dia é iniciado na mesma página do registro anterior, a autora deixa uma linha em branco antes de datar (cf. fig. 1.b). A única exceção a este comportamento foi atestada na página 74 do manuscrito, em que a autora não deixou um espaço em branco e inseriu a data na linha logo abaixo.

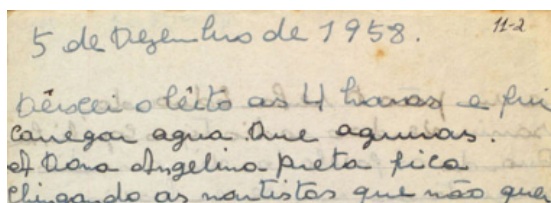


Fig. 7a – Data de 5 de Dezembro (ms. p. 3)

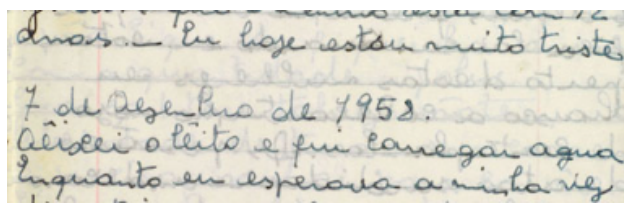


Fig. 7b – Data de 7 de Dezembro (ms. p. 11)

⁵⁵ Nomeadamente a Divisão de Informação Documental, cujo atendimento auxilia pesquisadores no exterior.

4.3. Suporte material

O suporte do manuscrito é um caderno de dimensões 225 mm x 160 mm (cf. fig. 8a). A capa de cor parda ao fundo apresenta traços vermelhos circulares, com a figura de um homem na parte superior e o desenho de um retângulo vazado, com a palavra “gigante” impressa. Há três etiquetas pequenas retangulares brancas no canto superior esquerdo coladas durante o processo de inventariação, com as indicações: “CADERNO nº 5”, “Dez 58” e “Pag. 1-96”. A cota do testemunho, “47,GAV1,07” foi anotada com um lápis no canto superior direito.

No centro da capa, há um desenho que remonta a etiquetas escolares, com três linhas paralelas, pontilhadas, também em vermelho. Na primeira linha, está o número “11” com uma tinta azul desbotada, escrito no canto esquerdo. No final da mesma linha, observamos o ano “1958”, escrito e circulado por uma caneta de cor vermelha. Na terceira linha, a frase “Caderno nº 11 / 1958” está escrita com uma caneta azul. Pelo estudo da grafia da autora, acreditamos que apenas o número “11” pertencia ao manuscrito originalmente.

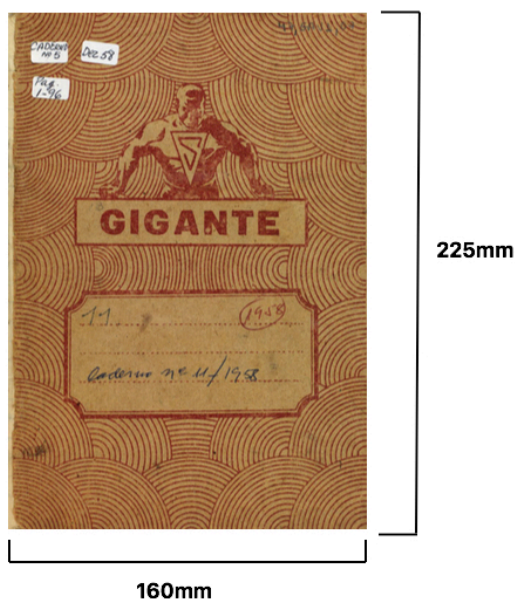


Fig. 8a – Capa do caderno



Fig. 8b – Contracapa do caderno

A contracapa também é ilustrada: além dos mesmos traços circulares em vermelho, há cinco imagens de um homem com vestimentas de super-herói. A contracapa apresenta sinais maiores de desgaste e má conservação, e é possível observar rasgos tanto na margem superior quanto no lombo do caderno. Há também manchas, que parecem originadas por tinta de caneta e muito se assemelham a manchas encontradas no interior do suporte (cf. Quadro II).

| | |
|---|--|
| <p>Contracapa</p>  | <p>Manuscrito – p. 70</p>  |
| <p>Contracapa</p>  | <p>Manuscrito – p. 66</p>  |

Quadro II: Comparação entre manchas no suporte

4.4. Composição

O caderno contém 47 fólios pautados preenchidos frente e verso em caneta-tinteiro (PERPÉTUA, 2014, p. 144), salvo raras exceções de linhas deixadas em branco pela autora ao término de um registro diário, ou para delimitar o espaço para quadras de criação própria⁵⁶. São 23 linhas por página e uma linha vertical vermelha à esquerda, para marcação da margem, que não é utilizada pela autora, com exceção do registro de poemas.

Por meio da observação do material digitalizado, é possível verificar na primeira página do manuscrito que o processo de encadernação foi realizado com agrafos (cf. fig. 10).

⁵⁶ Cf. exemplos nas páginas 8, 44 e 56 do manuscrito.

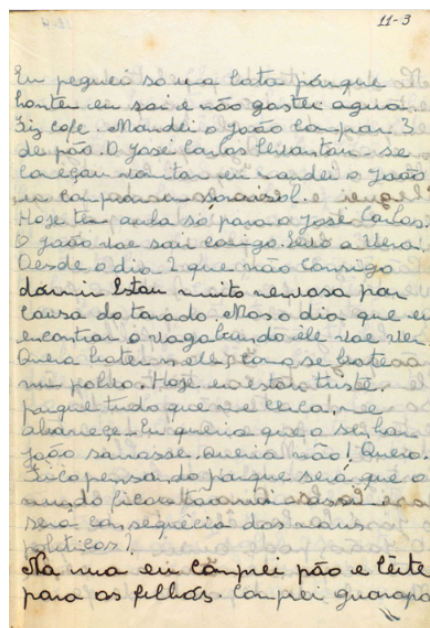


Fig. 9 – Digitalização do registro de 5 de Dezembro de 1958, página 3 do Caderno 11

4.5. Organização da página

A paginação é registrada no canto direito superior, com uma mão diferente da da autora, possivelmente efetuada durante o trabalho de catalogação da Biblioteca Nacional. A numeração é indicada pelo número do caderno, acompanhado do número sequencial das páginas, considerando frente e verso dos fólhos. A cota do manuscrito foi escrita a lapis no canto direito superior da primeira página.

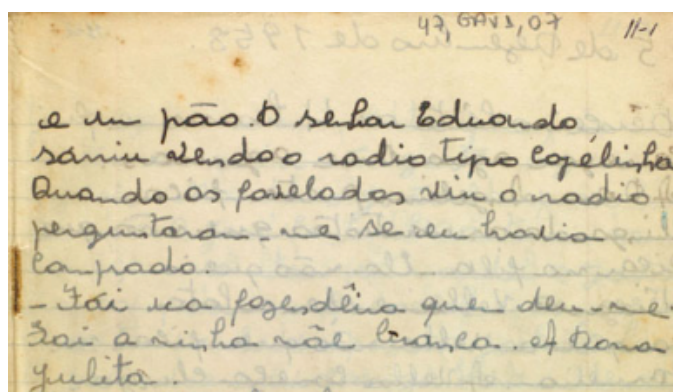


Fig. 10 – Cota do manuscrito e numeração sequencial de páginas

A única quebra na sequência da paginação está presente na página 33, que vem seguida da 36. Como não há qualquer indicação da mutilação do material nos registros da FBN sobre o *Caderno 11*, e pelos números 34 e 35 corresponderem ao verso e a frente das

páginas respectivamente (logo pertencerem a dois fôlios distintos), não acreditamos que se trata da omissão de páginas, mas sim, de um possível erro de numeração.

4.6. Caligrafia da autora

Seguramente, o aspecto da letra cursiva de Carolina de Jesus é um agente facilitador para a decifração do manuscrito, pois não se revela como um forte obstáculo para a leitura. A escrita da autora se apresenta com um traçado arredondado, firme e de velocidade pausada em geral. As maiúsculas são frequentemente realizadas com ataques laçados (cf. letras <C>, <E> e <L> no quadro III), em ponte (cf. <U> e <V>) e em roda (cf. <A>, <M> e <N>). Observamos também períodos de maior velocidade, mais frequentes no desenvolvimento e desfecho da narrativa, se comparados ao traçado no começo do relato diário.

A seguir, procuramos abordar duas características na escrita da autora com base na análise do manuscrito: 1) traços análogos para letras distintas; 2) formas alternativas para a mesma letra.

No primeiro caso, o traçado análogo para determinado conjunto de letras levanta questionamentos no momento de decifração. O fenômeno permitiu que a diferenciação das letras em determinados contextos tivesse sido baseada puramente em aspectos semânticos. A maior dificuldade está na semelhança entre as letras <a> e <o> minúsculas (cf. tabela) em posição inicial ou intermediária. Damos a seguir um exemplo deste tipo de situação.

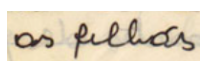


Fig. 11a – “os filhós” (ms. p. 5)

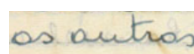


Fig. 11b – “as outras” (ms. p. 6)

Na fig. 11a, Carolina de Jesus poderia ter escrito “as filhás” ou “os filhós”, bem como a escrita da fig. 11b pode ser interpretada como “os outros” ou “as outras”. Levantada a dúvida, a decifração recorre a elementos presentes no próprio contexto da escrita. Por sabermos que Carolina de Jesus se referia a seus filhos no primeiro exemplo, sendo eles dois homens e uma mulher, apenas o plural masculino poderia ser usado. No segundo caso, o uso da terminação feminina foi baseado na análise do contexto. O termo está inserido na frase “se esta criança nascer maturo vae mórrer igual *as outras* que foram pizóteadas (ms. p. 5)”. Por entendermos que “as outras” refere-se ao sujeito oculto “crianças”, a concordância foi estabelecida com o gênero feminino.

Nas maiúsculas, observamos o mesmo fenômeno na forma quase idêntica para as letras <I> e <F>, quando o traço cruzado na horizontal do <F> não é realizado (cf. tabela). Em certos momentos o traçado da letra <V>, quando o ataque em roda é menos marcado e a curva descendente é pronunciada, se assemelha ao de <U>.

O caso anterior também chama a atenção para outro fenômeno da escrita de Carolina de Jesus: as formas alternativas para a mesma letra. Por exemplo, o registro da letra <V>, maiúscula, é feita em formatos distintos, sendo que podem se apresentar em ataques em ponte, desenvolvidos em uma curva pronunciada, ou podem se manifestar com pontos de ataque igualmente altos, porém com uma curvatura menos acentuada. Neste caso, o desenho descreve um traço vertical descendente (cf. último ex. da p. 11 na tabela III).

No campo das minúsculas, chamamos a atenção para a letra <i>, atestada com o ponto e sem, independentemente do posicionamento da letra dentro da palavra. Sendo mais frequente a realização do ponto no manuscrito, levantamos a hipótese de que a diferenciação poderia se relacionar com a velocidade da escrita. Ilustramos a seguir trechos em que foram atestadas a letra <i> sem ponto, que serviram de exemplo para a tabela no fim deste capítulo.

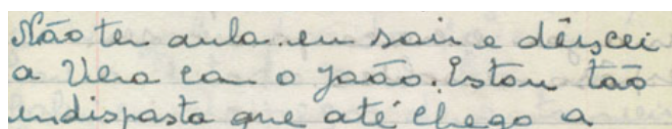


Fig. 12a – Exemplo do <i> sem ponto em posição inicial: “indisposta” (ms. p. 24)

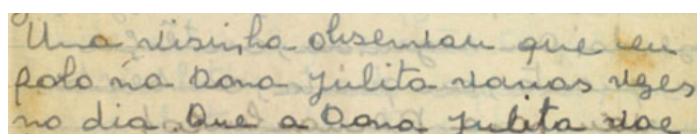


Fig. 12b – Exemplo do <i> sem ponto em posição intermediária: “varias” (ms. p. 1)

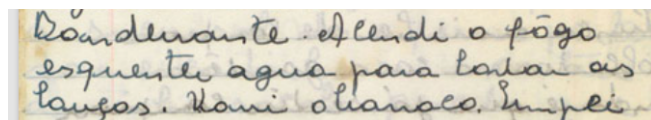
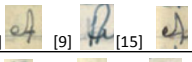

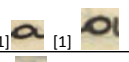









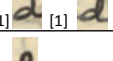




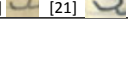

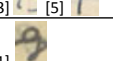


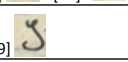

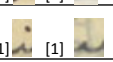













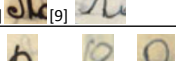


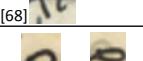
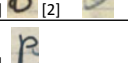






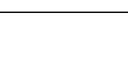






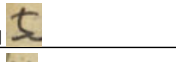









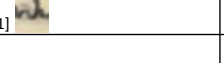

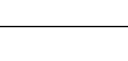


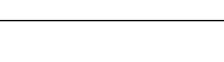


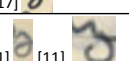


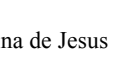



Fig. 12c – Exemplo do <i> sem ponto em posição final: “esquentei” (ms. p. 40)

Na figura 12a, observamos um caso da letra <i> sem ponto em posição inicial da palavra “indisposta”. No exemplo 12b, o mesmo caso ocorre na letra <i> em posição intermediária, no termo “varias”. Por fim, a mesma realização é atestada na palavra “esquentei”, com a letra <i> em posição final.

Nos três exemplos, notamos que os dois tipos de realização da letra <i> coexistem nas mesmas campanhas de escrita. Na figura 12a, observamos um caso habitual da escrita da autora, em que os traçados alternativos da letra surgem na mesma palavra – no caso, “indisposta”. Sendo assim, como não verificamos uma diferença de velocidade nos diferentes trechos que justifique o traço alternativo, verificamos que se trata de um caso de tipologia diferenciada, ou seja, quando há representações alternativas para determinadas letras.

A seguir, apresentamos uma tabela com recortes da letra de Carolina de Jesus, a fim de ilustrar exemplos dados nesta seção. Como metodologia, dividimos os exemplos em dois grupos: maiúsculas e minúsculas. Em seguida, as minúsculas foram subdivididas quanto ao posicionamento da letra dentro da palavra, para verificar possíveis diferenças do traçado quando a letra está em posição inicial, intermediária ou final do vocábulo. Registramos no quadro a primeira ocorrência do traçado no manuscrito e, em seguida, adicionamos exemplos de formas alternativas para a mesma letra, encontradas no decorrer da narrativa. Ao lado esquerdo das figuras, adicionamos entre parênteses retos o número da página onde os exemplos estão localizados.

| | Maiúsculas | Minúsculas | Posição inicial | Posição intermediária | Posição final |
|---|---|------------|---|--|---|
| A |  | a |  |  |  |
| B |  | b |  |  | |
| C |  | c |  |  | |
| D |  | d |  |  | |
| E |  | e |  |  |  |
| F |  | f |  |  | |
| G | | g |  |  | |
| H |  | h |  |  | |
| I |  | i |  |  |  |
| J |  | j |  |  | |
| K |  | k | |  | |
| L |  | l |  |  |  |
| M |  | m |  |  |  |
| N |  | n |  |  |  |
| O |  | o |  |  |  |
| P |  | p |  |  | |
| Q |  | q |  |  | |
| R |  | r |  |  |  |
| S |  | s |  |  |  |
| T |  | t |  |  | |
| U |  | u |  |  |  |
| V |  | v |  |  | |
| W | | w | | | |
| X | | x | |  | |
| Y | | y | |  | |
| Z |  | z | |  |  |

Quadro III: Letras de Carolina de Jesus

PARTE II

EDIÇÃO GENÉTICA

“Eu não sei o que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Fico pensando o que será *Quarto de despejo?*, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçavam-me igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas”

Carolina Maria de Jesus

(JESUS, 2015, p. 195)

1. APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO

A proposta da segunda parte deste trabalho é apresentar uma edição genética do diário intitulado *Caderno 11*. Como observamos anteriormente, a escrita da autora fornece raros elementos de gênese, porém, a análise deste aspecto nos forneceu vestígios relevantes do processo de criação, que nos mostrou que o percurso criativo do texto sofreu uma forte influência antes e durante o registro.

A abordagem genética foi baseada no único manuscrito autógrafo do *Caderno 11*, pois não sabemos da existência de esboços e primeiras redações do texto. Seguimos a linha de Perpétua, que mostrou como as modificações de Dantas no texto criaram uma arquitetura própria e distante do discurso de Carolina de Jesus. Por estas razões, mesmo avaliando que o manuscrito também apresenta pontos evidentes da autoridade do editor, o original parece representar de forma mais fiel a intenção final da autora. Também defendemos a teoria de Barcellos, para quem a atração por diários “deve-se a sua natureza íntima e não intencionalidade de tornar-se público” (BARCELLOS, 2006, p. 10). Por isso, acreditamos que apresentar passagens que foram excluídas da publicação pode ser relevante para historiadores e pesquisadores sobre escritas de si. A edição genética pode ser também de grande interesse para o estudo da linguística, no aprofundamento de questões sobre as marcas da oralidade popular do português brasileiro nos diários de Carolina de Jesus, bem como a análise aprofundada de outros aspectos da linguagem da autora, como a pontuação e acentuação.

Procuramos apresentar uma edição com grau baixo de mediação seguindo normas normas de transcrição conservadoras com o intuito de procurar manter as características originais do manuscrito, como variações gráficas, sistema de pontuação original, paragrafação e separação vocabular. Apresentamos a seguir as normas da edição para esclarecer os procedimentos adotados neste trabalho.

- a. Mudanças de tinta: a cor preta assinala momentos de escrita efetuados com uma caneta de tinta preta e o cinzento é utilizado para a marcação da caneta de cor azul.
- b. Translineação: o tipo de translineação é reproduzido em nota de rodapé. O termo é indicado em itálico e um espaço em branco é deixado no local da separação.
- c. Linhas em branco: são reproduzidas, correspondendo na edição ao mesmo número de linhas deixadas em branco pela autora.

- d. Paginação: segue-se a numeração estabelecida pela Biblioteca Nacional do Brasil, indicada na margem superior ao lado direito, e que aqui é incluída entre parênteses retos.

Além destes procedimentos de transcrição, adotamos um conjunto de símbolos que compreendem as marcações autorais, respeitando a localização e a cronologia das interferências autógrafas. A chave dos símbolos reproduz a simbologia utilizada na edição crítica da obra de Fernando Pessoa, projeto dirigido pelo professor Ivo Castro (BERARDINELLI, 1990, p. 383).

Chave dos símbolos

< > segmento autógrafo riscado

< > / \ substituição por superposição, na relação <substituído> /substituto\

[] acrescento

[↑] acrescento na entrelinha superior

[↓] acrescento na entrelinha inferior

† segmento, sinal ou rabisco ilegível

/* / leitura conjecturada em casos de desgaste do suporte. Conjecturas pela força do contexto foram descritas em nota.

Finalmente, colocamos em nota algumas observações para contextualizar o leitor em termos histórico-culturais e biográficos. Criamos ainda, depois da edição, um índice de pessoas, apresentando de forma breve os principais personagens do cotidiano de Carolina de Jesus.

2. EDIÇÃO GENÉTICA

[capa]

[1] e um pão. O senhor Eduardo sorriu Vendo o radio tipo capélinha

Quando os favelados viu o radio perguntaram-me se eu havia comprado.

– Fói ua⁵⁷ fazendêira quem deu-me. Foi a minha mãe branca. A Dona Julita.

Uma visinha observou que eu falo na Dona Julita varias vezes no dia. Que a Dona Julita vae incluir-me no seu testamento.

– Todos estão admirado pórque ganhou um radio. E um otimo regalo. Eu ainda não liguei a Luz †. Vóu ligar amanhã pórque preciso comprar mais 12 metros de fiós. E o dinheiro não da. Amanhã eu vóu vender uns ferros e catar papeis para arranjar o dinheiro. Eu estou doente. em consecuencia do susto do tarado.

[2] 5 de dezembro de 1958.⁵⁸ Dêixei⁵⁹ o lêito⁶⁰ as 4 horas e fui carregar agua. Que agruras. A Dona Angelina preta fica chingando os nortistas que não quer ficar na fila

– Ela não queria dêixar a velha encher a lata porque a velha não quer ficar na torneira⁶¹. A velha começo chingar . Dizendo: ou segunda, ou têrça ou quarta, ou quinta, ou sexta, eu vóu para Pernambuco!

Eu não gosto dêste São Paulo.

Angelina diz: não gosta. Mas não vae embóra.

Eu enchi a lata da velha pórque não aprecio as polemicas. Eu so discuto os grandes motivós.

Eu acho toliçe discutir brigar por causa de agua. Quando se chega nêste mundo já encontramos tudo. E quando mórremós ou mórrémos com sêde, ou com fome. E a agua fica. E as comidas ficam.

..⁶² [3] Eu peguei so uma lata pórque ontem eu sai e não gastei agua. Fiz cafe. Mandeí o João comprar 3 de pão. O José Carlos levantou-se começou vomitar eu mandei o João ir comprar um sorriso⁶³.

Hoje tem aula só⁶⁴ para o José Carlos. O João vae sair comigo. Levo a Vera.

⁵⁷ A autora parece ter a intenção de escrever *uma*, mas não realiza o traçado na letra <m>.

⁵⁸ Data escrita no lado esquerdo da margem superior.

⁵⁹ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁶⁰ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁶¹ *torneira* : o traçado da letra <o> parece ter sido reforçado.

⁶² Apesar de ainda haver espaço na linha superior, os dois pontos foram escritos na margem inferior da página.

⁶³ *Sonrisal*: medicamento para azia e dor de cabeça.

Desde o dia 2 que não consigo dórmir. Estou muito nervosa por causa do tarado. Mas o dia que eu encontrar o vagabundo êle vae ver.

Quero bater n ele, como se bate num polvo. Hoje eu estou triste. porque tudo que me cerca. me aborreçe < . > / – \ Eu queria que o senhor João sarrasse. Queria não! Quero. Fico pensando porque será⁶⁵ que o mundo ficou tão ruim assim.

Será consequência dos maus politicos?

Na rua eu comprei pão e lêite para os filhós. Comprei guaropa [l†] [4] No deposito de papel todos estavam neniósós pórque um empregado machucou-se na prensa. Ouvi dizer que esmagou-lhe⁶⁶, o braço – Fiquei com dó.

Cheguei em casa cansada porque eu catei uns vidros para vende-lós e pesavam muito

Não fiz comida. Sai e fui vender os ferros. A Vera foi quem ajudóu-me. pórque o senhor João, o meu filho. não quiz ir. Fói nadar.

Ele me trata com tanto desprêso so me da atenção quando esta com fome, Quando esta dóente – Mas eu sei lhe castigar. Onde vou levo só⁶⁷ o José Carlós. Quando eu chamo o José Carlos êle⁶⁸ atende-me

– O João, pode ouvir-me que não responde. Fui no senhor Manoel, do deposito de ferro [5] e no senhor Chico da rua João Bóemer. Eu não conhecia o senhor Chico. gostei d êle. da para perçeber que êle é bóm. Recibi 110. passei na loja e comprei os fios para ligar a luz. porque a Vera quer ouvir o radio

Cheguei na favela so com 35.

E não tenho nada para comêr tenho açúcar café e mantêiga

Vou comprar pão. Tem tantas roupas sujas, mas, não tenho sabão. Hoje a Lêila foi na delegacia pórque⁶⁹ ela deu parte do Arnaldo seu companheiro, que deu-lhe uns ponta-pés e que ela esta grávida de 4 mēses⁷⁰. Quando ela disse-me que estava⁷¹ grávida pensei: outra infeliz! Que vae nascer para sofrer. se esta criança nascer maturo vae mórrer igual as outras que [6] foram pizótéadas. e não eram alimentadas na hóra certa.

⁶⁴ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁶⁵ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁶⁶ *esmagou- lhe*

⁶⁷ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁶⁸ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁶⁹ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁷⁰ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁷¹ *estava* : a última sílaba encontra-se quase que inteiramente desbotada, estando sobreposta por uma mancha amarelada.

A Lêila contou-me que a filha da Dona Dora esta prêsa. porque o seu espó[1]so lhe pegou em adultério com um baiano que tem 2 dentes de ouro.

Eu não gosto dêste baiano por isso⁷² não sei o nome d êle.

Mas a mulher adultra é piór⁷³ do que a meretriz pórque homem por homem, o seu espôso também é homem, E o homem quando é substituído desta fôrma fica dessiludido. alguns abandonam o lar e vão degradando até a margem da vida. se não beb<e>/\a aprende a beber. E o ébrio⁷⁴ é um candidato ao carçere. pórque pode cometer um crime. O lar é uma part<a>/e\ da ilusão do homem.

Como é horrível as ilusões [7] disfêitas. Eu tenho nôjo das mulheres adultas. pórque⁷⁵ quem vê que não presta para casar-se não deve casar-se. pórque o homem não é palhaço. E a mulher que ama o seu espôso. não lhe póporciona tristêsas.

– Eis o que eu penso sobre as mulheres adultas.

A Leila disse-me que o senhór Sousa <,> /\ Um nórtista que resside aqui na favela foi prêso.

– Ele é amasiado com a Dona Clara. que tem um filho. Foi êle quem criou. O jovem. Mas o filho foi dar parte d êle pórque cansóu de apanhar.

Os paes tem que dêixar de bater nos filhos quando êles ja se julgam homens. Nesta idade em vez de pancadas – criticas

O senhór Sousa é professôr. Mas trabalha como servente de [8] pedreiro. O trabalho não regrido o való[1^]r do hómem. porque eu sou póetisa e vivo no lixo. e estou vivendo. Hoje eu fiz êste verso. Eu não faço⁷⁶ verso. êles prómanam na mente.

Eu sonhei que estava mórtá

Vi meu córpo⁷⁷ num caixão.

Envez de fl<ó>[1^]res <.>/\ era um livro

Que estava na minha mão.

Hoje eu estou estreitando o radio

Toquei o radio até as 12.

⁷² isso : o traçado da primeira letra <s> parece ter sido reforçado.

⁷³ pior : o traçado da letra <p> parece ter sido reforçado.

⁷⁴ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁷⁵ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁷⁶ Cedilha inserida com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁷⁷ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

Ouvi os progamas de tango. porque aprecio as melodias pórténhas. – O Orlando ligou a luz. Agora tenho que paga-lo 75. pór mês. pórqe êle cobra 25 pór bico

[9] 6 de Dezembro de 1958.⁷⁸ Deixei o leito as 4 da manhã liguei o radio para ouvir o amanhecer do tango. Deixei o radio ligado e fui por as. latas na fila. Acendi o fogo. Era muito cêdo para eu ir comprar pão, ressolvi escrever.

ate as 6. Fui no emporio comprei pão, e café. Hoje os filhos não vão na aula. Eu vóu deixar o senhór João com a Vera e vou levar so o José Carlós. Na <a>/A\venida <do Estado> Cruzeiro do sul⁷⁹ uma senhóra deu-me 2 sacos de papelâes. Com 1 que eu havia catado. ficaram 3. O senhor Aldo deu-me papeis. ganhei 100. Fui no satope. ritirou os papelaes ganhei 50. Fui na sapataria ritirar os papelâes ganhei mais 20. Hoje⁸⁰ eu catei so papelâes. Foi o Leon quem pesóu. O Leon <e>/a\ntigamente era alegre. Agora anda tão triste [10] A onda da tristêsa esta atingindo⁸¹ a todós. Eu entrei no senhor Cila para comprar um sanduiche para o Jose Carlos e tomar um <u>/c\lopo de agua Mineral.

O Julio pagóu. Um homem disse : para mim você não paga!

– Mas eu trabalho para êle.

Depois o Julio é meu genro.

Vae casar com a minha filha de 5 anós. Agradei o Julio e sai ele disse-me que estou sempre <contente>. com . pressa

Respondi que é⁸² pórqe⁸³ preciso escrever. Comprei 1 abacaxi para os filhos e 30 de figado.

Cheguei na favela era 12. horas

Eu ia no deposito de ferro. Mas aos sabados fecha a 1. Eu comprei arroz, <e>/2\ sabões e açúcar e cebola e o dinheiro acabou-se.

Amanha eu vóu passar apuro⁸⁴.

⁷⁸ Data inserida no lado direito da margem superior.

⁷⁹ Carolina de Jesus confunde a Avenida do Estado com a Cruzeiro do Sul. Trata-se de duas importantes avenidas de São Paulo, próximas ao rio Tietê. A Avenida Cruzeiro do Sul começa na Avenida do Estado, talvez por isso a confusão.

⁸⁰ *Hoje* : a letra <H> parece cobrir o início de traçado, feito anteriormente, de outra letra. Por meio do estudo da grafia da autora, conjecturamos que possam ser as letras <e> ou <l> maiúsculas.

⁸¹ *atingi*[l-]ndo

⁸² Acento agudo inserido com uma tinta da cor preta, inserido em uma campanha de revisão.

⁸³ Acento agudo inserido com uma tinta da cor preta, inserido em uma campanha de revisão.

⁸⁴ *apuro* : abertura da letra <p> foi completada com uma caneta de tinta preta.

O senhor Manoel surgiu e⁸⁵

[11] deu-me 50, . E deu dinheiro aos filhos. Fiquei mais tranquila. Eu fiquei horrorizada quan[1X]do ouvi as crianças comentando que o filho do senhor Joaquim Mathias fôí na escola embriagado⁸⁶. É que o menino esta com 12 anos. – Eu hoje estóu muito triste

7 de Dezembro de 1958.

Dêixei o lêito e fui carregar agua

Enquanto eu esperava a minha vez vi a Dirçe que chegava. Fiquei pensando nestas jovens obstinadas que não obdeçem os paes, e passam as nôites de sabados no paulistano

Retornam empolgadas como se estivesse passado a nôite no paraíso

– Vem dizendo que estão de fôgo.

Eu classifico esta palavra estóu de fôgo, propia [de]as pessô>[i^]as de baixa competição. Elas fazem tantas cénas. indecórósas que não mereçem [12] menção honrósa. Quando elas representam estas cenas todas sorrí †⁸⁷ é † . A pitita estava dizendo que ela e social so de manhã. pórque durante o dia ela bebe pinga⁸⁸

E depois que bebe disse que fica louca. Quando eu estou perto d estas mulheres eu abaixo a cabeça. Tenho nojo de contempla-las. As pessôas de atos sordidos e indecorosos obriga as sensatas afastar-se⁸⁹ d elas.

O tarado sumiu da favela

Eu estóu investigando. Quero saber o seu paradeiro.

Hoje eu lavei as roupas. e fiz almoço. Fiz arroz feijão e biffi. Mas o acougue e um fardo para o <n>/p\pobre povo. gastei 43 no açógue.

Dizem que congelaram os preços [13] mas o povo ainda continuam lamentando.

Enquanto eu estava lavando róupas o Celso Favero filho da Rosalina, entrou dentro do meu barracão e levou mêio pão para comêr < . > / – \ Eu não estóu relatando isto por sonegar-lhe o pão. É que eu fiquei hórrórisada com a quantidade. – pobre

⁸⁵ e : a autora parece ter reescrito a letra pois a tinta da caneta parece ter falhado no traçado da primeira letra <e>.

⁸⁶ embria[l-] gado

⁸⁷ A mancha de tinta da página do verso [11-12] impede a leitura desta linha.

⁸⁸ pinga : nome popular dado à aguardente de cana-de-açúcar, também conhecida como cachaça.

⁸⁹ afastar[l-] tar-se

criança! Que talvez não tem⁹⁰ liberdade dentro da sua casa e precisa roubar⁹¹ para comêr.

É que a Rosalina gosta de por dinheiro na caixa. Com 4 filhos para criar ninguém pode guardar dinheiro. porque uma criança mal alimentada quando atinge a puerícia o organismo esta fraco. Ai em vez d eles ter disposição para enfrentar a vida passa um periodo nos sanatoriós com o pulmão fraco.

[14] 8 de Dezembro de 1958.⁹² Deixei o leito as 4 horas . e fui carregar agua. Que bom ! Hoje é feriado. Não tem fila. peguei agua para lavar as roupas . Lavei o barracão e puis fêijão⁹³ no fogo. Lavei as roupas e Dei banho na Vera. Não fiz almoço porque eu não tenho arroz, nem gurdura sai para catar esterco e fui leva-lo na Dona Julita.

Ela deu-me arroz café⁹⁴ e a russia, a vizinha da Dona Julita deu-me doces. e um pedaço de carne de porco.

– Eu fiz confusão no inicio do Diario. – De manhã o padre veio dizer a missa. Hontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhós: – penso: porque ha de ser o pobre quem ha de ter filhos. – se filhos de pobre tem que ser operário. [15] – Na minha fraca opinião quem deve ter filhós são os ricos <.> /,\, que podem dar alvenaria para os filhós. E eles podem comêr o que desejam. E o pobre quando deseja comêr algo <.> /,\, fica apenas no desejo. Quando o carro capela vem na favela. surge varios debates sobre a religião. Mas eu não abordo. porque é polémica. e não vale a pena relatar.

Mas as mulheres dzia que o padre disse-lhes que podem ter filhos e quando precisar de pão podem ir buscar na igreja.

– para o senhor Vigario os filhos de pobres criam so com pão.

Não vestem, e não calçam.

As mulheres estão reclamando de residir perto da filha do Tiburcio. porque ela jogou os excrementos na p<e>/órta e atrae as môscas. Com este calor e [16] perigoso uma epidemia de tifo pelo que ouvi das mulheres cheguei a conclusão que a filha do Tiburcio é muito lambóna para não dizer. – pórcia.

⁹⁰ *tem* : traço da letra <m> parece ter sido reforçado.

⁹¹ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁹² Data inserida na margem superior.

⁹³ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

⁹⁴ *café* : traço da letra <c> parece ter sido reforçado.

Ela teve filho dia 5. dêste

O tiburcio⁹⁵ diz que e avo dos filhos de sua filha.

– Ate ai esta certo.

Mas o diabo <q>/e\ que sua filha fala que ele é que e o pae dos seus filhos .– Que salada Ou são irracionaes.

De manhã eu dei uns tapas no João êle saiu. passou todo o⁹⁶ dia na rua.

Ele é o mais rebelde.

O padre vêio passar cinema aqui na favela e as vadias jogaram pedras nas crianças. E fórmaram um sururú. padres e faveladós. É toliçe querer civilisar o povo da favela. Eles, são duti<u>/\ [17] Deixei o lêito as 4 horas e fui carregar agua. Devido ter so uma torneira eu prefiro levantar mais cêdo para êvitar as polémicas. Lavei o chiqueiro e tratei o porco

O senhor Manoel quer mata-lo mas eu não quero. Ele vêio ver e disse-me que eu sei cuidar dós pórcos. É que as frutas que aprobeçem nas qui<n>/\andas eu cato-as e dóu aos porcós.

Agora esta na moda. E preferivel dêixar aprobeçer e joga-las no lixo do que vender mais barato para o povo. – Tenho dó das crianças que nascem nesta época. Época das deshumanidade.

E entre as crianças da atualidade esta – os meus filhós.

Eu fui no empório. Comprei café e clayrbon⁹⁷. preparei as filhas que fóram a escola para saber se passaram. Eu sai com a Vera. [18] estava com tunturas. pensava: ... eu, vóu mórrer hoje.

Concentrei para saber o que é que eu devia tomar para melhora<l>/r\

– Obtive a resposta.

– Agua Mineral.. Tomei um copo melhorei. Fiquei mais animada Fui na Dona Julita. Ela deu-me⁹⁸ café carne, e papeis.

Eu passei na. Russia. A vizinha de Dona Julita – Hoje é que eu que eu fiquei sabendo o seu nome. Ela chama-se:

– Dona Zenaide. Aprendi o nome d ela. pórque ouvi a empregada dizer. Ela deu-me carne, tomates pepinos e bolo e pão. e emprestou-me <1>/u\ma sacola para eu

⁹⁵ *tiburcio* : a autora parece ter o intuito de reforçar o traçado da letra < t >, a fim de tornar a letra minúscula em maiúscula, como usou nos momentos anteriores.

⁹⁶ *o* : o traçado da letra parece ter sido reforçado.

⁹⁷ *clayrbon* : referência a marca de margarina (Claybom).

⁹⁸ *deu- me*

trazer o que ela deu-me – Eu hoje estou triste! O motivo da minha tristeza é o custo de vida.

Todos brasileiros são tristes [19] O unico homem que sorri no Brasil é o presidente Juscelino.

Eu fui na Dona Juana. Ela deu-me comida que sobrou e pizza⁹⁹ para eu trazer para as crianças. ganhei 40. porque estou indispôsta. catei um vidros para eu vender. Cheguei na favela era 12 ½. O barraco esta numa dessordem mas eu vou dêitar um pouco. Os filhos chegaram contente. falando que haviam passado de ano. prometi dar-lhes presentes. Eu estava deitada quando o João veio¹⁰⁰ dizer-me que a Radio patrulha¹⁰¹ estava aqui na favela. Fui ver. e saber o que havia.

E que a baiana: “a zefa” havia avançado na Mêiri com a peixeira. E a Mêiri deu-lhe uma surra. – Brigaram por causa de agua. A baiana [20] começou brigar desde manhã com a <A>/D\ona Sebastiana mae da Mêire – Disse-lhe que não lhe batia porque ela era uma velha – A Meiri respondeu-<a>/\lhe a minha mãe é velha.

Mas eu não sou!

Entrou em ação e jogou a baiana com peixeira e tudo no chão. A baiana foi chamar a Radio patrulha. Disse que estava firida. Eu disse para os guardas que a baiana é pessima vizinha que corre <com> atras das crianças e lhes joga pedras. E uma mulher que pode ser companheira de um cangaçeiro. Vendo-a na <r>/R\adio Patrulha eu comecei cantar. – Quem gostou fui eu!

† eu gritei viva a Mêiri.

– E todas gritaram – Viva!

Quando a Radio patrulha partiu todas bateram palmás. [21] Fui perguntar a Dona Sebastiana porque é que a baiana estava brigando com a Meiri .– Ela relatou-me¹⁰² que desde <de> manhã ela estava insultando-lhe.

– Ela é assim mesmo. Quando começa falar irrita. E ela fica provocando

Eu disse-lhe que ela me aborreçe demaes. Que eu vou dar uma cerveja para a Mêiri. A baiana diz que é casada.

Mas não apresenta a linha que deve ter,¹⁰³ uma mulher casada.

Quando tem briga na favela começa os comentariós das mulheres

⁹⁹ *pizza* : a autora parece ter reforçado a primeira letra <z>.

¹⁰⁰ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁰¹ *Radio Patrulha*: Carolina de Jesus usa o termo para se referir a policiais e suas viaturas.

¹⁰² *relatou-me*

¹⁰³ Vírgula inserida com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

De manhã quando eu fui carregar agua eu deixei uma lata na torneira e trouxe um caldeirão e uma latinha pequena

Quando voltei para trazer a lata fiquei preocupada porque a lata havia desaparecido. Olhei para os lados e vi uma [22] preta que ia levando a minha lata. corri e lhe tomei a lata. Ela não queria entregar-me.

<O>/Disse-me que a sua lata estava furada.

Eu disse-lhe que precisava trabalhar. para ela não atrapalhar-me. É a primeira vez que vejo aquela mulher na favela, este quarto de despêjo que dia-a dia superlota-se Quando eu fui no emporio

Ouvi uns baianos¹⁰⁴ dizendo que os vagabundos da favela. havia tentado arrombar a fabrica de peças de automoveis localizada na Aveida Bom Jardim. A fabrica ainda não esta funcionando. O baiano que toma conta da fabrica não estava em casa. E a sua mulher não tem iniciativa. Ela podia [23] soltar os cachórrós.

O baiano disse que se tivesse em casa que ele tem um ferro de gêito, e queria amassar as costas dos vagabundós com o ferro

Depois que a Mêiri deu na baiana expandeu a baiana. preparou a mala e foi para o Rio de Janeiro. Ela e a Leta. Foram passar o Carnaval na cidade maravilhosa

O que eu acho esquisito é uma mulher casada ou outra que tem homem na sua companhia arranjar encrenca para o seu espôso resolver.

[24] 10 de Dezembro de 1958.¹⁰⁵ Deixei o lêito as 4 horas e fui carregar agua. Tenho que ir habituando-me a levantar esta hora por causa dos insultos na tórneira. Das 7 em diante começam as filas de latas que chegam ter ate 150 metros. E se alguém pretender pegar agua na frente e não obdecer a descriminação – sururú

¹⁰⁴ *baianos* : Carolina de Jesus usa o termo para se referir a pessoas nascidas na região Nordeste do Brasil, em geral. A autora também usa a palavra *nortista* com o mesmo sentido.

¹⁰⁵ Data escrita no lado esquerdo da margem superior.

Mandei o João comprar açúcar fiz café. Não comprei pão. porque o dinheiro não deu.

Não ter aula. eu sair e dêixei a Vera com o João. Estou tão indisposta que até chego a pensar que vou morrer na rua

Fui na Dona Zenaide. A Russia entregar-lhe um prato e uma sacola. passei num bar para tomar uma média.

Conversei com o proprietario que [25] esta horrorizado¹⁰⁶ com absolvição do promessinha. Que carnaval fez a policia para prende-lo. será que nêstes minutos que o promessinha permaneceu no carcere rehabilitou-se?

– Será sociavel?

Será missivel, ou imissivel com a turba?

– sera que vae congregar-se com os nossos filhos para eleva-los óu degrada-lós?

Eu disse para o lixeiro que o promessinha foi absolvido.

Ele disse-me. que os maioraes do Brasil, dão valôr a êstes elementos dessajustadós.

Que o promessinha se candidatar a chefe da Nação será elêito.

Que nas urnas do Brasil os que não prestam, são os que suplantam. Ouvi dizer que o promessinha perdeu a perna [↓direita]¹⁰⁷. [26]

Absolveram o promessinha.

Que vae candidatar-se, a chefe da Nação

Vae fórmarm uma dobradinha

Com o dr. promessa.

Conversei como dono do bar da Avenida do Estado 500. êle disse-me que quando era criança era metido a valentão

Que nunca foi indolente mas era briguento. Que tem dó do promessinha porque ele é criança. Fico pensando: será que o promessinha vae ter chance de viver decentemente? porque um homem que começa a sua vida errando p[r]epara uma sombra para si, na sua vida. Eu estava preocupada porque havia dêixado a Vera Mas o tarado sumiu da favela

Mêsmo assim voltei logo.

¹⁰⁶ *horrorizado* : parece que a autora tem a intenção de escrever a letra <o> após a primeira letra <r>, mas não completa o traçado.

¹⁰⁷ Palavra inserida na margem inferior, do lado direito da página.

Entrei no emporio para comprar [27] um sabão. 11 cruzeirós – Fiquei horrórísada – Daqui uns dias o sabão vae a 15. Chinguei o tal Juscelino. O cavalo de tróia do Brasil. Cheguei até pensar em mata<r>-<o>/\lo. Mas depôis pensei nos meus filhós. se eu tivesse filhos eu queria ensinar êste Mineiro ouca¹⁰⁸ merda a olhar o povo brasileiro. será¹⁰⁹ que êste governo não pensa, não vê as crianças? Bem que eu avisei o povo para votar no dr. Adhemar que o Juscelino era inciente.

O Adhemar ouve ós clamór do povo. e toma uma ressolução

E o Juscelino sórri.

Hoje é que fiquei compreendendo¹¹⁰ o pórque é que o povo vive nervosó. E que vão fazer compras e os preços deixa as pessoas ex<ie>/cilitadas .– O Brasil atualmente esta como um cavalo sem rédea. [28] Eu noto o descontentamento geral.

O atacadista reclama. O comerciante¹¹¹ reclama, o consumidór reclama. Eu tenho do dos¹¹² meus filhos que não tem o que vistir

Não tem o que calçar.

O generos alimenticios consome a nossa verba. E o povo não vive so para comêr.

Hoje o povo chingava o Juscelino diziam que ele não devia ter nascido se ele não existisse nós não estavamos sofrendo. Um homem que não presta no méio do povo é toleravel.

Mas um homem que não presta no governo de um país, esta provado o colapso para a Nação.

Eu cheguei em casa fiquei horrórísada com o fedor que dominava a favela.

E que vieram jogar sardinha e ajêitonas¹¹³ podres. aqui na favela [29]¹¹⁴ os homens que vem jogar êstes genéros deteriorados aqui na favela não tem compreensão. pórque aqui tem muita criança

E criança comem estas coisas podres. – Estes nogentos guardam os generos esperando alta dos preços. pórisso aprodreçe. podiam dêixar o povo comêr vendendo mais barato. Que prejuizo tremendo que êles tem! Mas são egoistas não vê. Não compreende que lucrariam muito mais se vendessem ao alcance de todos.

Fiquei horrórísada vendo as crianças comento as azêitonas podres. da côr de pixe.

¹⁰⁸ A autora parece ter a intenção de escrever *pouca*, mas a letra <p> não é realizada.

¹⁰⁹ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹¹⁰ *compreenden[l-] do*

¹¹¹ *comercia[l-] nte*

¹¹² *dos* : a letra <s> parece ter sido reforçada.

¹¹³ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor azul, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹¹⁴ Nesta página, parece haver tintas diferentes em diversos trechos, mas não é possível determinar se interveio uma outra caneta ou se a diferença se deve ao desgaste da tinta.

Dignos dós pórcos que por não ter veia no corpo. não tem pirigo de envenenar-se comendo algo detériorado. As latas de sardinha atraia tanto as môtscas . que parecia a 3 praga de Moyses¹¹⁵ [30] no Egito. pensei: tudo que não presta é destinado as favelas parece que nos somos os globos brancos,. desligadós dos vermêlho

Que falta¹¹⁶ de consciência destes homens. Eu fui no deposito de ferro vender uns ferros e latas e pesar o que eu deixei la. ganhei 50. com 50 que eu ganhei de manhã 100. Não deu para nada. Fico pensando no pobre operario que vae ganhar 6.000, por mês – Ele tem que tomar condução¹¹⁷. Tem que pagar aluguel ou prestações de terrenos e comer e vestir e calçar. 6.000, não da. so se redusir o custo de vida ou entao congelar <difinit<a>/ilve> difinitivamente os preços.

D[i]<j>/zlem que congelaram os preços Mas não esta vigorando o congelamento. Ja estamos percebendo¹¹⁸ que o Juscelino fala ao [31] povo para acalma-lós.

“Quem fala e não cumpre, desclassifica-se¹¹⁹. Eu fico braba vendo as mães tirando os filhós da escola para trabalhar. Crianças que deviam estar num párqe infantil Eu revoltto com as dessorganisações¹²⁰. São os brancos que predomina devem estudar mais para dirigir a patria com carinho e não pensar em enriquecer-se sacrificando a classe humilde

– A minha classe.

Todas os dias chegam nórtistas aqui na favela. Hoje uns homens de 20, 30 anos brigaram com um adolescente de 14 anos.

Tambem a cultura destes nórtistas é insignificantes. Eles não sabem distinguir o joio do trigo.

[32¹²¹] 11 de Dezembro de 1958.¹²² Deixei o lêito as 4 horas e fui carregar agua. Fiquei surpreendida¹²³. vendo a baiana pegar agua a esta hora. Bem se vê que a surra que a Mêiri deu-lhe corrigiu-lhe.

¹¹⁵ Carolina de Jesus faz referência ao livro bíblico do Êxodo, mais especificamente ao episódio das dez pragas do Egito. Parece que a autora confundiu a terceira praga, a dos piolhos (Êxodo 8:16-19), com a quarta, das moscas (Êxodo 8:20-32).

¹¹⁶ *falta* : o traçado da letra <l> parece ter sido reforçado.

¹¹⁷ *condu[l-] ção*

¹¹⁸ *perceben do*

¹¹⁹ *desclass[l-] ifica-se*

¹²⁰ *dessorganisa ções*

Quem não apanha na infancia deve apanhar na idade adulta para saber respêitar os de mais. Ela agóra esta macia igual ao polvo.

Comecei queixar para a Dona Maria dós Coêlhos que o que eu ganho não dá para tratar os filhos como se devem.

Eles não tem roupas <.> /,\ nem o que calçar. E eu não paro um minuto cato tudo que se pode vender. e a misseria continua firme ao meu lado.

Ela disse-me que já esta com nôjo d<e>/a\ . vida. Que não vê a hora de mórrer. [33] ouvi seus lamentos em silêncio e disse-lhe:

Nos ja estamos predestinados a mórrermós de, fome!

Enchi as latas e vim fazer café Fui comprar pão, meio de açúcar e clayrbon. Eu ia sair Mas comecei sentir tonturas. e nauseas

Ressolvi não sair. Mas não tenho nada comêr. Atualmente a gente trabalha. E nunca temos nada so cançeira. Mas quem tem filhos não pode ficar em casa quando não ha nada para mastigar.

Eu fui na rua João Boemer vender uns metaes e uns ferros ganhei 95. Comprei 1 pedaço de bôlo para a Vera e agua Mineral para mim.

passsei na casa gouvêia e comprei 1 par de sandalias para a Vera. Cheguei na favela puis fêijão no fôgo. Comprei feijão [36]¹²⁴ e arroz . e meio litro de oleó.

Esta chovendo e eu não vou lavar as rúpas porque estou cançada Passei o resto do dia dêitáda

Eu ando tão triste penso nas crianças do Brasil que estão mórrendo de fome. Os nossós politicos falam so banalidades Mas o que inter<r>/e\ssa ao póvo, êles não abórdam

O povo esta extranhado as atitute da baiana que era cangaçeira e agóra viróu carneira.

12 de Dezembro de 1958.

Deixei o leito as 5 horas e fui carregar agua. Fiz cafe e fui comprar pão e clayrbon para os filhos. Troquei os filhos que foram a escola. Eu sai e levei a Vera. Eu entrei no empório do senhor Eduardo para tomar um copo de agua [37] Mineral. Eu deixei

¹²¹ Nesta página, parece haver diferentes tintas em diversos trechos, mas não é possível determinar se interveio uma outra caneta ou se a diferença se deve ao desgaste da tinta.

¹²² Data inserida na margem superior.

¹²³ *surpreen[l-] dida*

¹²⁴ A numeração feita pela Biblioteca Nacional do Brasil salta de [11-33] para [11-36].

o saco de catar papel e uma sacola na porta do empório. O senhor Eduardo demorou atender-me. Quando eu sai não encontrei a sacola que estava com uma marmita que era para eu trazer comida da Dona Julita já estou tão habituada com os roubos que não mais estranho só que quem rouba deve ser eliminado. A única coisa que eu desejo é que chegava o dia dos ladrões ser condenados a morte. – Eu fui na Dona Julita levei terra para ela plantar umas flores. Ela deu-me <comida> comida, café, e carne

Fui no satope retirar os papeis

Eu gosto de ir lá porque os empregados são amáveis.

ganhiei 95. Fiz o percusso para a favela. percusso que faço [38] com nojo. Mas. que hei de fazer. Quando eu chegava na favela a sucursal do inferno perto do mercadinho eu encontrei a minha sacola. percibi que foi algum nojentão que mora aqui na favela quem roubou a minha marmita.

graças a Deus ninguém está aborrecendo-me.. A baiana. A zefa que era o leão da favela a Meiri tósou-lhe a juba agora ela está calma e deixou de zurrar.

A sandália que eu comprei para a Vera foi só molhar amoleceu. E a menina não mais pode calçar-las.

Tive que comprar uma alpargatas Roda porque a sandália saía do pé.

Eu ouço várias pessoas dizer que os calçados da casa [39] gouvêia não prestam. Mas eu, sou como São Thomé.

Nunca mais hei de comprar calçados na casa gouvêia onde é que já se viu comprar sapatos num dia, e no outro ter que jogar-los fora!

Não é fabricando artigos inferiores que um comerciante prospera. – Eu não gosto de profanar ninguém. Mas se eu elogiar a casa gouvêia, estou bajulando-lhe. Creio que todos não fazem conta de gastar quando aproveita o que compram Eu mostrei a sandália para uma senhora que reside na rua Itaqui e ela disse-me:

– Esta sandália é da casa gouvêia. Eu comprei 1 par de sapatos lá. e no outro dia joguei no lixo. E assim o senhor gouvêia vai perdendo os freguês[es] [40] 13 de Dezembro de 1958¹²⁵

Deixei o leite às 3 da manhã liguei o rádio na Rádio Bandeirante¹²⁶. Acendi o fogo esquentei água para lavar as louças. Varri o barraco. Limpei o chiqueiro. e fui carregar água a fila era pequena.

¹²⁵ Data escrita no centro da margem superior.

¹²⁶ Trata-se da rádio Bandeirantes, emissora inaugurada em 6 de Maio de 1937 que continua em funcionamento.

O João e o Jose Carlos não vão a escola de manhã. Vão a tarde para receber os boletins e saber se passaram de ano.

Eu deixei a Vera com o João e o José Carlos e sai so.

ganhei uma muda de livro vermelho fui levar para a Dona Julita. passei na rua Alfredo Maia para retirar os papeis da sapataria.

Nas ruas ouço o povo falando de fot-bol. Falam que o Brasil tem bons jogadores o que nos falta agora é bons políticos. ganhei 60 cruzeiros [41] cheguei em casa as 11 horas para preparar os filhos para ir na escola. Quando eu cheguei eles ficaram alegres. porque a Dona Anita deu-lhes roupas. Uma calça rancheira para o João, e uma camisa. Idem para o José Carlos. E um vistido e uma combinação e uma calça para a Vera. O João quiz vestir a calça para ir a escola porque achou-a bonita. O João vae ficar com as duas calças porque são grandes e não servem para o José Carlós. Eu fui lavar as roupas. pretendo fazer um docê de côco porque jogaram cocos fora e eu escolhi os bons.

Devo dar gracas a Deus, porque tenho encontrado. algo no lixo que posso aproveitar se o pobre quiser viver tem que comer algo do lixo porque tem [42] varios produtos que os pobres não podem comprar. E a primeira vez que os pobres do Brasil imitam os còrvos. contado ninguem crê. E nesta epoca que o senhor Juscelino nos governa que nós os pobres sofremos agruras. Da para nós pobres perceber que nós não somos perssónas gratas ao senhor Juscelino que não gosta dos humildes e sim, dós opulentós ja ouvi varias pessóas dizer que o povo erróu pór não eleger o dr. Adhemar.

Eu fui no emporio comprar um anil e o Aldalberto¹²⁷ estava la e deu-me 20. cruzeiros. Fiquei pensando no regalo.

puis as roupas no varal, o varal rebentóu-se. e as roupas caíram e sujaram eu voltei no rio novamente. [43] A lagôa é igual um hotel. Quando sai uma pessoa, surge outra. A Nortista começou queixar-se que os seus filhos vão voltar para o interior porque não encontram cerviço aqui em São Paulo. Que são marreteiros. Mas quando saem a rua não podem revender o que compram por causa dós fiscaes. Que vão colher algodão. – Fiquei com dó da nortista. Eu ja colhi algodão. Fiquei com dó da nórtista porque quem trabalha na lavoura não vê vantagem nêste trabalho porque tem intermediário.

¹²⁷ *Adalberto* : o traçado da letra <l> parece ter sido reforçado.

– O fazendeiro. O intermediário mais desgraçado que existe Expolia o mais que pode aos pobres trabalhadores rudimentar porque não expolia o médico, o engenheiro, ou o advogado? – Com este a coisa é diferente [44] Eles é quem põe preço nos seus trabalhos. porque sabem ler. são os donos das leis. Leis que beneficiam apenas eles!

Devia e deve abrir escolas obrigatórias para os filhos dos colonos. Eu até já fiz esta quadra

O colono gostaria de estudar
Inveja a sapiência do patrão
Mas é escravo. Tem que estacionar
Não pode dar margem a vocação.

Lavei as roupas comecei descascar os cocos <e>/p>para fazer doçer Fiz a janta O senhor Manoel chegou e deu-me dinheiro. e eu fui fazer compras. Comprei leite para fazer manjar branco. Estava cansada fui deitar

[45] 14 de Dezembro de 1958¹²⁸ Deixei o leite as 5 horas. e fui carregar água. pois feijão no fogo e fiz café. Não comprei pão porque aos domingos os filhos saem e comem pouco. Eu fui lavar as roupas que os filhos trocaram passei as roupas para eles trocar e ir no cinema. Não fiz almoço.

Esquentei o que sobrou de ontem. passei as roupas do Adalberto. para ele trocar-se. Mas, ele estava tão bebado que não podia parar de pé. Quando ele fala exala o cheiro do álcool. parece milho fermentado. Ele queria deitar-se Mas eu não consenti.

Eu não mandei ele vender o seu barracão para comprar pinga

Ele disse-me que quer morar comigo porque eu sou trabalhadeira¹²⁹.

Eu não gosto de bebado. são intoleráveis. A vida por si só [46] já é dura quanto mais com um bebado para atrapalhar

¹²⁸ Data escrita no centro da margem superior.

¹²⁹ *trabalhadeira*

O bebado cança o sistema nervôso. Fiz o Adalberto trocar-se e partir ele disse-me que bebeu demaes e elhe roubaram 1000,00 que antes tivesse dado para eu guardar. Os filhos saíram.

Eu dei banho na Vera e fui trancar-lhe os cabelos¹³⁰.

Depois fui ouvir o drama¹³¹ do Manoel Durães¹³². Enquanto ouvia o drama eu ralava o côco para fazer doçê. Eu comecei escrever sobre os boletins dos filhos e esqueci de dizer com quanto eles passaram de ano – O João passou com 90 O José Carlos passou com 81,6 oitenta e um inteiro e seis decimos

A professôra do José Carlos é Dona Diva A Pedroso.

A professôra do João e Dona [47] Idalina passarelle.

Qualquer briga aqui na favela ja é motivo para superlotar-se a praça. Dôis meninos brigaram. E angelina Preta expancou o menino que estava brigando com o seu filho. Ela fez bem pórque o outro é violento.

De manha teve missa. O padre disse: para nós não beber. Que o homem que bebe, não sabe o que faz. Que devemos beber limonada e agua. coisas imprejudicaveis Varias pessôas vem assis a missa Ele nos disse: que sente prazer de estar entre nós.

Mas, se o padre ressidisse entre nós havia de expressar de outra fórma. <S>/Fiquei tão cançada fui dêitar. Desliguei o radio. supondo que eu ia dórmir. Mas, não adórmeci

[48] 15 de Dezembro de 1<5>/9\58¹³³. Deixei o lêito as 4 e mêia Acendi o fogo. liguei o radio. pu<s>/ìs agua esquentar e fui carregar agua Fiz café, puis fêijão no fogo percibi que não podia ir trabalhar pórque estava tão cançada. carreguei agua para lavar o barracão. – Mas cadê córagem. Eu queria ir na Dona Julita mas estou indisposta.

– É a velhiçe que vem chegando. Eu estava dando cafe aos filhos quando o Adalberto chegou. Cantando que a policia veio fazer uma prisão aqui na favela

¹³⁰ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹³¹ *drama* : referência às radionovelas, dramas via rádio que tiveram grande popularidade no Brasil até meados da década de 1950.

¹³² Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹³³ Data escrita no centro da margem superior.

Foi uns homens bem vestidos que pu<s>/z\eram o revolver no peito de um homem e exigiram dinheiro. e córreram a<qu>i para † a favela. Quem vê pensa que são favelados.

O pão era pouco o Jose Carlos foi¹³⁴ comprar¹³⁵ ma<i>s 10. [49] O Adalberto veio procurar o palitol e o chapéu que êle perdeu.

O Adalberto tem levado tantas desvantagem¹³⁶ com bebida, e não dêixa de beber. catei os ferros e as latas e os metaes e fui vendê¹³⁷-lós

Quando eu passava na Avenida Bom Jardim. uma senhora deu-me¹³⁸ uns ferros para eu vender.

Era 1 patinête. O José Carlos queria para brincar. – Eu disse-lhe que aqui na favela não da gósto ter brinquêdos pórque os bons vizinhos roubam tudo.

Então a mulher disse-me que a pior cóisa, é rssidir perto de favela. Que ela compra vasós e adôrnos para o jardim e os favelados roubam. Ela disse-me que os favelados deve pertencer ao diabo. Pórque Deus, não ia criar um povo tão desvalôrisado como os faveladós. Que favelado [50] não tem cotação.

Vendi os ferros ganhei 33.

passsei na padaria guine e comprei sorvetes para o José Carlos e a Vera. – O João não foi comigo Ele jogou um pedaço de chumbo no pé da Vera e córreu com mêdo de apanhar. Ele esta insuportavel. Eu lhe chamei para ir comigo para levar um saco ele córreu. Creio que se o João não tivesse fome., êle não me dava confiança. Eu já disse que êle me procura só quando esta com fome.

Eu fui no senhór chico vender os metaes e os ferros. ganhei 130.

Voltei para a favela no percusso eu comprei limões, agua mineral para o José Carlos e para mim e 1 copo de lêite para a Vera. passei no senhor Eduardo comprei arroz Toucinho e outras [51] coisas que eu conduzi no bôlso.

por estas cóisas que eu trouxe no bôlso eu paguei 108.

Quando eu vou fazer compras eu arrependo-me de ter nascido.

E eu fui tão dóente e vivia fazendo promessas para sarar. se eu sóubesse que o Brasil ia ficar tão dessórganizado assim, eu tinha dêixado a doença duplicar e eu de ha muito que já estaria descançando no fundo da terra.

¹³⁴ *foi* : o traço da letra <o> parece ter sido reforçado.

¹³⁵ *Comprar* : a autora parece escrever a letra <r> na abertura da letra <p>; em seguida, parece reforçar a abertura da letra <p>.

¹³⁶ *desvan[l-] tagem*

¹³⁷ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹³⁸ *deu-me*

pórque a vida em cima da terra esta tão ruim, que eu penso que por baixo d ela deve haver mais suavidade

A iunica coisa que o Juscelin o pórpóció¹³⁹nóu aos brasileiros é, tristêzas¹³⁹, lamentos fome. e suicido. Depois que o Juscelino entrou duplicaram os suicidás. [52] Mas eu penso que ninguém deve pensar no suicido. Quando vençer o tempo do Juscelino êle sai. E Deuz ha de ter do de nós. E ha de vir um governo sensato e bom. Este fala que congelou os preços <e>/s\o para tranqu[i]lisar o povo.

Um politico falastrão e uma calamidade para a nação. Fiquei dentro de casa vendo o dia deslizar. As mulheres da favela fó[ĩ]ram procurar cartões e eu fui escrever.

A Meiri já apareceu.

Será que ela foi mêsmo no Rio?

Eu disse-lhe que a baiana, ficou macia como viludo. A Mêiri respondeu-me: comigo é uma coisa. Com a minha mãe é outra. graças a Mêiri a baiana não mais corre atrás dás crianças [53] Hoje o Orlando Lopes que toma conta da luz vêio cobrar-me a luz. Eu vou pagar-lhe so a agua. pórque ele pois a luz para mim dia 5 deste e já veio cobrar a luz. – será que o mês do Orlando é de 10 dias?

Amanha vóu paga-lo. so a agua e a luz pago-lhe dia 5 de janeiro de 1959. Se eu viver até la.

Hontem o João, e o Jose Carlos cortaram cabêlós pórque, agóra aqui na favela tem barbeiro Um nórtista pois um salãozinho aqui. Córta cabêlós só aos domingós. Eu ando dóente¹⁴⁰ de tanto andar e pensar no custo de vida. E que eu não gosto [ide ver] e não supórto o sofrimento do proximo. Quando vejo alguém lamentando fico triste Eu estava escrevendo quando [54] ouvi as crianças gritando. Fui ver. Era um menino do nórté que brigava com os paulistas. Estava esticando o estilingue para jogar a pedra nas crianças. Arrebatei lhe¹⁴¹ o estilingue das mãos e rebentei a bóracha.

Quando ele viu o estilingue disfeito, ele não brigóu¹⁴².

Ressolveu ir-se embóra. pensei: eis ai um tipo nogento que sem arma na mão, transfórma-se em covarde. Os meninós ficaram contentes, quando eu quebrei o estilingue.

¹³⁹ *tristêzas* : o traçado da letra <e> parece ter sido reforçado.

¹⁴⁰ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁴¹ *Arrebentei lhe*

¹⁴² Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

Eu não pratico cenas indecorosas aqui na favela. Por isso é que os faveladós respêita-me o que eu acho hórrósó¹⁴³ no nortista¹⁴⁴, é a violência, e atrabiliariedade.

[55] 16 de Dezembro de 1958¹⁴⁵ Deixei o lêito as 5 horas. Liguei o radio, e fui carregar agua Lavei as louças e acendi o fogo puis feijão cosinhar.

Esta chovendo mas eu preciso sair. pórque tenho so 20, cruzeiros vóu dêixar os filhos. sai as 7 e mêia. Eu mandei a Vera comprar açúcar, ela disse-me¹⁴⁶ que o Chico deu-lhe pão – Eu mandei o João trocar. Quando eu sai estava chovendo. Fui na rua Deocleciana pegar papel no Vitrium. pórque o papel de lá não é molhado Fui na Dona Julita. Ela estava triste e com sono pórque passou a nôite acordada ingetando soro no senhór João Pires. Ela esta emagrecendo. Créio é por chorar demaes.

Ela [1ei] quer muito bem o seu espôso e vendo-o, sofrer, ela tambem [56] sofre. Esta quadrinha parece que surgiu para a D. Julita

Meu Deus! Quem é que não sofre!

Meu Deus! Quem é que não chóra;

Ao ver sofrer nêste mundo,

peSSó[ĩ] as que a gente adóra.

Ela estava lavando roupas. Eu disse-lhe sobre o preço satellite¹⁴⁷ do sabão. Ela ficou hórrósada com os pr<o>/e\ços atuaes. e disse-me:

– Eu tenho dó dos pobres. Ela deu-me café, carne, e papeis para eu trazer.

Quando percorro as ruas de São Paulo tenho a impressão que estou num dizerto.

Contemplo as pessoas que transitam. Ninguém canta

Ninguém sorrí . Ninguém assobia. São Paulo transfor[57]móu-se¹⁴⁸ num recontro dós tristes os velhos, e os jovens confundem-se¹⁴⁹. Antigamente as tristêsas era reservadas aos velhos. hoje atingiu aos jovens que devido o custo de vida ve seu sonhós evapórar-se igual a fumaça no espaço.

Tenho dó dêste povo que perdeu o habito de cantar e sorrir.

¹⁴³ Acentos agudos inseridos com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁴⁴ *nortista* : o traçado da letra <t> foi reforçado com uma caneta de tinta preta.

¹⁴⁵ Data escrita no centro da margem superior.

¹⁴⁶ *disse-me*

¹⁴⁷ *satelite* : o traçado da letra <l> parece ter sido reforçado.

¹⁴⁸ *transfor[l-][11-57] móu-se*

¹⁴⁹ *confund[l-] em-se*

A tristêsa do povo, é como uma doença, que a gente precisa saber o que é, para ataca-la, na raiz. A tristêsa do povo é o custo de vida! Uma raiz difícil de combater pór causa dós atacadistas¹⁵⁰: Que pensam so nos lucrós.

Da nôjo conversar com os comerciantes que so sabem dizer:

– eu, não tenho lucro!

Eu não vóu cómprar para ter prejuizo. Dizem que ha Deus da dó[í]r, Deus da alegria, Deus [11-58] da tristêsa.

– Será que existe Deus da ambição? Será que é¹⁵¹ êle quem esta predominando atualmente?

O que eu sei dizer: é: que o mundo com tantas escolas.

tantas ilustrações não pórprociona aos homens o que a vida lhes deve, que é viver sem agruras.

Quem conheceu o passado e ver o presente fica hórrórisado.

Tem-se a impressão que estamo vivendo no inferno.

Eu catei so um saco de papel. ganhei 30. O julio reclamou pórque dentro do saco de papel havia muitas latas. Quando eu despejei o saco e que eu vi as latas. elas deviam estar no mêio dos papeis que a D. Julita guarda para mim.

Quando eu passava perto da fabrica de doces Bela Vista eu [59] encontrei com o José Carlos e o Tônico que estavam catando ferros parei para catar tambem.

A chuva estava fininha. Eu despi o palitol para embrulhar os férros. Cheguei na favela as 12 horas.. Os filhos ficaram contentes quando viu os 2 pacotes de macarrães que a Dona Anita deu-me. Preparei as refeições Hoje eu estóu tão triste.

Ensabóei um póuco de rúpas. depóis dêitei um póuco. Não consegui dórmir.

Não ha coisa mais triste, do que a tristêza. Vendo que não podia dórmir levantei e fui lavar as rúpas. Deixei as brancas no quaradó[í]r la na casa de D. Adelaide¹⁵². A Dona Celestina estava lavando¹⁵³. Disse-lhe que acho horroroso o preço dos sabões. Conte-lhe que o dia 2 dêste eu [60] tirei a Vera das mãos de um tarado e que o susto foi tão grande que deu-me hemórragia Que parecia abôto.

Ela disse-me: mas, você não tem homem não podia ser abôto

– Respondi que: eu sei que eu não tenho marido mas mêsmo assim, arranjei 3 filhós

A Vera perguntou-me:

¹⁵⁰ *atacadis[l-] tas*

¹⁵¹ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁵² *Adelai[l-] de*

¹⁵³ *lavan[l-] do*

– Mamãe, a senhórá não tem marido como é que a senhórá arranja filhos?

A Dona Celestina disse-lhe que eu falava para a cegonha:

– Cegonha! Eu quero um filho! E a cegonha trazia.

A Vera disse: então eu vou falar com a cegonha para ela me trazer um filho.

A Dona Celestina disse: ela... é sabida. – Eu fui terminar as roupas e a Dona Celestina deu [61] 2 cruzeiros para a Vera. Ela foi no senhor Amadeu comprar doçê Eu e a dona Clarinda falamos do custo de vida. E que a Dona Adelaide é muito iducada. Falamos do Valdemar Cipolli ou Valdemar espadela.

Que a Dona Aparecida deixou de falar que êle vae sair.

Que sem ele, a favela melhorou

Que a Dona Aparecida devia ter mandado lhe examinar para ver se ele é fraco de organismo e cerebro Ela diz que êle fói muito doente em pequeno. Terminei as roupas de cõr e vim para o meu barracão.

Comecei preparar a janta.

– Feijão com macarrão e carurú porque o João esta com umas firidas no braço e eu ressolvi dar-lhe carurú para êle comer.

– Pinicilina de pobre, é carurú Eu fui conversar com o Breno. [62] Êle esta muito dóente E revoltado pórque não pode trabalhar e não consegue auxilio nas instituições filantropicas. Que de filantropicas so tem o nome.

Ele disse: que quem devia ser presidente do Brasil é o doutor Adhemar de Barrós. Ou então que o mundo devia ser livre. para o pobre ter direito de plantar um pé de milho onde quisesse Que enquanto as terras fór vendidas e revendidas haverá misserias Ele disse-me que sente não poder trabalhar para comprar 1 pedaço de carne. Que ele sofre anémia e que esta sem sangue. Quando eu estava conversando com o senhor Antonio Venancio presenciei uma cena repugnante a mulher d aquele mulato que mora de frente ao senhor Antonio namorando o João <n>/Nórtista [63] Aquele que tem 2 dentes de ouro. Eu ja lhe apresentei no dia 5 de Dezembro de 1958. E que eu não sabia o nome d êle.

Ele é convencido que é o tal.

E êle so namóra as mulheres casadas. As idiótas porque u a mulher casada arranjar namorado¹⁵⁴ é baixêja para ela¹⁵⁵. E lhe desclassifica. Mulher que não presa o espó[í~]so, não presa ninguem. – Eu já disse que não gosto destas mulheres.

¹⁵⁴ *namora[l-] do*

¹⁵⁵ *ela* : o traçado da letra <l> parece ter sido reforçado.

O António disse-me que ela já apanhóu do marido.

Se o noventa João do Norte quer mulher, porque não se casa? Não fôrma o seu lar? Ele não é criança podia ter mais senso e não desfazer os lares pobres onde as maiores vítimas são as crianças. Tem mulheres que quando separam-se dos espôsos [64] perdem o interesse pelos filhos que acabam indo para o juizado de menores. O que eu sei dizer é que a mulher adultera é quem sae perdendo.

Como é bonita a mulher honesta Eu estava conversando com o sapateiro quando surgiu o José Carlós para eu resolver a sua quêstã. Com o cara suja. Um menino que não vae na escola.

A polemica girava em tórno de umas figurinhas.

Fiquei nervosa e rasgueias tôdas. – Eles ficaram olhando e assim acabou a polemica. Eles começaram a protéstar e vim pra dentro.

Comecei escrever. Depois dei banho nos filhos e jantar

Sobrou comida eu dei para o Breno. Liguei o radio não [65] quiz tocar. Eu comecei chingar os filhos dizia-lhes que êles detúrpam tudo que eu tenho dentro de casa. pórque êles ligam, e desligam.

Eu ja havia pago o Orlando. paguei so a agua. pórque o mês da luz vence dia 5. Ele cóncórdóu-se

Eu fui levar o radio para êle ver Ele desmóntóu o radio e disse que era a bonbina

Quando eu chinguei o João por mecher no radio êle protestóu dizendo-me que não mecheu.

E eu dizia:

– Mecheu sim! Você não presta!

Chinguei o José Carlos também. Depóis que o <Jo>/O\rlando disse-me que era a bonbina, fiquei pensando no êrro das mulheres que precisa ter sempre um infeliz para descarregar seus nervos. [66] As vítimas dos nossos nervos são os filhos, os espôsos, ou as sógras, ou alguém que criamós <.>/\ Crêio que o mundo seria um paraíso se soubessemos¹⁵⁶ dominar nossos impulsós as vêzes injustós.

O João disse-me: a senhora podia nos pedir desculpas¹⁵⁷ porque a senhóra nos maltratou muito¹⁵⁸.

Fingi que não ouvi.

¹⁵⁶ *soubesse* [l-] *mos*

¹⁵⁷ *desculpas* : o traçado da letra <s> foi reforçado.

¹⁵⁸ *muito* : o traçado da letra <u> parece ter sido reforçado.

Imagina só, uma mãe pedindo desculpas um filho.

– Eles mereciam, mais...

Assistencia¹⁵⁹ do hospital da clinica veio buscar a Dona Manóela.

Uma preta muito bôa que tem 5 nétos. Ela é quem olhava os netos porque a sua filha não liga aos filhos. Que são 6 homens. Andam sujós, e são robustos¹⁶⁰, e bonitós. [67] 17 de Dezem<e>/b\ro de 1958.¹⁶¹ Deixei o lêito as 5 horas. fui carregar agua. Mandeí o João ir comprar 10 de açúcar 2 caixas de fosforos e 8 de pão

Mandeí ele açender o fogo e fui torcer as rúpas.

Era 5 e mêia. Vi a Dona Camila lavando as roupas. perguntei-lhe – se ainda ia trabalhar – Disse-me que sim.

Eu disse-lhe: que vida! pior do que a minha.

Eu acho esquisito casaes que tem filhós e os d<i>ôis saem de casa para trabalhar e as crianças ficam sosinhás. Ainda mais nas favelas onde o rio passa tão perto. E os taradós que prevaleçem do abandono das crianças. O mundo foi sempre assim. O homem sae de casa e esposa é obrigada a ficar em casa. Mas o custo de vida [68] transtornou-se tudo.

A Dona Nene estava no rio ia lavar as rúpas.

Ela estava queixando-se que os funcionarios da prefeitura. não levaram agua para ela Que ela sempre lhes da 30 cruzeiros quando. êles trazem agua para ela encher a caixa Eu disse para ela pidir ao deputado Carlos Kerlakian para por agua na rua do pórtio. Que êle é amigo bairros. – Eu tenho do da Dona Nene. Não¹⁶² lavo roupas para ela pórque não possó.

Eu disse-lhe que os meus filho[ls] havia ganhado muitas roupas Ela disse-me que esta horrorizada com o prêço do sabão Eu ja estou farta de ouvir as queixas do sabão

Quando eu voltei o João ja [69] havia acendido o fôgo e agua do café ja estava fervendo. Fiz café puis as rúpas no varal preparei as crianças e saimos chinguei a Vera pórque ela não pôe os sapatos nos lugares.

Eu estou nervósa. Dei uns tapas na Vera. Calçei-lhe un[s] sapatos trocados um de pano, outro de couro. – Tambem o carnaval esta perto. Eu estou observando os operarios. Todos tristes: Quando saem para o descanso da hora do almoço santam

¹⁵⁹ *Assistencia* : o mesmo que ambulância.

¹⁶⁰ *robustos* : o traçado da letra <u> foi reforçado.

¹⁶¹ Data escrita no centro da margem superior.

¹⁶² *Não* : o dígrafo <ão> foi reforçado com a caneta de tinta preta.

pensativos Ninguém fala. Apenas pensam. Quando eu vêjo o meu povo triste, penso no povo de 1925. que cantavam e dançavam e pensavam no [l-] Carnaval com gaudio – Crêio que o Juscelino deve recórdar. aquêlo tempo. Entrei numa casa e a balconista disse – será que o salário não vem? [70] o que eu ganho não dá. A sua voz era tão triste! que comoveu-me. Olhei aquêlo rosto de 20 anós. onde a tristêsa estava estampada Eu fui no satope ritirar os papelâes ganhei 60.

Quando eu ia catar papel vi o senhor Augusto que trabalha no Rodoviario

Estrêla ele estava dentro do bonde. Chamou-me e deu me 20 cruzeiros

– perguntei-lhe: é presente de Natal?

– Não. É para você comprar um café. Quem viu foi só o José Carlos. O João não viu pórque ia na frente, levando o radio para conçertar. Agradei e segui varias pessoas perguntava-me se queria vender o radio

Eu deixei o radio com o senhor [71] viçente e fui catar papeis

Fui no satope. Quando retornava o radio ja estava pronto.

Levei os papelâes na cabeça e o radio na mão direita. Com a mão esquerda eu segurava os papelâes. Deixei o radio no escurario la no deposito e fui carregar o saco de papel. ganhei so 50. E voltei para a favela pórque pensei que ia chover e o radio não podi[a] molhar-se¹⁶³. Quando cheguei liguei o radio góstei pórque ficou melhor. Agóra ele toca com pouca fôrça.

Fiquei cançada e dêitei. Tinha a impressão que ia mórrer. Descançei um pouco f<o>/u\i reanimando¹⁶⁴. Depôis levantei a fui fazer a janta. Fiz arroz e fêijão.

Depôis¹⁶⁵ fui escrever¹⁶⁶.

passei a tarde dentro do barraco ouvindo o radio porque as Quartas-fêiras o Orlando não [72] desliga a luz. Ouvei a voz do Brasil. Ouvei o Juscelino falar. Eu não tolero quem fala, e não cumpre. palavras vazias para azucrinar as ouvidós. dós brasileiros. O homem para ter valôr deve dizer sempre a verdade e cumprir o que o que promete. Depôis ouvi a rotativa no ar. gosto de ouvir o primeiro coméntario¹⁶⁷. O espiquer disse: – que o senhór Janio Quadrós é vingativo e vive perseguindo o dr. Adhemar. Quando a prefeitura calça uma rua o senhor Janio Quadrós manda abrir uma vala para por esgôto.

¹⁶³ *molhar- se*

¹⁶⁴ *reanima[l-] ndo*

¹⁶⁵ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor azul, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁶⁶ *escrever* : o traçado da segunda letra <e> parece ter sido reforçado.

¹⁶⁷ *coméntario* : acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

– porque é que êle não põe o esgoto antes? para dar uma impressão que o dr. Adhemar e relachado – pobre Adhemar! Tolera tudo sem reclamar.

Mas o povo esse jui<s>/z\ [es] supremo [73] vê tudo. E compreendêram¹⁶⁸ que o Adhemar, é a vitima.

Que quando chega algum personagem¹⁶⁹ do exterior, personagens politicos a camara dos vereadôres e os deputados não cónfróntam os dóis politicos d/*e/ São /*P/aulo. Temendo um acinte dos dóis.

Quando êles é quem deve demostrar cultura para o povo imita-los

O sono surgiu fui dêitar e fiquei pensando no povo que esta condoendo se¹⁷⁰ da situação critica que o senhór Janio prepara para o dr. Adhemar – Obrigado povo. pór defender o dr. Adhemar.

18 de Dzembro. de 1958.

Deixei o leito indisposta. e fui carregar agua. Liguei o radio para ouvir as horas. Mandeí o João acender o fogo e fui fazer compras. Comprei pão manteiga e café[l']. [74] e uma escova de dente para o João. gastei 54. Dêixei o João e a Vera. Levei so o José Carlos Ele fala tanto que eu fico com dôr de cabeça. Mas as maes tem supórtar os seus filhos do gêito que são¹⁷¹. sem reclamar-se.

Eu fui na Dona Julita. Ela estava contente pórque o seu filho, senhor João pires de campos <n>/N\eto esta la. porque a sua esposa viajóu.. Ela deu-me comida e café e papel para eu trazer. ganhei uns sapatos e uns vistidos para a Vera Quem deu-me e foi aquela senhóra que resside em frente a casa da Dona Julita no numero 16.

Fiquei contente porque os sapatos estão carós demaes. e a Vera não gosta de andar [75] descalça. Onde é que ja se viu, pobre ter preferências¹⁷²?

Mandeí concertar um par. Hoje eu ia vender um pouco de estôpa para comprar um par de sapatós¹⁷³ para ela ganhei so 45. Quando cheguei na favela era 12 horas. / preparei a refeição para o João porque eu e o José Carlos almoçamos na Dona Julita

Ela nos deu manga e eu comprei mais 2 para o João 2 cruzeiros 1 manga; Isto é roubo. A manga é a fruta natural do pais. se fôsse impórtada ai sim.

¹⁶⁸ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁶⁹ *person[l-] agem*

¹⁷⁰ *condoendo se*

¹⁷¹ Til inserido com uma tinta de cor azul, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁷² *preferências* : o traçado da letra <f> parece ter sido reforçado.

¹⁷³ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

Foi o Adalberto quem pagou Quando êle tem dinheiro, êle dissipa tudo. Ele comprou um sabão para eu lavar-lhe as roupas, pagou 9 cruzeiros achou caro. Mas pór um [76] calíçe de pinga ele é capás de pagar 1.000. cruzeiros sem protesto. Ressolvi¹⁷⁴ tomar um banhho. Resulução muito justa pórque¹⁷⁵ estou¹⁷⁶ tão suja.

. Eu passei no bar para comprar 1 copo de agua mineral para o José Carlos. Aquêlê bar da Avenida do Estado na esquina da rua Deocleciana O dono do bar me olha e adimira. o meu português classico.

Eu vi um¹⁷⁷ moço saindo do interior do bar. perguntei-lhe – Ele é seu filho?

– Não. Eu sóu solteiro.

Durmo com quem eu bem entender.

Conversamos sobre palavras classicas. Falamos da copola Eu disse-lhe que quem escreve precisa conhecer o classico. [77] Eu sai do bar apressada. pórque havia dêixado a Vera. e a céna do tarado ainda esta vissivel na minha mente.

Cheguei em casa cançada

preparei comida para o córpo que ja conhece a minha voz.

<†>/a\ Dona Julita deu-me carne eu ressolvi fazer uma sôpa. puis a carne cosinhar. O Adalberto apareceu e deu-me 50.0. cruzeiros para eu guardar para êle. Quando êle chega e /*f/ala o cheiro do alcool invade o barracão. A Vera reclama. Que não gosta do cheiro de pinga. Ele reclama que não encontra mulher para dórmir com êle. pudera – qual e a mulher que vae dórmir com um homem embriagado. A mulher supórta o cheiro do suór no homem. Mas o cheiro do alcool é hórrivel [78] A Vera pidiu comida eu fui no empório comprei ovós açúcar. e um tinteiro.

Fritei um ovo para ela e o João comer com pão. e consinhei outro para o José Carlós.

Eu tenho tanto mêdo dos filhos enfraquecer-se.

Fiz sôpa de fêijão com carne e macarrão. E de<u>/i\ um pouco para o Adalberto. A tal Lêta quando viu o Adalberto ficou lhe seguindo. Pensei. Ela quer ver se consegue introdusir a mão no seu bolso para roubar lhe dinheiro.

Falei com o senhor Luiz que as vagabundas roubam o pobre Adalberto. Que êle agora esta dando-me o seu dinheiro para eu guardar.

¹⁷⁴ *Ressolvi* : o traçado reto na vertical da letra <R> foi escrito com uma caneta de tinta preta.

¹⁷⁵ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁷⁶ *estou* : o traçado da letra <e> foi reforçado com uma caneta de cor preta.

¹⁷⁷ *um* : o traçado da letra <u> foi reforçado com uma caneta de tinta preta.

A Lêta foi pedir cigarros ao Adalberto. Ele deu. Ela pediu [79] fosforós. Ele chingóu. Ela foi pedir ao senhor Luiz – Ele deu. eu estava sentada na pórtá escrevendo. Não tolero a presença da tal Lêta. Ela entrou e começou conversar com o senhor Luiz.

Falou que o Adalberto é inofensivo Eu tenho nôjo da Lêta. Ela e jovem e podia trabalhar. Mas não é recomendavel empregar-la.

Ela é cleptomaniaca. E a época não esta, para termos êstes maus elementos ao nósso lado.

Assim que ela saiu eu disse para o senhor Luiz para ficar de olho nela. Que ela foi vacinada com o sangue de rato.

Ela reapareceu com a Fernanda e pidiram pinga ao senhor Luiz eu disse-lhes que o senhor Luiz não tem amisade com o alcool Que êle é amigo dos livros pórisso e que eu ia lá para [80] procurar livros para eu ler. Ele estava lendo a geografia a pagina que apresentava os 24 governos do Brasil. Ele disse-me que trabalhou com o Juscelino no hospital Militar do Estado de Minas Que o Juscelino era Capitão médico, e êle era enfermeiro. Que era um médico de boas conversas. Que êle ficou contente quando o Juscelino candidatou-o <e>/Q\ue pensóu: agóra sim!

– O Brasil vae ter presidente! Vae ser dirigido pór um pulso de aço!. O Juscelino fala que é uma¹⁷⁸ cóisa de louco.

Fiquei ouvindo o senhor Luiz falar e pensando. pobre senhor Luiz! Um homem que esta na maturidade e ainda não compreendeu que quem fala muito deçpciona. [81] ja comigo se deu ao contrario Quando eu ouvia o Juscelino falando na radio Cultura a voz do Juscelino eu pensava:

– este homem não vae ser um pulso de aço no pais. Vae ser um pulso de materia plastica. Eu estava falando com o senhór Luiz quando ressurgiu novamente a Lêta e a Fernanda pedindo pinga e cigarros ao senhór Luiz Vendo-me escrevendo. perguntóu me: Dona Carolina, eu estou neste livro?

– Dêixa eu ver!

– Não. Quem vae ler isto, e o senhór Audalio Dantas. Que vae publica-lo.

– E pórque é que eu estou nisto?

Voçê esta aqui, pórque n aquêle dia que o Armir brigou com voçê e começou bater-te [82] voçê saiu córrendo nua para a rua. <L>/E\ as crianças começaram rir e pergunta<m>/\am pórque¹⁷⁹ é que a bunda das mulheres tem cabêlos?

¹⁷⁸ uma : o traçado da letra <m> parece ter sido reforçado.

¹⁷⁹ pórque : o traçado da abertura da letra <p> parece ter sido reforçado.

- Ela não gostou e disse-me:
 - O que é, que a senhóra ganha com isto?
 - Eles mandaram-me escrever. e eu disse-lhes que na favela não tem nada. que presta, para escrever. Que personagens de favela, são pórnógráficos e os seus atos não merecem destaque
 - Eles não tem nada com a vida dos faveladós.
 - Eu também penso assim. Mas êles me mandaram escrever.
 - A Fernanda olhou-me e disse: – a senhóra não vae ganhar nada com isto. Apósto que êles não vae dizer-te nem muito obrigado. [83] porque ja faz tempo, que a senhóra procura infiltra-se entre as que escreve, e é pôsta de lado como um sapato que já não tem mais conçoerto
 - Bem... Os jornalistas das Fôlhas falaram. parei bruscamente pensando que não tenho que dar satisfação a Fernanda. E não podendo supórtar o alíto alcoolico da Fernanda levantei e encaminhei para o pórtão dizendo-lhe: que não supórtava o cheiro do alcool.
 - El<e>/a\ olhou-me com desprêso e fez hum! sai. E elas saíram atraz de mim. e eu voltei para falar com o senhor Luiz que reclamava que a Lêta vive so pidindo dinheiro. E se ela não tem marido? pensei: a Lêta e amiga do Chiclé e de quem lhe quer.
- com a presença da Fernanda eu [84] fiquei nervosa com a presença da Fernanda. Ressolvi entrar para dentro de casa. Olhei o céu com as suas nuvens negras. que estavam prestes a transformar-se em chuva e despreender-se nos espaços. O Jose Carlos surgiu dizendo que ia buscar cartão Eu disse. para não ir. Mas, pelo que vêjo os filhos da atualidade não obdeçem aos paes. O dia que os meus filhos me obdeçer. ai o céu vae ficar da cõr do ouro. e as aves vão falar.
- Eu ja estóu tão habituada a não ser obdecida que se um dia êles ressolver obdeçer-me eu vóu nasçer a terceira dentição¹⁸⁰. Dei falta da Vera e comecei chama-la. – Quando ela ausenta-se¹⁸¹ eu fico pensando na cena do tarado. sai para procura-la. Fui pelo atêrro. [85] Estava indisposta. Fui na Dona Pina pórque todos anós elas nos da cartões e presentes. Eu estava indisposta. Quando eu passava perto da cocheira do senhor Alfrêdo um preta fez sinal para eu parar parei. para saber o que é que ela queria.

¹⁸⁰ *denti[l-] ção*

¹⁸¹ *ausen[l-] ta-se*

perguntou-me se na favela tem parteira?

– Respondi que conhecia duas aliás três curiosas. E quando e que ela espera a chegada do futuro brasileiro?

– Em Fevereiro.

Eu diss<e>/i\lhe que ate-la podíamos falar novamente. Que quando ela pre<s>/c\isa-se procurasse-me que lhe auxiliaria de bom gosto Que o meu barraco é o número 9¹⁸². Que eu estava com pressa. que eu <e>/i\la procurar a minha filha que havia ido com a turba ganhar [86] cartões.

Despedi d ela e subi. Uma rua tao estreita que tinha a impressã¹⁸³ de estar no seculo XVI.

perguntei a duas senhoras que estavam sentadas. na calçada em frente a suas casas. conversando¹⁸⁴ e sórrindo.

Vendo-as sórrindo, fiquei estupefata<s>. Como se estivesse vendo uma <v>/m\iragem.

pórque atualmente, ninguém mais sórri nêste pais: perguntei-lhe onde é que estava localizada a rua Rio Bonito?

– Ela indicóu-me.

E eu segui. Andava como sónambula ou inconciente subi a rua capitão Mas passos com sacrificio. peguei um pau para dar na Vera.

Fui na Dona Pina. Não vi os faveladós. Êste povo facil [87] de ser reconhecido porque calçam sapatos do lixo. Um pé de uma côr o outro de outra côr.

Roupas desbotadas dignas de ir para um museu.

Encontrei com o João que circulava pela rua Rio Bonito procurando a Dona Vera. Vamós voltar para a favela,. pórque eu não quero molhar. E deixa aquela cachórra Hoje eu hei de quebrar-lhe os óssós. Quando cheguei perto da sapataria do senhor gouvêia parei para falar-lhe que os sapatos que êle vendeu-me para a Vera não prestóu Que os sapatós molharam e encolheram que êle esta com má fama no bairro. Que os artigós que êles vendem não prestam. E que eu nunca mais hei de comprar sapatos la.

O empregado disse-me: nó[í´]s temos [88] sapatós bons. Mas quando voçes vem comprar é voces quem fazem os preçós.

¹⁸² 9 : o traçado do número parece ter sido reforçado com uma tinta de cor preta.

¹⁸³ Corte da última letra da palavra *impressão* foi ocasionado pelo fim da margem direita.

¹⁸⁴ *conversando*

Mas eu pedi um sapato até 120. E 120, não é quantia insignificante¹⁸⁵ cômprando um sapato para criança. Mas o que eu sei dizer é que <g>/c\ompra sapatos de 600,00 no seu gouvêia.

reclama que os sapatós deste preço, não presta. E os que compram <a>/s\apatos de 70, ou 100, diz o mesmo.

Sai nervosa com o empregado do senhor gouveia. Ao voltar para a favela encontrei com o senhór José Lucas que vinha para a favela. Começou chover. Ele ergueu o guarda-chuva para abrigar-me.

Eu re<s>/c\usei e puis o João no meu lugar. porque as mães preferem ver os filhos no abrigo [89] do que elas. Acho que as mulheres herdaram. o desvêlo maternal quando ainda estão, no embrião¹⁸⁶

O José Lucas .disse-me que os diretores do patrimonio querem que ele muda-se da favela no praso de 10 dias. – Que êle não tem para onde ir.

Fiquei ouvindo os seus lamentos que iam direto ao meu coração humano. Ouvindo o José¹⁸⁷ Lucas quêixar-se¹⁸⁸ pensava: parece que o nortista não vêio ao mundo para ser o pau de arara, mas para: ser o pau de galinheiro. Olhando os nortistas da para perçeber¹⁸⁹ que êles ja estão habituadós¹⁹⁰ a sofrêr. pórque enfrentam as vicisitudes da vida com seren<e>/i\dade. Suas fisionomias não revelam o seu estado d`alma cheguei na favela e as mulheres começaram falar que eu ia casar [90] com o José Lucas. Achei graça pensando na nóssa¹⁹¹ idade que esta tão distante uma da outra. Assim que entrei dentro de casa a chuva dispreendeu-se. Eu¹⁹² estava nervósa¹⁹³ com a Vera. Fazendo progeto de lhe expandar. Eu estava tão indisputa¹⁹⁴ e triste e pensava: acho que eu vóu mórrer hoje.

– E se eu morrer a vida dós meus filhos vae deturpar-se Eles terão que ir para o juizado E êles são atrabiliariós

E os atrabiliariós, sofrem!

¹⁸⁵ *insign ificante*

¹⁸⁶ *embrião* : a autora parece ter escrito a letra <n> e aumentado o traçado posteriormente para criar a letra <m>.

¹⁸⁷ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁸⁸ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁸⁹ Cedilha inserida com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁹⁰ *habituaf[l-] dós*

¹⁹¹ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁹² *Eu* : o traçado da letra <e> parece ter sido reforçado.

¹⁹³ Acento agudo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

¹⁹⁴ *indis puta*

A ch<o>/ulva diminuiu. A Vera chegou. Trazia uma bone<c>/q\uinha¹⁹⁵ e disse-me que um homem havia comprado para ela.

Eu¹⁹⁶ estava tao triste, Achando tudo tetrico ao meu redór Não expanquei¹⁹⁷ a Vera porqu¹⁹⁸ estava indisposta pensando [91] na mórte. puis ela para dêitar. O Jose Carlos entrou dizendo que não havia ganhando cartão. Deu janta para êles e puis êle na cama, e fui <escev> escrever. Fiquei ouvindo radio por fim fiquei nervósa pórque o sono não vinha.

Ressolvi comêr. porque quando eu como o sono surge. e eu <o>/c\onsigo durmir.

– Esquentei macarrão com feijão e comi. Depois desliguei o radio e dêitei. –praque! A minha barriha começou dóer. – Que nôite horrivel!

[92] 19 de Dezembro de 1958¹⁹⁹. Amanheci com dôr²⁰⁰ de barriga e vomita<d>/n\do. Eu disse para o João que eu não podia deixar o leito. para ele levantar-se²⁰¹ e acender o fogo e fazer o café. – Que vida! Doente. E sem ter nada para comer. Mandeí o João comprar 10 de pão. Eles comêram pão com mantêiga. Eu mandei o joão ir no ferro velho vender um pouco de estôpa e uns ferrós. Ele ganhou 23. Não dava nem para fazer uma sôpa. O José Carlos. havia pidido 10 para comprar ovos. dei os 10. E êle foi no senhor Eduardo. – Não tinha ovós. Ele foi no Chico. 3 ovos é 12. Dei-lhe mais 2. Que suplicio. e adoeçer aqui na favela. Eu tinha a impressão que estava num exilio. [93] pensei: se eu piórar²⁰², eu vou escrever um bilhête para o Audalio vir fazer meu enterro. e arranjar um orfanato para os filhós. Levantei para ver o que e que os filhós havia levado para vender. sai para o quintal e cai. com os pés para fóra e o tronco debaixo do póráo. O José Carlos tentou erguer-me <.>/–

¹⁹⁵ bone<c>/q\uin[l-] ha

¹⁹⁶ Eu : o traçado da letra <E> parece ter sido reforçado.

¹⁹⁷ expanquei : o traçado da letra <p> parece ter sido reforçado.

¹⁹⁸ Corte da última letra da palavra *porque* foi ocasionado pelo fim da margem direita.

¹⁹⁹ Data escrita no centro da margem superior.

²⁰⁰ Acento circunflexo inserido com uma tinta de cor preta, no âmbito de uma campanha de revisão.

²⁰¹ levan[l-] tar-se

²⁰² piórar : o pingo da letra <i> e o acento agudo da letra <o> parecem inseridos com uma caneta de cor preta.

\ pensei, hoje é o meu ultimo dia em cima da terra. passei pela terra sem cónseguir o que idealisei. Nasçendo no Brasil,. tenho a impressão que vivi sempre dentro de uma garrafa. pobres filhós.! será que vão andar sujós? Será que vão sentir saudades de mim? Quantas anedotas vão surg<i>/i>r em torno do meu nome. pórque o poeta rico, fica [94] fica celebre. com uma aureola²⁰³ de respêito envolvendo o seu nome. E o poeta das margens. do lixo, fica celebre com uma pórnógrafia em tórno do seu nóme. Igual ao Manoel Maria du Bocage²⁰⁴.

Entrei para dentro do barraco e deitei andando so 5 passo eu fiquei tão cançada como se eu tivesse ido, no Japã²⁰⁵ a-pé <.>/-\\ Dêitei e comecei vomitar. Um vomito amargo e verde. percebi que havia melhorado. sentei na cama e comecei catar as pulgas. A ideia da morte ja ia afastandó-se. E eu comecei fazer planos para o futuro²⁰⁶ Mandei o João voltar no senhor Manoel para vender um pouco de borrach<†>/a\\ [95] Ele²⁰⁷ disse: isto vae dar so 10 cruzeirós Não queria ir.

Eu disse-lhe. que quem esta são não deve ter prigiça. Que quando êle adoeçe todos trabalham pa<e>/r\\a êle. Que o José Carlos vae comprar lodo e eu dou-lhe banhós quentes.

–Eu vou! Eu vou! resolveu êle de mau humôr. E fói.

ganho so 10. Mandei êle comprar 10 de carne moida e fiz uma sôpa. – A Vera não góstou. surgiu o filho do pinho o tal Neco. Ou Meco. para mim êle é o diabo. Menino desgraçado. parece que êle fez promessa de atentar-me. Ele e o Claudio Mathias. começaram jogar latas de sardinhas podres no pórtão O João disse para eu ir ver. Ressolvi le<n>/v\\antar. e vi as môscas²⁰⁸ que agrupavam nas [96] sardinhas podres. <e>/E\\ exalava um odór horrível.

Lembrei de um artigo que eu li. Artigo de Hitler²⁰⁹. que disse: que os latinós se diverte prejudicando os óutrós <.>/-\\ peguei 1 lata de sardinha e joguei no tal Meco. e lhe su<j>/g\\ei de sardinha[s] podres. percibi as moscas indo na sua direção. Expulsei o Claudio. que já sabe que eu quando enfizo sóu viólenta.

²⁰³ *aureo*[l-] la

²⁰⁴ Trata-se do poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805).

²⁰⁵ Corte da última letra da palavra *Japão* foi ocasionado pelo fim da margem direita.

²⁰⁶ *futuro* : o traçado da segunda letra <u> foi reforçado.

²⁰⁷ *Ele* : o traçado da primeira letra <E> parece ter sido reforçado.

²⁰⁸ *môscas* : o traçado da primeira letra <s> parece ter sido reforçado.

²⁰⁹ Trata-se do líder do partido nazista alemão, Adolf Hitler (1889-1945).

Dei uns tapas na Vera. porque foi²¹⁰ ela quem trouxe as sardinhas. aqui para perto de casa. Fui falar para o Pinho dar um gêito no filho d'ê ele que ê ele atenta demais. Fui encher um calderião de água. Quando eu estava na tórneira [contracapa]

²¹⁰ *foi* : o traçado da letra <f> parece ter sido reforçado.

3. ÍNDICE DE PESSOAS

Adalberto – Frequentador do barraco de Carolina de Jesus. Nos diferentes trechos em que seu nome aparece no manuscrito, a autora faz questão de mencionar seu problema com a bebida.

[Dona] Adelaide – Moradora da comunidade do Canindé, possivelmente costureira (Jesus, 2015: 168).

[Dr.] Adhemar – Ademar Pereira de Barros (1901-1969) foi um influente político brasileiro, eleito duas vezes governador do estado de São Paulo (de 31 de janeiro de 1963 e de 14 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951). Em junho de 1946, fundou o Partido Social Progressista (PSP), legenda pela qual candidatou-se à presidência da república em 1995. Perdeu as eleições para Juscelino Kubitschek.

[Dona] Angelina – também referida como Angelina Preta é moradora da favela do Canindé. Aparece constantemente envolvida em brigas na comunidade.

[Dona] Anita – Citada como uma doadora de roupas e alimentos para Carolina de Jesus.

Audálio Dantas – Jornalista do grupo Folha e da revista *O Cruzeiro*, na época. Foi quem descobriu os manuscritos de Carolina de Jesus e quem editou suas duas primeiras obras: *Quarto de Despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961).

Carlos Kherlakian – Político eleito três vezes deputado estadual de São Paulo pelo partido PRT (Partido Republicano Trabalhista) em 1954, 1958 e 1962.

Celso Favero – Filho de Dona Rosalina.

[Senhor] Chico - Dono de um depósito de ferro, onde Carolina de Jesus vendia materiais encontrados no lixo.

[Senhor] Eduardo - Funcionário de um empório onde Carolina comprava alimentos.

[Senhor] Gouveia – Dono de uma sapataria.

João – João José de Jesus foi o primeiro filho da autora, nascido em 1948, fruto do relacionamento com um marinheiro português. Era trabalhador e tinha uma forte ligação com a mãe. Morreu quatro meses após a escritora, no ano de 1977 (Meihy, Levine, 2015: 95).

João Nórtista – Carolina de Jesus refere-se constantemente ao baiano como “aquele com dois dentes de ouro”, que se envolveu amorosamente com uma moradora do Canindé casada.

João Pires – Esposo da Dona Julita.

José Carlos – Trata-se do segundo filho de Carolina de Jesus, José Carlos de Jesus, nascido em 1950 após relacionamento com um espanhol. Segundo sua irmã, Vera Eunice, ele era “o

preferido” da mãe (Meihy, Levine, 2015: 93). Moradores da favela o consideravam um “menino impossível” (Meihy, Levine, 2015: 131).

[Dona] Juana – Citada como uma mulher que doava alimentos para a escritora.

[Dona] Julita – Também conhecida por Carolina de Jesus como sua “mãe branca”. Doava constantemente alimentos e papéis para ajudar no sustento da autora.

Juscelino – Juscelino Kubitschek (1902-1976), presidente da república entre 1956 e 1961. Sua gestão transferiu a capital do país para Brasília e procurou desenvolver o Brasil com a abertura ao capital estrangeiro.

Leila – Moradora da favela, mãe de duas filhas e que, segundo a autora, sofria de alcoolismo.

Leon – Comprador de papéis catados por Carolina de Jesus.

Leta – Moradora da favela e amiga da Meiri.

[Senhor] Luiz – Segundo Carolina de Jesus, um morador “amigo dos livros” que teria trabalhado como enfermeiro, enquanto o ex-presidente do Brasil Juscelino Kubitschek ainda era médico no hospital Militar do Estado de Minas. JK trabalhou na unidade de saúde de 1931 até meados dos anos 1940.

[Senhor] Manoel – Dono de um depósito de ferro.

Manoel Durães – Ator brasileiro de radionovelas.

Meiri – Mulher negra e temida na favela do Canindé, pois carregava sempre um gilete consigo (Jesus, 2015: 72).

[Dona] Nenê – Moradora do Canindé, descrita como uma grande cozinheira.

Orlando Lopes – Cobrador do dinheiro dos gastos de energia elétrica.

Padre – Parece tratar-se de Frei Luiz, citado na página 81 do *Quarto de Despejo* (Jesus, 2015) como o dono do “carro capela” e que ensinava trechos bíblicos aos moradores do Canindé, todos os sábados. Também dava aula de catecismo para as crianças e passava filmes católicos na comunidade.

[Dona] Pina – Doadora de cartões e presentes.

[Dona] Rosalina – Moradora da favela do Canindé, mãe de quatro filhos e também catadora de papel (Meihy, Levine: 2015: 133).

[Dona] Sebastiana – Moradora do Canindé e mãe da Meiri.

Tibúrcio – É mencionado como um homem de “físico defeituoso e alma também” (Jesus, 2015: 107), que construiu e vendeu sete barracões no Canindé. Não residia na favela e pedia esmola.

Vera – Vera Eunice de Jesus Lima é a filha mais nova da autora, nascida em 1953. Casou, virou professora e, hoje, é a representante legal do espólio da escritora (Barcellos, 2015: 20).

Zefa – A baiana Maria José, também chamada de “Zefa”, era moradora do Canindé, mais precisamente no barracão da Rua B, número 9 (Jesus, 1960: 17). Segundo Carolina de Jesus, era o “leão da favela” (ms. p. 38), conhecida por armar confusões e brigas.

[Dona] Zenaide – Vizinha russa de Dona Julita, que doava alimentos para a autora.

CONCLUSÃO

O percurso editorial da primeira obra de Carolina de Jesus – desde a inspiração que Dantas teve ao encontrar os diários até ao lançamento do livro *Quarto de Despejo* – foi marcante para a sua difusão até aos nossos dias. Tanto a edição inicial, como as seguintes, sugerem a hipótese de existir, pelo menos, uma lacuna no campo bibliográfico da obra.

No prefácio da edição de 1960, o editor afirma ter selecionado trechos do diário “sem alterar uma palavra para compôr o livro”. Se por um lado Dantas diz que respeita a grafia e a narrativa do manuscrito, o que corresponderia a uma opção conservadora, as normas de transcrição que aplicamos demonstram antes a adoção de atitudes modernizadoras e de intervenção significativa, tal como se vê em correções ortográficas e pela criação de lacunas em períodos de “repetição” da narrativa. De acordo com Cambraia, uma edição deve ser movida por um conjunto adequado de normas, que devem obedecer a quatro princípios norteadores: a) apropriadas ao tipo de edição, b) internamente coerentes, c) rigorosamente aplicadas e d) explícitas. Sobre o último princípio citado, este pesquisador diz que não se pode exigir do público leitor adivinhar os procedimentos adotados em cada parte da transcrição, pois “apenas quem viu o modelo é capaz de sabê-los” (CAMBRAIA, 2005, p. 110). Vimos na seção 3.2, intitulada “a mão do editor”, casos de diferenças entre o manuscrito e o texto do livro que não foram incluídos nas normas apresentadas aos leitores, tal como a realização de acréscimos, substituições e supressões sobre o conteúdo original.

O levantamento reforçou a hipótese de que embora o estudo da obra esteja em ascensão no meio acadêmico brasileiro desde 1990, o público especializado carece de uma edição que se propusesse a manter as características originais do manuscrito, tal como a grafia, a pontuação e a manutenção das variantes. Por esta razão, adotamos normas de transcrição conservadoras.

A dissertação tinha como objetivo final apresentar uma edição genética do *Caderno 11*, a fim de delinear o percurso criativo de Carolina Maria de Jesus e oferecer uma fonte de consulta a críticos literários e a linguistas. Embora o diário apresente raros elementos de gênese, uma análise mais detalhada do desenvolvimento da narrativa revelou comportamentos que podem ter sido originados pela consciência de um público leitor e pela satisfação de uma finalidade que é menos um registo privado e mais um projeto de publicação, tal como sugerem as campanhas de correção e o reforço de letras.

No capítulo “Dantas para além da edição”, procuramos demonstrar que a autoridade do editor influenciou a narrativa do diário. Exemplos do próprio manuscrito indicam tomadas de decisões narrativas que tiveram influência direta do jornalista. Note-se, a este respeito, a passagem “êles me mandaram escrever” (cf. p. 49 desta dissertação), escrita pela mão de Carolina de Jesus, no dia 18 de dezembro de 1958. Ao dizer “eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro”, chegamos a conclusão que Dantas mudou a orientação da narrativa do diário, quebrando a espontaneidade dos escritos diáristicos de Carolina de Jesus. A história da autora nos permitiu enxergar com mais clareza os motivos pelos quais a escritora deixou seu desejo de publicar romances e provérbios para escrever diários, mesmo que esta não fosse a sua prioridade. Concluímos que a originalidade dos relatos diários pode ter sido quebrada, sobretudo, por seu desejo incessante de abandonar a favela.

Este trabalho abre questões acerca dos manuscritos anteriores ao aparecimento de Dantas na vida de Carolina de Jesus, mais precisamente dos dois diários de 1955. Levantamos a hipótese de que um estudo comparativo futuro entre os testemunhos correspondentes aos dois períodos de produção diarística de Carolina de Jesus possa revelar características mais espontâneas da originalidade da autora no relato do dia a dia de meados dos anos 50, bem como certificar ou anular dúvidas acerca das possíveis mudanças feitas no texto que poderiam se relacionar com a influência de Dantas ou com a consciência de um público leitor, tal como a presença de verbos sinonímicos, vista no capítulo 3. O estudo de diários posteriores ao *Caderno 11* também seria de grande importância para avaliar se as características encontradas neste trabalho se mantiveram.

As conclusões a que chegamos pela análise do manuscrito foram relacionadas ao texto *A Critique of Modern Textual Criticism*, de McGann (1983). O pesquisador norte-americano diz que a obra literária no período moderno é concebida por meio de condições institucionais e esta relação não pode ser vista sempre como uma influência “alienígena” (1983, 103).

Estudar a gênese do manuscrito até a publicação do livro revelou um processo de interferência (abusiva ou colaborativa em medidas diferentes conforme o ponto de vista que pode ser adotado) do editor na produção autoral. Ao entendermos que a busca pelo “texto original” – como aquele que não apresenta qualquer mediação – é uma ideia utópica, buscamos apresentar um texto que seja o mais fiel possível ao diário de Carolina de Jesus, ele próprio um documento originalmente mediado. Como observamos no capítulo 3, é difícil, para não dizer impossível, buscar a originalidade do *Caderno 11*, excluindo fatores “contaminantes” do editor, visto que o registro diarístico foi sugerido e mediado diretamente por um “outro” após 1955. Conforme a posição de McGann, definimos a edição que

apresentamos neste trabalho não como a documentação da intenção final exclusivamente da autora, mas como um registro do que Carolina de Jesus escreveu sob a influência e orientação direta de Audálio Dantas.

Dissemos logo na introdução deste trabalho que o que une admiradores e críticos de Carolina de Jesus é a crença equivocada de que *Quarto de Despejo* é uma obra representativa da escrita da autora. Se por um lado, admiradores defendiam a originalidade do relato, críticos atribuíam o vocabulário “poético” da autora a uma forte intervenção de Dantas, como se a linguagem rebuscada não pudesse fazer parte de seu repertório. Esta convicção foi rompida por pesquisadores após os anos 1990 ao demonstrarem que, não só este léxico faz parte da escrita da autora, como as intervenções realizadas na preparação do *Quarto de Despejo* representam uma tentativa de “diminuir” sua originalidade, na adequação da narrativa de Carolina de Jesus ao estereótipo de como uma mulher negra, favelada, com poucos anos de instrução formal deveria escrever.

A análise da transcrição do *Caderno 11* comprova a opinião de críticos sobre o tratamento dado por Audálio Dantas em dois pontos principalmente: atestamos que parte da linguagem do original não representa aspectos do português popular brasileiro e identificamos que as mudanças feitas na obra vão além da simples aplicação das normas de transcrição apresentadas pelo jornalista. Com a edição genética, buscamos apresentar um texto o mais fiel possível ao que saiu da caneta de Carolina de Jesus, embora o estudo mais aprofundado do percurso da obra e a avaliação da influência de Dantas na narrativa indique que grande parte da intenção original da autora pode nem ter sido materializada no manuscrito.

BIBLIOGRAFIA

Obras da autora

JESUS, Carolina Maria de **Quarto de Despejo**. 7ª edição, São Paulo: Francisco Alves, 1960.

Quarto de Despejo. 10ª edição, São Paulo: Ática, 2015.

Casa de Alvenaria. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Estudos sobre Carolina Maria de Jesus e outras obras

BARACAT, Juliana. Carolina e seu ideal de eu. **Revista Baleia na Rede**, v.1, nº 3, p. 75-80. São Paulo: Unesp, 2006. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1370/1195>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BARCELLOS, Sérgio da Silva. Diários Revisados – Sujeitos Retocados. **Revista Escrita**, v.7, p. 1-12. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=8418@1>. Acesso em: 5 mar. 2017.

_____. **Vida por Escrito. Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro e Sacramento: Bertolucci, 2015.

BAKKEJORD, Kaja Rindal. **Técnicas de substituição e supressão dos clíticos no português do Brasil**, University of Oslo, 2008. Disponível em: <<https://www.duo.uio.no/handle/10852/26213>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

BERARDINELLI, Cleonice (ed.). **Poemas de Álvaro Campos**, Série Maior, volume II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo, VIEIRA, Sílvia Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística//Noun and verb agreement in Brazilian Portuguese and Sao Tome Portuguese: a sociolinguistic approach. **PAPIA- Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 22.1, p. 7-39. São Paulo: USP, 2012.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARNEIRO, Zenaide; GALVES, Charlotte. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 18, n.2, p. 7-38. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CASTRO, Ivo , RAMOS, Maria Ana. Estratégia e tática da transcrição. **Critique Textuelle Portugaise**, p. 99-122. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da, e CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, 21ª ed., Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2014.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. **Quarto de Despejo**, 2015, prefácio da 10ª edição, São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Casa de Alvenaria**, prefácio, São Paulo: Francisco Alves, 1961.

_____. Nossa irmã Carolina. **Quarto de Despejo**, prefácio, 7ª edição. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

FERNANDEZ, Raffaella Andrea. Manuscritos inacabados: folhas esparsas em narrativas de gênese ou experimentos de uma obra. **Vida por Escrito. Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro e Sacramento: Bertolucci. pp. 316-328, 2015.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. A escrita como lugar de resistência no diário de Carolina Maria de Jesus. **Vida por Escrito. Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro e Sacramento: Bertolucci. pp. 300-315, 2015.

LAVORATI, Carla. Uma voz que vem das margens: Carolina Maria de Jesus, a cantora improvável. **Antares: Letras e Humanidades**, v.6, n.12, p. 168-182, 2014.

LEJEUNE, Philippe. *Signes de vie – Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil, 2005.

LEVINE, Robert M. The cautionary tale of Carolina Maria de Jesus. **Latin American Research Review**, v. 29, n.1, p. 55-83, 1994.

_____, MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____, MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus** (2ª ed.). Sacramento: Bertolucci, 2015.

MACHADO, Marília Novais da Mata. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, nº 2, p.105-110, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000200014&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso: 10 fev. 2017.

MCGANN, Jerome J. **A critique of modern textual criticism**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Repensando Carolina Maria de Jesus. **Revista Diversitas**, n. 3, pp. 522-529. São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/viewFile/113905/111761>>. Acesso: 30 jul. 2017.

MELO, Pedro da Silva de. **Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita: Um estudo sociolinguístico de Quarto de Despejo**. Dissertação de pós-graduação em Filologia e Língua

Portuguesa da USP. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27062014-104330/pt-br.php>> Acesso em: 03 mar. 2017.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432/en.php>>. Acesso: 1 mar. 2017.

OLIVEIRA, Erica Cristina de. **De Quarto de Despejo a Le dépotoir, o processo de refração na reescrita do diário de Carolina Maria de Jesus**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-06122012-120830/en.php>> . Acesso em: 10 abr. 2017.

PERPÉTUA, Elzira Perpétua. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

_____. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n° 22, p. 63-83. Brasília: UnB, 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2182>>. Acesso: 5 mar. 2017.

PETRUCCI, Armando. **La descrizione del manoscritto. Storia, problemi, modelli**. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1984.

ROSITO, Valeria. “Literatura brasileira a contrapelo ou o que querem e o que podem os estudos carolinianos na cena acadêmica contemporânea”. **Vida por Escrito. Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**, pp. 271-281. Rio de Janeiro e Sacramento: Bertolucci, 2015.

Reportagens

AURELI, Willy. Carolina Maria, poetiza preta. **Folha da Manhã**, São Paulo. 25 fev. 1940.

DANTAS, Audálio. O drama da favela escrito por uma favelada: Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive, **Folha da Noite**: São Paulo. 9 mai. 1958.

Getúlio será presidente. **O Defensor**, Rio de Janeiro. 17 jun. 1950. [artigo sem autoria]

GUIMARÃES, Cleo e FORTUNA, Maria. ‘Racha’ entre intelectuais sobre obra de Carolina de Jesus: clima cada vez mais tenso. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 abr. 2017. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/racha-entre-intelectuais-sobre-obra-de-carolina-de-jesus-clima-cada-vez-mais-tenso.html>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

O livro da favelada. **O Globo**, Rio de Janeiro. 20 ago. 1960.

MARTINS, Wilson. Mistificação literária – Quarto de Despejo”, ‘best-seller’ de 1960 , deve ser atribuído a Audálio Dantas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. 23 out. 1993.

PENTEADO, Regina. Carolina: vítima ou louca? **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 1 dez. 1976.

‘Quarto de Despejo’: Recorde. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 20 ago. 1960. [artigo sem autoria]

RANGEL, Carlos. Após a glória, solidão e felicidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 29 jun. 1975.